

LUIZ CLÁUDIO RODRIGUES COSTA

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA TELEVISÃO: VAI TUDO
BEM?**

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Orientadora: PROFESSORA DOUTORA ANGELA PAIVA DIONISIO

RECIFE

2003

**ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA TELEVISÃO: VAI TUDO
BEM?**

LUIZ CLÁUDIO RODRIGUES COSTA

EXAMINADORES:

Professora Doutora Ingedore Grunfeld Villaça Koch – UNICAMP – IEL

Professora Doutora Angela Paiva Dionisio

Professora Doutora Dilma Tavares Luciano

Ao meu velho e sempre querido pai, que, embora não tenha tido muita oportunidade na vida, soube ter a grandeza de me oferecer a principal riqueza do homem: o amor sem preço.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Angela Paiva Dionisio pela orientação na elaboração desta dissertação.

À professora Doutora Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante pelas sugestões e pelo apoio oferecidos carinhosamente.

À Renata, minha esposa e amiga, pela colaboração e pelas sugestões.

À Cassandra, pela maravilhosa colaboração na digitação dos programas.

Às amigas Adriana, Áudria, Karina e Karine pelos momentos de bondade e de solidariedade dispensados a mim.

A Heraldo e à Diva pela atenção que tanto me deram.

E aos demais, que, de alguma maneira, contribuíram na elaboração desta dissertação.

RESUMO

Este trabalho analisa as concepções de língua, de gramática e de norma lingüística dos programas *Programa de Palavra*, *Nossa Língua Portuguesa* e *Afinando a Língua*. Para tanto, buscamos: a) entender a língua como atividade social, a gramática como a própria língua em uso e a norma lingüística como resultado desse uso, sendo a competência comunicativa a meta precípua do ensino de língua; b) descrever os quadros e analisar a abertura e o fechamento dos mesmos; c) analisar as estratégias de ensino dos conteúdos; e d) investigar e confrontar as concepções de língua, de gramática e de norma lingüística subjacentes às explicações e às definições dos programas, discutindo, ainda, os objetivos que cada produção estabelece para o trabalho com o idioma e os possíveis preconceitos lingüísticos. Finalmente, nossas análises constataram que o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* vêem a língua como *código*, a gramática como um *conjunto de regras a serem seguidas* e a norma lingüística como *ideal de língua*, sendo o ensino da *norma-padrão* o objetivo principal, diferentemente do *Afinando a Língua*, que vê a língua, a gramática e a norma lingüística, respectivamente, como *atividade social e cognitiva*, como a *própria língua em funcionamento* e como *resultado dos usos que fazemos da língua*, ficando o ensino de língua destinado ao *domínio da norma-padrão*, ao *funcionamento da língua* e ao *raciocínio científico*.

SUMÁRIO

	Página
Introdução	08
Capítulo I – NOÇÕES DE LÍNGUA, DE GRAMÁTICA E DE NORMA LINGÜÍSTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	13
1. Língua: concepções e objetivos de ensino.....	13
2. Concepções de gramática e de norma lingüística	29
Capítulo II – DESCRIÇÃO DOS PROGRAMAS <i>PROGRAMA DE PALAVRA, NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA E AFINANDO A LÍNGUA</i>	41
1. Elementos de composição dos programas	41
Programa de palavra	42
Nossa Língua Portuguesa	45
Afinando a Língua	47
2. Vai começar o programa: uma análise das aberturas	50
3. Vai terminar o programa... ..	58
Capítulo III – ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DAS PRODUÇÕES TELEVISIVAS <i>PROGRAMA DE PALAVRA, NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA E AFINANDO A LÍNGUA</i>	67
1. Descrição e Análise das Estratégias	67
Exibição de videoclipe	68
Utilização de esquemas.....	73
Utilização de enquete	77
Encenação de peça teatral	82
Leitura de e-mail e de fax	87
Leitura de verbete de dicionário	89
Leitura de bilhete	91
Realização de entrevista oral	92
Capítulo IV – ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, DE GRAMÁTICA E DE NORMA LINGÜÍSTICA NOS PROGRAMAS-AULAS	94
1. A Língua Materna nos Programas: Concepções e Objetivos.....	94
2. Gramática e Norma Lingüística nos Programas-Aulas: Concepções e Objetivos	102
Conclusão	121
Bibliografia	127

ÍNDICE DE QUADROS, ESQUEMAS E TABELAS

Quadros	Página
Quadro 1: Paradigma Formal x Paradigma Funcional	17
Quadro 2: Gramática Formal x Gramática Funcional	18
Esquemas	
Esquema 1: Estrutura do Programa de Palavra	44
Esquema 2: Estrutura do Programa Nossa Língua Portuguesa...	47
Esquema 3: Estrutura do Programa Afinando a Língua	50
Tabelas	
Tabela 1: Estratégias Motivadoras para Ensino dos Tópicos Gramaticais	68
Tabela 2: Relação dos Assuntos Utilizados nos Programas	102

INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa vem sendo, no Brasil, alvo de muitas controvérsias, principalmente entre lingüistas e professores que ganharam notoriedade na mídia, especificamente na televisão. De um lado, reclama-se bastante pela onda crescente de programas que “só consideram dignas do rótulo LÍNGUA PORTUGUESA as realizações lingüísticas que obedecem às regras da gramática da suposta variedade de língua usada pelos membros dessas classes sociais dominantes” (Bagno, 2000:119); de outro, acusam-se os cientistas da linguagem de “críticos de plantão” (Sérgio Nogueira, *Programa de Palavra*).

Toda essa discussão acontece num momento em que apresentadores de programas sobre a língua portuguesa conseguem ganhar verdadeiras fortunas conquistando audiência e vendendo livros sobre regras gramaticais. Tomem-se como exemplos os *best-sellers* *Inculto e bela*, *Português com o professor Pasquale*, *O dia-a-dia da nossa língua* e *O Brasil na ponta da língua*, todos do professor Pasquale Cipro Neto; e *Língua viva – uma análise bem-humorada da linguagem do brasileiro*, do também professor Sérgio Nogueira.

Essa enorme receptividade que profissionais como Pasquale Cipro Neto e Sérgio Nogueira têm junto ao público vem provocando uma onda de protestos feitos por vários lingüistas, que os acusam de “ditadores verborrágicos” (Savioli, in *Cult*, 2002:37) que “passaram a ensinar português na mídia em doses homeopáticas”, fingindo “que dão tudo ao consumidor e resolvem seus problemas, mas, na realidade, escondem o saber no fundo de suas cartolas” (Neves, in *Cult*, 2002:39). Por outro lado, Pasquale Cipro Neto rebate as críticas

dizendo que “para eles, a língua é um vale-tudo e, portanto, estamos errados em querer corrigir erros comuns” (in *Cult*:2002:40).

O profissional midiático mais conhecido pelos brasileiros, responsável pelo aparecimento de vários outros consultores gramaticais, é Pasquale Cipro Neto. Professor do curso pré-vestibular *Anglo* de São Paulo, colunista da *Cult*, da *Folha de S. Paulo* e de *O Globo*, apresentador de programas de rádio e TV e consultor do *Manual de Redação da Folha*, não perde tempo em afirmar que os lingüistas “têm inveja do sucesso que a gente faz” e que o trabalho destes é insignificante:

“Não tenho nada a ver com o mundinho acadêmico. Já me convidaram para fazer mestrado, mas não acredito nesse negócio de escrever tese sobre o caruncho que dá no saco do búfalo texano e depois vir para o Brasil sem saber nada. É um pessoal metido!” (in *Cult*, 2002:39)

A preocupação com a “correção” gramatical não é exclusividade dos professores midiáticos. São comuns comentários paralelos sobre os “erros” gramaticais cometidos pelos brasileiros de um modo geral:

“Erros freqüentes de português costumam freqüentar, despercebidamente, discursos de universitários, programas de televisão e até páginas de jornal. Alguns aparecem ao sabor de modas, outros persistem por parecerem corretos. Há também os que são impostos pelo avanço tecnológico.” (Giron, 2002:40)

A verdade é que o estudo do nosso idioma deixou de ser exclusividade das escolas e passou a disputar a audiência nas emissoras de televisão. Comentários sobre *composições musicais, poesias, romances, contos* etc. podem ser vistos facilmente em emissoras como a *Rede Globo*, o *SBT*, a *Cultura*, a *STV* e o *Canal Futura*. Nesse contexto educativo, os alunos se transformaram em telespectadores, os mestres passaram a ser animadores e as salas de aula se converteram em auditórios.

O enorme sucesso com o público que fazem programas como **Programa de Palavra** (STV), apresentado pelo professor Sérgio Nogueira, **Nossa Língua Portuguesa** (TV Cultura), conduzido pelo também professor Pasquale Cipro Neto, e **Afinando a Língua** (Canal Futura), apresentado pelo guitarrista dos *Titãs* Tony Bellotto, nos levantou a seguinte pergunta: o que há de tão fascinante nesses programas que atrai as pessoas? Foi pensando nesse fascínio e na capacidade da mídia televisiva em formar opinião que resolvemos investigar as concepções de **língua**, de **gramática** e de **norma lingüística** adotadas por essas produções educativas. Entendemos que tal investigação é importante porque nos dará subsídios para discutirmos com a sociedade a relevância do que está sendo feito pelo ensino de língua portuguesa nas emissoras de televisão do nosso país.

Coletado durante o período compreendido entre agosto de 2000 e janeiro de 2001, o *corpus* analisado é formado por 15 (quinze) gravações em vídeo dos programas referidos anteriormente, divididas em 05 (cinco) para cada um deles. Trabalhando os tópicos próprios da gramática normativa, as três produções televisivas, por meio de quadros variados, procuram esclarecer as dúvidas dos telespectadores-alunos sobre a língua portuguesa, ou melhor, sobre a *norma-padrão*, nem sempre da mesma maneira.

A fim de que seja dado ao leitor um direcionamento dos passos que estabelecemos para a análise das produções educativas *Programa de Palavra*, *Nossa Língua Portuguesa* e *Afinando a Língua*, resolvemos dividir esta dissertação em quatro capítulos.

No capítulo 1, **Noções de Língua, de Gramática e de Norma Lingüística: Algumas Considerações**, faremos uma exposição teórica sobre as concepções de *língua*, de *gramática* e de *norma lingüística*, como também dos *objetivos do*

ensino de língua que orientarão nossas análises a respeito das produções educativas *Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua*, sendo toda a nossa análise baseada nos seguintes autores: Saussure (1977), Chomsky (1957 apud Lyons, 1987), Bruner (2001), Castilho (1998), Dik (1978 apud Neves, 1997), Halliday (1985 apud Neves, 1997), Neves (1997, 2002), Geraldi (1996, 1997), Bagno (1999, 2000, 2001), Soares (1996, 1998), Marcuschi (1998, 2000a, 2000b), Bakhtin (1995), Perini (1995), Travaglia (1997), Possenti (1998), Britto (1997), Leite (1998, 1999a, 1999b), Coseriu (1987 apud Leite, 1998), Rey (2001), Aléong (2001), Câmara Jr. (1997) e Ferreira (1999).

No capítulo 2, **Descrição dos Programas *Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua***, descreveremos as estruturas organizacionais desses programas, confrontando-as em seguida no que se refere à forma como cada um utiliza dois elementos constitutivos do evento comunicativo, a *abertura* e o *fechamento*, tendo Luciano (2000) como mais uma referência teórica.

No capítulo 3, **Estratégias Metodológicas das Produções Televisivas *Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua***, mostraremos e comentaremos os objetivos estabelecidos pelas três produções educativas em análise ao se utilizarem de estratégias motivadoras dos conteúdos das aulas, bem como faremos um confronto entre as formas como cada programa trabalha esses recursos didáticos, ficando nossa análise acrescida dos autores Rabaça e Barbosa (2001), Medeiros (1997), Ferreira (1999) e Dionísio (2002).

Por fim, no capítulo 4, **Análise das Concepções de Língua, de Gramática e de Norma Lingüística nos Programas-Aulas**, investigaremos e confrontaremos as concepções de *língua*, de *gramática* e de *norma lingüística*

subjacentes às explicações e às definições dadas pelas produções educativas abordadas, observando, ainda, os objetivos que cada uma delas estabelece para o trabalho com a língua portuguesa e os possíveis preconceitos lingüísticos advindos das concepções adotadas em cada um dos programas, ficando toda a nossa análise baseada nos autores citados no primeiro capítulo.

Esperamos que o nosso trabalho possa contribuir, de alguma maneira, com a discussão que hoje se faz sobre o ensino de língua portuguesa na mídia televisiva. Queremos deixar bem claro que nossa intenção não foi estabelecer uma verdade, mas discutir algumas idéias que dizem respeito aos rumos de nossa educação.

Capítulo I

Noções de Língua, de Gramática e de Norma Lingüística: Algumas Considerações

Neste capítulo, faremos uma exposição teórica a respeito das concepções de **língua**, de **gramática** e de **norma lingüística**, bem como dos *objetivos do ensino de língua* que orientarão nossas análises sobre as produções educativas *Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua*.

1. Língua: concepções e objetivos de ensino

Saussure (1916), no seu **Curso de Lingüística Geral**, considera a língua como um sistema de signos, no qual cada signo é formado de um *significante* e de um *significado* e da associação arbitrária entre esses dois elementos. Sendo um sistema, a língua constitui uma *teia de relações* na qual os elementos

componentes só podem ser definidos a partir das relações distintivas e opostas que mantêm entre si. Ainda para o lingüista genebrino, a língua é um fato social, cuja existência é motivada pela necessidade que temos de nos comunicar.

Embora pertença a todos, não pode ser criada nem modificada pelos indivíduos, uma vez que lhes é exterior. Entretanto é passível de fixação e de sistematização em dicionários e em gramáticas, sendo um patrimônio extenso que ninguém possui completamente.

Chomsky (1957), cuja obra **Syntactic Structures** dá início ao chamado período *gerativo-transformacional* da Lingüística, entende que as propriedades formais das línguas e a natureza das regras exigidas para a descrição destas são muito mais importantes do que as relações entre a linguagem e o mundo. Nesse sentido, define a língua como um sistema com uma estrutura própria, um processo mental que é parte do sistema cognitivo do ser humano, sendo este possuidor da gramática de sua língua em função de sua *competência lingüística*, ou seja, de sua capacidade de produzir, por meio de um conjunto finito de regras, um conjunto infinito de frases.

A partir da década de 50, segundo Bruner (2001), duas concepções significativas extremamente divergentes sobre o funcionamento da mente começaram a se desenhar no cenário científico: a mente como um **mecanismo computacional** e a mente como **algo constituído pela cultura humana** e realizado na mesma.

A primeira visão procura ver de que forma informações finitas, codificadas, sem ambigüidades sobre o mundo, são inscritas, selecionadas, organizadas, recuperadas e administradas em geral por um mecanismo computacional. Tal

ponto de vista toma as informações como são dadas, como se fosse algo já estabelecido em relação a algum código preexistente.

A segunda visão está pautada na idéia de que a mente não poderia existir sem a cultura. Nesse sentido, mesmo que o ser humano pareça operar sozinho sua busca de significados, não pode fazê-lo sem a ajuda dos sistemas simbólicos da cultura. E esses sistemas simbólicos são também conservados, elaborados e transmitidos a gerações sucessivas que, em função dessa transmissão, continuam mantendo a identidade cultural e o modo de vida, e é nessa segunda concepção de mente que Bruner se insere.

Perceba-se que toda essa discussão a respeito da mente ainda não está resolvida, pelo menos se tomarmos por base os embates teóricos observados no âmbito da Lingüística, atualmente, no que se refere às concepções de língua.

Segundo Castilho (1998), estamos vivendo uma crise científica que está afetando tanto os estudos lingüísticos quanto o ensino de língua materna. Tal situação pode ser compreendida melhor tomando-se por base os três grandes modelos teóricos de interpretação da linguagem humana descritos por esse autor, com os respectivos correlatos na teoria gramatical: a) a língua como **atividade mental**, b) a língua como uma **estrutura** e c) a língua como **atividade social**.

Conforme a primeira teoria, a língua é uma capacidade inata do ser humano, que lhe permite reconhecer ou gerar um número infinito de sentenças, oferecendo a estas tanto uma interpretação semântica quanto uma representação fonológica. Nesse caso, uma gramática com esse ponto de vista procura explicar como se dá a aquisição de uma língua, como se produzem e se interpretam as sentenças dessa língua e como se percebe que o outro fala ou não a nossa

língua. A *Gramática Universal*, subjacente às várias línguas naturais, surge, então, como meta incessante de tal posicionamento teórico sobre a linguagem.

A segunda teoria defende a idéia de que as línguas naturais possuem um sistema formado por signos, que, organizados nos níveis fonológico, gramatical (ou morfossintático) e discursivo (somente em alguns modelos) hierarquicamente tomados, se diferenciam uns dos outros por meio de contrastes e de oposições. Dessa forma, as gramáticas – que são *descritivas* – imbuídas desse espírito procuram detectar as regularidades invariáveis da cadeia da fala, trabalhando por meio de contextualização da língua em si mesma.

A terceira teoria insere a língua na sociedade, pois é através daquela que veiculamos nossas informações, mostramos nossos sentimentos e atuamos sobre o outro. Nesse sentido, tal concepção de língua se volta para os usos concretos historicamente situados, para o espaço particular em que locutor e interlocutor interagem a partir de um tópico conversacional antecipadamente negociado. Uma gramática baseada em tal concepção de língua, como é o caso da *Gramática Funcional*, procura relacionar as estruturas detectadas pela segunda teoria com as situações sociais nas quais tais estruturas aparecem, inserindo, assim, a língua na sociedade.

Dik (1978 apud Neves, 1997), em cujas palavras a lingüística deve ter como ocupação dois tipos de sistemas de regras, as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas – responsáveis pela constituição das expressões lingüísticas – e as regras pragmáticas – responsáveis pelos padrões de interação verbal na qual são usadas essas expressões lingüísticas –, divide os estudos atuais sobre a linguagem em dois grandes paradigmas (o termo

paradigma é utilizado para designar cada conjunto de crenças e hipóteses em interação), o **formal** e o **funcional**, estabelecendo as seguintes oposições:

QUADRO 1: **Paradigma Formal X Paradigma Funcional**

PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
A língua é forma, um conjunto de orações.	A língua é instrumento de interação social.
A língua tem como função principal expressar nossos pensamentos.	A língua tem como função principal a comunicação entre os indivíduos.
O correlato psicológico é a competência , isto é, a habilidade que tem o indivíduo de gerar, interpretar e julgar sentenças.	É a competência comunicativa o correlato psicológico, ou seja, a habilidade de interagir socialmente com a língua.
O estudo da competência é priorizado em detrimento do estudo da atuação, do uso.	O estudo do sistema só pode ser feito a partir do uso.
A criança, valendo-se de suas propriedades inatas e baseada num input restrito e não-estruturado de dados lingüísticos, vai construindo a gramática de uma determinada língua.	A criança adquire linguagem na sua relação com o ambiente, ajudada por um input extenso e estruturado de dados lingüísticos num determinado contexto.
Os universais lingüísticos são explicados a partir da idéia de que a faculdade humana da linguagem é inata e específica da espécie.	Os universais lingüísticos são explicados em função dos propósitos da comunicação, das propriedades biológicas ou psicológicas dos falantes da língua natural e dos contextos.
A sintaxe é vista como autônoma em relação à semântica, sendo as duas independentes da pragmática. Sendo assim, as propriedades centram-se na sintaxe e vão até à pragmática por meio da semântica.	No paradigma funcional, a semântica e a sintaxe só podem ser estudadas dentro da pragmática, e as propriedades centram-se nesta e vão até à sintaxe por meio também da semântica.

(S. Dik, 1978: 5, retomado e explicitado em 1989a: 2-7. Adaptação de M. H. M. Neves (1997))

Segundo Halliday (1985 apud Neves, 1997), as gramáticas formais, fundamentadas na lógica e na filosofia, apresentam uma orientação primariamente **sintagmática**. Nesse sentido, a língua é vista como um conjunto de estruturas que podem relacionar-se regularmente, e a sintaxe, com a ênfase nos traços universais da língua, a base de organização desta. Já as gramáticas funcionais, fundamentadas na retórica e na etnografia, apresentam uma

orientação primariamente **paradigmática**; assim, a língua é vista como uma rede de relações (sendo as estruturas a realização dessas relações), e a semântica é tomada como a base de organização da língua, isto é, organização em torno do texto ou discurso, ressaltando-se, ainda, que essas gramáticas enfatizam, ao contrário das formais, as variações entre línguas diferentes.

Neves (1997:48) traça um resumo dessas diferenças entre a *gramática formal* e a *gramática funcional* da seguinte forma:

QUADRO 2: Gramática Formal X Gramática Funcional

GRAMÁTICA FORMAL	GRAMÁTICA FUNCIONAL
Orientação primariamente sintagmática.	Orientação primariamente paradigmática.
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações: as estruturas como interpretação das relações.
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso).

(M. A. K. Halliday, 1985: *Introduction*. Adaptação de M. H. M. Neves (1997))

Observa-se que a centração no *enunciado* e na *enunciação* leva a Lingüística a valorizar, respectivamente, ora as gramáticas formais, ora as gramáticas funcionais. Isso quer dizer que as concepções de língua como fenômeno *homogêneo* (formalismo) e como fenômeno *heterogêneo* (funcionalismo) coexistem numa espécie de “batalha” ideológica, na qual parece levar vantagem a língua como **atividade social**, surgindo, assim, um conjunto de novas áreas de atuação sobre a linguagem humana, novos caminhos que não prescindem das condições de produção dos usos lingüísticos:

“Ora, a indagação lingüística atual parte de um entendimento mais rico da linguagem, postulada como um conjunto de usos, cujas condições de produção não podem ser esquecidas no momento em que se analisa seu

produto. Disto resultou a constituição de uma nova área de estudos, a Pragmática, que tem examinado temas tais como os atos de fala, a competência comunicativa conversacional, as pressuposições e as inferências que cercam um ato de fala, a linguagem como ação e como argumentação, etc. Um elenco de novas disciplinas veio somar-se à Fonologia, à Morfologia e à Sintaxe, já conhecidas: a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa, a Análise do Discurso, a Lingüística do Texto.” (Castilho, 1998:12)

Quando se defende o ponto de vista de que a língua é uma **atividade social**, está claro que se evidenciam três elementos importantíssimos para tal atividade: a historicidade da linguagem, o sujeito e suas atividades lingüísticas e o contexto de interação comunicativa. O caráter histórico prende-se ao fato de que os indivíduos, numa situação de interação verbal, não lançam mão apenas do conhecimento prévio que têm dos recursos de expressão, mas das operações de construção de sentidos realizadas. Em relação ao segundo elemento, temos o sentido como resultado do processo de reflexão que um sujeito faz sobre a linguagem do outro, do processo de compreensão ativa e responsiva, no qual a busca de sentido orienta um para a enunciação do outro. Por fim, temos o contexto, o contexto referencial (o mundo do sujeito, estado de coisas e acontecimentos), a situação de interação como “cenário” para a compreensão dos diversos gêneros textuais (orais e escritos), as condições para os atos de fala e os aspectos psicológicos representando o “ambiente” necessário para qualquer especulação que qualquer pesquisador da linguagem venha fazer. Tudo isso implica dizer

“a) que a língua (no sentido sociolingüístico do termo) não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re)constrói;

“b) que os sujeitos se constituem como tais à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento de mundo resultam como ‘produto’ deste mesmo processo. Neste sentido, o sujeito é social já que a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e é para os outros e com os outros que ela se constitui.

Também não há um sujeito dado, pronto, que entra na interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas;
“c) que as interações não se dão fora de um contexto social e histórico mais amplo; na verdade, elas se tornam possíveis enquanto acontecimentos singulares, no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Também não são, em relação a estas condições, inocentes. São produtivas e históricas e como tais, acontecendo no interior e nos limites do social, constroem por sua vez limites novos.” (Geraldí, 1997:6-7)

A concepção de língua não deve estar baseada no simples conhecimento que o indivíduo tem das teorias gramaticais. Conhecer a língua não significa apenas saber de cor todos os prefixos gregos e latinos das intermináveis listas que aparecem nas gramáticas escolares; que as palavras *caçanje* e *jê* são escritas com a letra *j* por serem, respectivamente, de origem africana e tupi; ou ter de aceitar que o verbo *custar*, no sentido de ser *custoso*, *difícil*, só pode ter como sujeito uma oração reduzida de infinitivo, ao contrário do que se observa nas relações espontâneas de comunicação entre os usuários da língua portuguesa no Brasil. Essas “habilidades”, tão cobradas pelas gramáticas escolares (que se preocupam apenas com a norma culta padrão), revelarão, no máximo, que o indivíduo é especialista em memorização, assim como também o é um estudante de línguas que decora um conjunto considerável de palavras, mas é incapaz de formular uma frase sequer, por total desconhecimento do funcionamento da língua que se propôs estudar.

O que acontece é que, na verdade, se formou uma concepção de língua a partir do que se convencionou chamar de língua padrão e de língua não-padrão. Quando se diz que alguém conhece muito bem a língua portuguesa, faz-se uma análise baseada numa variedade lingüística que, pertencente às classes social, política, econômica e culturalmente prestigiadas, é imposta – nas escolas, através das gramáticas escolares – como padrão; ao passo que, diante de frases

como “A turma já foram” ou “A gente passamos fome”, é feita uma análise centrada no que se passou a considerar como “feio”, “errado”, “grosseiro”, “deficiente”, “tosco”, “estropiado”, não-padrão, pois diz respeito a uma variedade própria das camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, pobres. Observe-se o que Bagno (1999:44) diz a respeito dessa prevalência de uma variedade sobre outra:

“não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente ‘melhor’, ‘mais pura’, ‘mais bonita’, ‘mais correta’ que outra. Toda variedade lingüística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade lingüística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares.”

Segundo Soares (1996:31), chamar de “deficiente” a variedade desprestigiada é esconder a desigualdade existente na distribuição de renda num sistema capitalista. Para a autora tal atitude está relacionada com a ideologia da deficiência cultural, que, tendo surgido e se desenvolvido nos Estados Unidos, durante a década de sessenta,

“veio apresentar uma confortável resposta a essa ameaça: ocultando a verdadeira causa da discriminação – a desigual distribuição da riqueza numa sociedade capitalista -, atribui a deficiências culturais e lingüísticas da criança das camadas populares o seu fracasso na escola. As falhas são, assim, da criança, de sua família, de seu contexto cultural; a inadequação está na criança, não na sociedade nem na escola.”

A língua não pode ser vista como um sistema de normas e de regras imutáveis de funcionamento de apenas uma variedade lingüística, imposta a todos e considerada como a única passível de descrição. A língua deve ser entendida “como enunciação, discurso, não apenas como comunicação, que, portanto, inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto

em que é utilizada, com as condições sociais e históricas de sua utilização” (Soares, 1998:59).

A língua está em permanente mudança, numa inevitável variação, transformação, pois, como nos ensina Marcuschi (1998:140),

“A língua é um fenômeno cultural e histórico fundado numa atividade social e cognitiva que varia ao longo do tempo e de acordo com os falantes: a língua se manifesta no uso e é sensível ao uso. Não pode ser vista e tratada simplesmente como um código nem é a única fonte do sentido.”

Segundo o lingüista acima, a língua é uma *atividade constitutiva* por meio da qual somos capazes de produzir sentidos; é uma *atividade cognitiva* pela qual podemos externar nossos sentimentos, nossas idéias, nossas ações e conceber o mundo; é uma *atividade social* por intermédio da qual podemos interagir uns com os outros e possui características fundamentalmente dialógicas. Como resultado desses aspectos constitutivos, a língua se dá nos processos discursivos, no plano da enunciação, concretizando-se nos usos textuais mais variados, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita, permitindo a polissemia ou multiplicidade de significações, podendo levar ao mal-entendido – uma vez que os indivíduos podem ter uma interpretação diferente da que o outro quis dizer –, entretanto deveria conduzir ao entendimento, pois é para este que devemos trabalhar a língua.

Ainda conforme o lingüista referido anteriormente, a língua, em razão de ser um aspecto tão central na vida das pessoas e, em certo sentido, um dos fatores de organização da sociedade, não pode ser concebida simplesmente como um instrumento ou uma tecnologia. Tanto em sua forma oral como em sua forma escrita, a língua é uma prática social que colabora para a constituição, para a transmissão e para a proteção da própria memória das conquistas do homem.

Nesse sentido, a história da humanidade está crucialmente relacionada a fenômenos de fala e de escrita, havendo, portanto, aspectos sócio-cognitivos e aspectos históricos importantes que devem ser levados em conta na própria concepção de língua em largo sentido.

Uma concepção de língua que considere os *aspectos sócio-cognitivos* e os *aspectos históricos*, a partir dos quais temos a construção dos sentidos; a expressão de sentimentos, de idéias, de ações; a interação entre as pessoas; a polissemia e a representação do mundo, nos permite, de acordo com Marcuschi (1998:141), facilmente observar que

“nem tudo o que dizemos está inscrito objetivamente no texto que produzimos (oralmente ou por escrito). Assim, é claro que o autor de um texto sempre vai ter que deixar muita coisa por conta do leitor ou ouvinte. Isto quer dizer que os textos escritos ou falados são sempre contextualizados e se distribuem ao longo de uma série de gêneros textuais que foram surgindo durante a história da própria humanidade.”

Veja-se, também, o que nos diz Geraldi (1996: 28) a respeito da língua:

“A língua, enquanto produto desta história e enquanto condição de produção da história presente, vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos. Neste sentido, a língua nunca pode ser estudada ou ensinada como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo, de um lado porque sua ‘apreensão’ demanda apreender no seu interior as marcas de sua exterioridade constitutiva (e por isso o externo se internaliza), de outro lado porque o produto histórico – resultante do trabalho discursivo do passado – é hoje condição de produção do presente que, também se fazendo história, participa da construção deste mesmo produto, sempre inacabado, sempre em construção.”

Entender a língua, pois, como algo pronto, constituído de regras imutáveis, que passa de geração a geração, separado do seu conteúdo ideológico, dos diversos contextos de interação comunicativa, nos quais um indivíduo age sobre o outro com base na produção de efeitos de sentido, constitui um erro. Observem-se duas das cinco proposições que representam a concepção de língua para Bakhtin (1995:127):

“1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos fins teóricos e práticos particulares. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da realidade concreta da língua.

“2. A língua constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores.(...)”

Fazendo um pequeno histórico da Lingüística a partir dos meados do século XIX, em que se tinha como metodologia básica de trabalho o *Comparativismo*, passando pela perspectiva do *Estruturalismo*, que dominou durante o século XX até os anos 60, chegando ao surgimento de uma visão multifacetada e pós-estruturalista da *pragmática*, da *sociolingüística*, da *psicolingüística*, da *etnometodologia* e, mais recentemente, do *cognitivismo*, Marcuschi (2000) destaca os princípios mais relevantes da Lingüística contemporânea, desenvolvidos nos últimos 50 anos, para o ensino de língua:

- a) A língua, embora possua uma organização interna sistemática, podendo por isso ser analisada cientificamente, não se restringe a um conjunto de regras de boa-formação previsíveis de forma infalível, já que as línguas naturais são dificilmente formalizáveis;
- b) A língua é um sistema variável, indeterminado e não fixo;
- c) A língua, em função de ser determinada por valores imanes e transcendentais, não pode ser estudada de maneira autônoma, isolada, senão de forma situada, levando-se em conta os diversos contextos de uso;
- d) A língua, construída com símbolos convencionais, parcialmente motivados, não acidentais porém arbitrários, não pode ser considerada um fenômeno natural, muito menos ser reduzida à realidade neurofisiológica;

- e) A língua, longe de ser um simples meio de representação do mundo, é muito mais um guia do que um espelho da realidade;
- f) A língua é uma atividade de natureza sócio-cognitiva, que se desenvolve histórica e situacionalmente com o intuito de trabalhar a favor da interação humana;
- g) A língua se realiza e se manifesta em textos orais e escritos, dispostos e estabelecidos em gêneros textuais para uso em situações concretas;
- h) A língua, em razão de não ser transparente, porém opaca, dá margem à multiplicidade de interpretação nos textos e torna a compreensão um fenômeno especial na relação entre os indivíduos;
- i) Linguagem, cultura, sociedade e experiência interagem de forma intensa e diversificada, não havendo como exigir uma visão universal para as línguas particulares.

Sendo a Lingüística contemporânea uma importante fonte geradora de princípios importantes para um conhecimento mais plausível sobre os fenômenos lingüísticos, princípios esses que, conforme Marcuschi (2000), vêm influenciando, ao longo dos anos, as posturas pedagógicas adotadas para o trabalho com a língua portuguesa, resta-nos apontar os objetivos de ensino de uma língua para falantes dessa língua. Para tanto, resolvemos seguir as observações de Penini (1995) e as de Travaglia (1997), sendo este, em nossa opinião, o autor que melhor traça um quadro mais detalhado sobre a finalidade do ensino de língua materna. É o que podemos observar nos quatro objetivos descritos abaixo:

1) *Desenvolver a competência comunicativa*

O usuário da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) deverá ter desenvolvida sua capacidade de adequação lingüística às diversas situações de comunicação. E essa competência comunicativa implica as competências gramatical ou lingüística e textual. A competência gramatical ou lingüística diz respeito à capacidade de o indivíduo produzir uma quantidade infinita de estruturas que o revelem ser falante de uma determinada língua. A competência textual é a capacidade de o indivíduo, em diversas situações de interação comunicativa, gerar e entender estruturas textuais bem formadas, a partir de competências textuais básicas, como:

- a) **capacidade formativa:** a partir desta, o indivíduo, além de conseguir produzir e compreender um número infinito de textos, é capaz de avaliá-los como bem formados ou não;
- b) **capacidade transformativa:** a partir desta, o indivíduo, além de ser capaz de fazer várias mudanças num texto – reformulando-o, parafraseando-o, resumindo-o etc. –, consegue julgar se determinada modificação textual está ou não adequada;
- c) **capacidade qualificativa:** relacionada com a *capacidade formativa* (já que esta diz respeito à forma, ao tipo de texto), possibilita aos usuários da língua dizerem se determinado texto é um romance, uma reportagem, uma receita, uma carta, uma narração, uma descrição etc., a partir do conhecimento que esses usuários têm das características de cada um desses textos.

Como atingir essa *competência comunicativa*? Segundo Travaglia (1997), deve-se levar o aluno a ter um contato com o maior número possível de situações de interação comunicativa através de uma prática educativa que utilize a análise e a produção de enunciados relacionados aos diversos tipos de situações de enunciação, ou seja, é necessário que se promova uma **pluralidade dos discursos**, o que integraria a escola à vida, à comunidade. Nesse sentido, sendo os *enunciados* frutos de situações de comunicação, são, naturalmente, *textos*, significando isso que, se a comunicação se dá sempre por intermédio de textos, o objetivo do ensino de língua é desenvolver no estudante a capacidade de gerar e entender textos nos mais variados contextos de comunicação.

2) *Levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão; ensinar a variedade escrita*

Nesse caso, já que o aluno domina a norma coloquial da língua (levando-se em consideração também as variedades *regional* e *social*) em sua modalidade oral, o domínio da norma culta ou língua padrão e o ensino da variedade escrita da língua são perfeitamente justificáveis, inclusive por uma questão política, social e cultural. Entretanto, como estamos falando *apenas* da variedade culta, padrão, formal da língua e de sua modalidade escrita – adequadas ao uso *apenas* em determinados contextos de interação comunicativa –, o desenvolvimento da competência comunicativa mostra-se mais amplo, pois capacita o usuário da língua a utilizá-la conforme a situação de comunicação.

3) *Levar o aluno ao conhecimento da instituição lingüística, da instituição social que a língua é, ao conhecimento de como ela está constituída e de como funciona (sua forma e função)*

Relacionado mais às atividades metalingüísticas, o conhecimento da língua (= instituição social) é tão importante quanto o conhecimento que se deve ter de instituições como o casamento, as religiões, o Congresso, a instituição bancária etc. Por exemplo, se é importante para um indivíduo da cidade saber o que é, de que se constitui e como funciona um banco, é igualmente importante que esse mesmo indivíduo saiba o que é, de que se constitui e como funciona a língua que fala. Segundo Perini (1995:30), esse objetivo é também importante porque seria uma forma de se preservar nossa própria cultura:

“Além disso, o conhecimento da língua – e falo aqui do conhecimento explicitado de sua estrutura, não apenas do seu uso correto – é uma faceta importante do conhecimento da própria nação. Assim como a necessidade de preservar nossa cultura (e o amor-próprio nacional) nos leva a estudar a história, a geografia e o folclore do Brasil, não podemos deixar de estudar a língua que falamos (e a que escrevemos), em seus muitos aspectos: dialetológicos, históricos, sociais e também gramaticais.”

4) *Levar o aluno a pensar, a raciocinar cientificamente*

Estando também mais relacionado às atividades metalingüísticas, ao ensino da teoria gramatical, não aplicado apenas ao ensino de língua, esse objetivo leva o aluno a desenvolver habilidades de observação e de argumentação sobre a linguagem. Veja-se o que nos diz Perini (1995:31-32):

“O estudo de gramática pode ser um instrumento para exercitar o raciocínio e a observação; pode dar a oportunidade de formular e testar hipóteses; e pode levar à descoberta de fatias dessa admirável e complexa estrutura que é uma língua natural. O aluno pode sentir que está participando desse ato de descoberta, através de sua contribuição à discussão, ao argumento, à procura de novos exemplos e contra-exemplos cruciais para a testagem de uma hipótese dada. Nesse sentido a gramática tem imensas potencialidades como instrumento de formação intelectual.”

Como podemos ver nas palavras acima, o ensino da gramática leva o aluno a pensar, a apreender o modo de raciocinar científico, a ter uma postura

ativa diante dos fenômenos lingüísticos que exclui, portanto, o ato de decorar, a atitude passiva de sempre aceitar regras gramaticais impostas.

2. Concepções de gramática e de norma lingüística

Perini (1995), em sua descrição do português padrão escrito, embora se concentre na sintaxe e na semântica (o autor não considera a *fonologia* um fato gramatical, pois é a partir da frase que sua análise sobre a língua inicia), afirma que a descrição de uma língua (a gramática) é composta fundamentalmente de três componentes: uma **descrição formal**, correspondente ao que chamamos *fonologia, morfologia e sintaxe*; uma **descrição semântica** (isto é, do significado) e um **sistema de regras de interpretação semântica**, capaz de relacionar os aspectos formais aos significados que eventualmente veiculem. Na primeira descrição, explicaremos, por exemplo, por que construções como * *port*, * *corrimos* e * *eu chegamos agora* não são possíveis na língua: a primeira não levou em conta uma regra fonológica que não permite palavras terminadas em **t**; a segunda transgride uma regra morfológica que aponta uma outra conjugação para o verbo **correr**; e a terceira viola uma regra sintática que obriga o verbo **chegamos** a concordar com o núcleo do sujeito em número e pessoa. Na segunda descrição, as regras semânticas explicam a relação entre as construções da língua e seus significados (sua relação com o mundo extralingüístico), mostrando, por exemplo, que, numa frase como *Pedro beliscou o touro*, o agente é **Pedro** e o paciente é o **touro**, invertendo-se os papéis quando tivermos *O touro beliscou Pedro*. Em relação ao terceiro aspecto, as regras semânticas atuam como filtros, descartando frases semanticamente mal construídas, como, por exemplo, a frase * *Esse pastel desprezou Ricardo*, que

transmite um conteúdo inadmissível, estranho, pois **pastel** não **despreza** ninguém, a menos que o contexto fosse particular, como em uma fábula.

O referido lingüista, entretanto, alerta-nos para o fato de que a *fonologia*, a *morfologia*, a *sintaxe* e a *semântica* (mais o léxico) não explicam tudo o que se pode dizer sobre uma língua. Não abordam, por exemplo, a história das formas lingüísticas, o uso destas nas diversas situações de interação comunicativa, o uso que os falantes fazem de seu conhecimento geral de mundo para facilitar o entendimento de frases, bem como muitos outros aspectos importantes. Esses quatro componentes da descrição constituem o estudo da estrutura interna de uma língua, ou seja, aquilo que a diferencia das outras línguas do mundo, mas que não é resultado direto das condições da vida social ou do conhecimento do mundo.

Os fatos de língua, isto é, aqueles que interessam aos lingüistas quando se propõem estudar um determinado idioma, como podemos observar, estão relacionados aos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, bem como aos aspectos sociointeracionais, decorrentes estes das diversas situações de interação comunicativa em que se encontram os indivíduos diariamente. Isso quer dizer que é muito pouco estudar uma língua a partir de uma única variedade lingüística que, supostamente, é utilizada pelas classes sociais privilegiadas economicamente, variedade essa que é considerada culta, a mais perfeita dentre as várias possibilidades que a língua oferece às pessoas para que interajam nas diversas situações de uso. Frases como “A gente já fomos”, “Esta prova é pra mim fazer”, “Fazemos entrega a domicílio” , segundo nosso ensino gramaticalista, são uma afronta à língua. Mas que língua está sendo afrontada, se, do ponto de vista da Lingüística, todos os que conseguem se

comunicar conhecem a gramática de sua língua? É claro que o desrespeito, nesse caso, está no fato de o indivíduo não ter-se enquadrado nos pretensos padrões de comportamento pertencentes a essas parcelas da sociedade. Ora, a gramática da língua não é nenhum *manual de etiqueta*, que mostra aos falantes o “certo” e o “errado”, o “bonito” e o “feio”, o “apresentável” e o “detestável”, orientações vinculadas ao ensino normativo. Observem-se as palavras de Possenti (1998:31):

“Resumidamente, pode-se dizer que saber uma gramática é saber dizer e saber entender frases. Quem diz e entende frases faz isso porque tem um domínio da estrutura da língua. Mesmo diante de uma frase ‘incompleta’, por exemplo, o falante é capaz de fazer hipóteses de interpretação.”

A respeito desse tratamento dispensado à língua, baseado na idéia de que existem formas “certas” e “erradas”, Perini (1995:25) nos diz o seguinte:

“Não existe, simplesmente, uma variedade ‘certa’. Cada situação de comunicação (ensaio científico, peça teatral, conversa de botequim, discurso de formatura, pedido de informação na rua etc.) impõe uma variedade própria, que é a ‘certa’ naquela situação. É ‘errado’ escrever um livro de economia em coloquial; mas é igualmente ‘errado’ namorar ou conversar com os amigos utilizando o padrão.”

As diferentes visões a respeito do conceito de *gramática* são responsáveis pelo surgimento de três tipos básicos de gramática: a gramática normativa, a gramática descritiva e a gramática internalizada. Vejamos como cada uma procede relativamente ao ensino de língua.

A gramática normativa, que estuda apenas a chamada *variedade padrão* “*culta*” da língua (principalmente na sua forma *escrita*), estabelece regras que devem ser seguidas por todos, baseadas no *purismo* e na *vernaculidade*; na classe social de *prestígio econômico, político e cultural*; na *autoridade de gramáticos e escritores* considerados “*clássicos*”; na *lógica* e na *tradição histórica*. Com essa atitude, espera-se, ingenuamente ou não, que as pessoas passem a

falar e a escrever “melhor”, “corretamente”. Pelo fato de se ater à variedade lingüística da classe dominante, essa gramática é bastante utilizada em nossas escolas – não poderia ser diferente. Sobre a utilização de uma variedade em detrimento de outra, Britto (1997:107) nos diz que “insistir na superioridade da norma culta, entendida não como a que se fala, mas sim como a que se quer que se fale, e, em conseqüência, no seu uso privilegiado ou exclusivo, inclusive na escola, é uma forma perversa de exclusão.”

A gramática descritiva *descreve* e/ou *explica* as regras que, de fato, os indivíduos seguem na construção real dos enunciados. Dando preferência à língua *oral*, essa gramática trabalha com todas as variedades da língua, inclusive com a considerada *culta*. Segundo esse tipo de gramática, conhecer a língua significa sermos capazes de construir enunciados que atendam às regras de funcionamento desta. Assim, frases como “O rapaz foi na casa da noiva”, “A professora viu ele filando” ou “Hoje não tem aula” são tão bem construídas quanto “O rapaz foi à casa da noiva”, “A professora o viu filando” e “Hoje não há aula”, pois fazem parte também da estrutura interna da língua. Mostrando como atua o cientista que se encarrega de descrever a língua, Possenti (1998:68-69) nos dá, ao mesmo tempo, através de um exemplo bastante interessante, o real motivo que leva uma pessoa a considerar errada determinada estrutura:

“No contraste entre ‘eles puseram’, ‘eles pusero’ e ‘eles pôs’, o gramático descritivista não está preocupado em apontar erros, mas pode ir além da constatação de que essas formas existem, verificando, por exemplo, que elas são utilizadas por pessoas de diferentes grupos sociais ou, eventualmente, pelas mesmas pessoas em situações diferentes; constatará ainda que há uma resistência ou prevenção em relação a ‘eles pusero’ e ‘eles pôs’ porque não são formas utilizadas pelas pessoas cultas; percebe-se, assim, imediatamente, que o critério de correção não é lingüístico, mas social.”

A gramática internalizada constitui o conjunto de conhecimentos lingüísticos que permitem ao falante de uma língua não só construir uma variedade infinita de frases e identificar estruturas agramaticais, como também compreender os princípios de construção e interpretação de textos segundo as várias situações de interação comunicativa, ou seja, é a que possibilita a competência comunicativa. Frases como “A gente sempre fala a verdade” e “Nós sempre falamos a verdade” são duas das várias possibilidades que o falante tem à sua disposição para fazer uso da língua conforme a situação de interação comunicativa. Disso resulta que não há o erro, mas a inadequação de determinado recurso lingüístico. A primeira frase estaria mais adequada a uma situação informal, mais natural; já a segunda seria melhor para uma situação formal, em que as normas sociais de uso da língua estivessem atuando. E é essa a concepção de gramática que adotamos nesta dissertação, uma concepção funcional da gramática, que observa a língua na situação de produção, no contexto comunicativo, pois, como nos diz Neves (2002:226),

“Saber expressar-se numa língua não é simplesmente dominar o modo de estruturação de suas frases, mas é saber combinar essas unidades sintáticas em peças comunicativas eficientes, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução. E tudo isso se integra na gramática.”

Segundo Travaglia (1997:109), a gramática é a própria língua em uso, em pleno funcionamento, que diz respeito não só à competência lingüística, mas à textual, as quais, juntas, constituem a *competência comunicativa*, ou seja, a gramática para esse lingüista é

“tudo o que é utilizado e/ou interfere na construção e uso dos textos em situações de interação comunicativa e não só o conhecimento de alguns tipos de unidades e regras da língua restritas aos níveis morfológico (classes de palavras, flexão verbal e nominal e as categorias que elas expressam: gênero, número, pessoa, tempo, modo, voz e aspecto) e

sintático (termos da oração, tipos de orações e períodos, regras de concordância e regência, etc.).”

Em relação ao ensino de gramática, pensamos como Travaglia (1997:109), que estabelece “quatro formas de focalizá-la no ensino: a) uma gramática de uso; b) uma gramática reflexiva; c) uma gramática teórica; d) uma gramática normativa”. As atividades ligadas à primeira procuram desenvolver mais ainda os conhecimentos que os indivíduos têm da língua que falam; por isso, todas as variedades da língua fazem parte dessas atividades, que se utilizam de textos orais e/ou escritos de alunos ou de outras fontes de textos de tipos variados. A segunda não só procura levar o aluno a *refletir* sobre sua língua, sobre o que já domina, mas a desenvolver recursos lingüísticos que ainda não domina, valendo-se de um ensino não só descritivo como produtivo. A terceira, também chamada de *gramática explícita*, faz uma descrição, uma sistematização *teórica* da língua através de uma metalinguagem, para que o aluno tome conhecimento da estrutura e funcionamento da língua que fala; entretanto fique bem claro que cabe ao professor escolher as informações teóricas necessárias ao desenvolvimento da capacidade de utilização da língua pelo aluno, a fim de que não se perca tanto tempo com teorias de mais. Por fim, temos a *gramática normativa*, que, preocupada com a variedade padrão “cultura” da língua, deve ser ensinada sempre, porque sistematiza uma variedade de *status* social e serve de veículo, na modalidade escrita, de toda a produção cultural; no entanto essa gramática precisa ser conduzida sem o desenvolvimento de preconceito e de incompetência lingüísticos nos alunos.

O fenômeno lingüístico da *norma*, conforme Leite (1999), pode ser abordado a partir de um estudo comparativo entre a norma jurídica e a norma

lingüística, da apreciação da definição de regra, conforme os preceitos da lógica, com o intuito de procurar compreender as regras e as normas lingüísticas, ou ainda, a partir da aproximação das normas sociais e das normas lingüísticas. Outra forma de abordar a *norma* seria fazer um estudo baseado nas perspectivas lingüística, pragmática e sócio-antropológica, levando-se em conta conceitos já existentes sobre o tema.

A abordagem *lingüística* prende-se à teoria de Coseriu (1987 apud Leite, 1998:180), o qual, adicionando a concepção de *norma* à dicotomia saussuriana *língua/fala*, define *norma* como ‘um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, que varia segundo a comunidade’, ou seja, é aquilo que já foi realizado e, teoricamente, será sempre realizado no grupo social; é a tradição a que os indivíduos se prendem e obedecem, sem se darem conta, havendo sempre uma reação ante a possibilidade de tentativa de mudança dessa tradição.

Na perspectiva *pragmática*, temos o posicionamento teórico de Rey (2001), que trabalha com três conceitos de *norma*: a **norma objetiva**, a **norma prescritiva** e a **norma subjetiva**. Sendo o uso real da língua, da língua efetivamente praticada nos vários grupos sociais, a *norma objetiva* nos permite perceber que cada comunidade possui sua própria norma, ficando-nos, por esse motivo, a idéia de que há tantas normas quantos grupos sociais houver. Tendo como objetivo impor um *uso* extraído da língua literária pertencente a épocas sempre anteriores à dos indivíduos contemporâneos, a *norma prescritiva*, pelo fato de estar codificada e de ser a que maior prestígio tem no âmbito da comunidade lingüística, é a única que se presta à realização das metas político-

pedagógicas da escola. Por fim, temos a *norma subjetiva*, que representa um padrão ideal para a realização da língua.

Na perspectiva *sócio-antropológica*, Aléong (2001) afirma que há uma **norma explícita** e várias **normas implícitas**. A primeira, codificada e consagrada em um aparelho de referência (usuários de autoridade e de prestígio em matéria de linguagem, academias, gramáticas, dicionários, televisão, rádio e escolas), impõe-se como o *ideal* (o normativo) a ser respeitado e seguido pelos indivíduos nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, nas escolas e na administração pública; assim legitimada pela sociedade, tal norma, cujo conceito se confunde com o de *norma culta*, assume um caráter prescritivo, a partir do qual os fatos lingüísticos são classificados em “bons / ruins”, “certos / errados”, “belos / feios”, “naturais / não-naturais” etc. Já as normas implícitas são aquelas que, embora sejam raramente objeto de uma reflexão consciente ou de um esforço de codificação, representam os *usos concretos* (normais) de comportamentos observáveis dos indivíduos integrantes de cada grupo social. Vê-se, portanto, que a norma explícita, pelo forte respaldo na sociedade, é para os falantes da língua, antes de tudo, uma necessidade, uma questão de sobrevivência.

Se entendemos que a língua é variável e mutável no tempo e no espaço, extremamente sensível a fatores como (dentre outros) a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social dos usuários e o grau de formalidade do contexto, podemos afirmar que existem diferentes *comunidades lingüísticas* dentro de uma *comunidade lingüística maior*. Nesse sentido, estaríamos falando, também, de diferentes *normas*, isto é, variedades lingüísticas perfeitamente adequadas para a expressão das necessidades comunicativas e cognitivas dos usuários da língua

em função das práticas sociais e dos hábitos culturais de suas comunidades.

Sobre tais normas, ligadas a uma norma maior, Leite (1999:31) afirma:

“Isso significa que há uma comunidade lingüística maior, subdividida em outras tantas, menores, cada qual com a sua própria norma lingüística, estabelecida pelo uso lingüístico de seus membros, que interagem, disseminando esses usos, levando e trazendo palavras, expressões, frases e prosódias de umas para outras comunidades, promovendo um tipo de coesão social pela língua, criando uma linguagem comum a todos, sem deixar de preservar, entretanto, seus usos característicos, suas normas.”

Pelo que podemos perceber no trecho acima, a “*norma* é resultado do *uso lingüístico* de um dado segmento social e esse *uso*, por tradicional, é preservado e varia de acordo com as possibilidades de realização que o usuário faz da língua” (Leite, 1998:181). A respeito da passagem do *uso* para a *norma*, a autora afirma que toda inovação precisa, antes de tudo, ser aceita e imitada pelos falantes de uma determinada comunidade lingüística, para, então, se transformar em *uso*. Uma vez divulgado pelos falantes nos seus mais variados papéis sociais, o *uso* pode ser adotado por todos, vindo a se transformar em *norma*, integrando-se ao *sistema*.

É interessante observarmos que, embora toda essa variedade lingüística seja perceptível à compreensão dos gramáticos normativos, estes ainda insistem na imposição de uma variedade tida por eles como “a melhor”, “a mais correta”, “a única pura”: a chamada **norma culta**, **norma padrão** ou **norma oficial**. Tal norma, que preferimos chamar de *norma de prestígio*, pois oriunda das classes social e politicamente privilegiadas, tem servido apenas para fomentar o preconceito lingüístico, tão arraigado em nossa sociedade. Vejamos o que nos diz Britto (1997:75-76) sobre essa *norma*:

“O que se chama de língua culta, norma culta, língua da gramática é a idealização de uma certa modalidade do português, fortemente enviesada e normativa. Tem muito mais efeito político-ideológico do que lingüístico. A norma culta corresponde, como modelo de descrição do português, a

Gramática Tradicional, a qual, apesar de não ser mais praticada pelos estudos de lingüistas, é fortemente respaldada no senso comum e na tradição. Nas sociedades letradas existe grande variedade de registros lingüísticos – desde o texto oral não escolarizado até textos escritos oriundos de tradições específicas, com sintaxe e léxico particulares, bem como referências e estratégias argumentativas diferentes da oralidade. Há, entretanto, um nível hipotético da língua em relação ao qual os demais são vistos como errados, desviantes e, na melhor das hipóteses, variações, nível este que é considerado normalmente como a expressão única da gramática da língua, e por isso mesmo tomado como o paradigma de correção, com regras bem estabelecidas de concordância, regência, conjugação verbal etc.”

Se estamos falando de *usos lingüísticos concretos* de que os indivíduos se valem nas diversas situações de interação comunicativa, e se a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero textual, conforme observa Marcuschi (2000), podemos dizer que cada gênero textual, relacionado que está a cada evento comunicativo, possui uma determinada norma lingüística. Neves (2002:231) reforça-nos essa relação *gênero textual-norma lingüística* quando nos afirma que

“O mínimo que se espera da escola é que ela se esforce para prover à criança toda a apropriação de vivências e de conhecimentos que lhe assegure um domínio lingüístico capaz de garantir a produção de textos adequados às situações, de modo que ela possa ocupar posições na sociedade.”

A concepção de *norma* como o ideal a ser respeitado e seguido produziu, em contrapartida, a idéia de língua “saudável”, “pura”. Se tomarmos por base alguns dicionários especializados em Lingüística e Gramática, os dicionários de língua portuguesa em geral e a longa tradição purista desde a França do século XVIII até hoje, perceberemos que o purismo sempre esteve e está relacionado com a “atitude de extremado respeito às formas lingüísticas consagradas pela tradição do idioma, que muitas vezes se assume na língua literária [...]” (Câmara Jr., 1977:202), com a “atitude em relação a uma língua que considera serem necessários a preservação dos padrões tradicionais de correção e o impedimento

da existência de qualquer influência estrangeira” (Ferreira, 1999:1669). Portanto, partindo dessa concepção corrente, entendemos que, ao falarmos de *purismo*, nos referimos a avaliações centradas no “certo” e no “errado”, no “feio” e no “bonito”, no “puro” e no “impuro”, processos corretivos voltados para a linguagem, extremamente autoritários e preconceituosos. Rey (2001:137) nos diz o seguinte:

“Purismo, com efeito, qualifica uma atitude normativa permanente que repousa num modelo unitário e fortemente seletivo da língua e não tolera nenhum desvio em relação a esse modelo predefinido, quaisquer que sejam as condições objetivas da vida lingüística da comunidade. A norma purista deve ser única e permanente, já que ela serve para avaliar discursos emitidos durante um longo período de tempo; ela é, de fato, pouco coerente, pois mistura critérios estéticos, ‘lógicos’, ‘históricos’ e ‘analógicos’ de que se tratou mais acima. Para o purista, toda transgressão do modelo constitui um perigo para o sistema mesmo da língua, confundido com o uso, ele mesmo confundido com o discurso: assim, o ‘francês’ se evapora, substituído por uma outra ‘língua’, e para tanto se cria um termo para batizá-la. [...] O purista não se deixa impressionar, portanto, pelo caráter social de um discurso, não aceita as variantes combinatórias da norma objetiva, recusa dobrar-se à pressão estatística do uso.”

Portanto as concepções de **língua**, de **gramática** e de **norma lingüística**, bem como os *objetivos do ensino de língua* devem estar baseados na idéia de que **não** existem línguas uniformes e imutáveis; de que todos os que falam conhecem seu idioma; de que, se há uma variedade lingüística mais importante do que outras, isso se dá por motivos históricos, econômicos, sociais e culturais, não por questões de ordem lingüística; enfim, devem pautar-se no *uso* que fazemos da língua nas diversas situações de interação comunicativa. Isso quer dizer que a *língua* é uma atividade social e cognitiva, cultural e historicamente situada; a *gramática* está associada não só à competência lingüística, mas à textual, constituindo, assim, a competência comunicativa; e a *norma lingüística* representa os usos concretos de comportamentos identificados nos indivíduos pertencentes aos seus respectivos grupos sociais. Nesse sentido, estudar a chamada *norma-padrão*, levar o aluno a conhecer a estrutura e o funcionamento

de sua língua e despertar-lhe o raciocínio científico são metas necessárias, entretanto **desenvolver a competência comunicativa** deve ser a finalidade prioritária do ensino de uma língua natural.

Enquanto nossas atenções, neste capítulo, estiveram voltadas para as concepções de língua, de gramática e de norma lingüística, como também para os objetivos do ensino de língua, faremos, no capítulo seguinte, uma **descrição** das produções televisivas *Programa de Palavra*, *Nossa Língua Portuguesa* e *Afinando a Língua*, empreendendo, ainda, uma **análise** da *abertura* e do *fechamento* desses programas educativos.

Capítulo II

Descrição dos Programas *Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua*

Neste capítulo, descreveremos as estruturas organizacionais do *Programa de Palavra*, do *Nossa Língua Portuguesa* e do *Afinando a Língua* e, depois, confrontá-las-emos no que se refere à maneira como cada um utiliza dois elementos constitutivos do evento comunicativo, a **abertura** e o **fechamento**.¹

1. Elementos de composição dos programas

Sabendo-se que a forma como se estrutura um determinado evento “não deve ser vista como uma informação marginal de caráter meramente ilustrativo”, pois “a forma produz sentido” (Luciano, 2000:86), a composição dos programas em análise apresenta-se-nos como um primeiro momento importante para sabermos exatamente de que modo essa organização atua no processo de

¹ As outras partes que compõem a estrutura de cada programa serão abordadas no Capítulo III.

condução das aulas televisivas. Sendo assim, vejamos como se apresenta aos telespectadores-alunos cada programa por nós investigado.

Programa de Palavra

O *Programa de Palavra* é apresentado pelo professor Sérgio Nogueira na *Rede Senac de Televisão* (STV), na segunda-feira (às 09h 30min), na terça-feira (à 00h e às 18h), na quarta-feira (às 03h 45min e às 21h 30min), na quinta-feira (às 09h 30min e às 14h), na sexta-feira (às 11h 30min), no sábado (às 06h 30min e às 17h 30min) e no domingo (à 00h e às 15h 30min).

Durando em média 20 minutos e 36 segundos, o programa divide-se em três blocos. No primeiro bloco, o apresentador abre o programa introduzindo alguns dos tópicos da aula, o entrevistado do dia e a música de trabalho, perfazendo um total de 22 segundos, em média. Em seguida, a partir de um videoclipe de uma música popular brasileira de sucesso, o professor vai revisando tópicos da gramática normativa a partir de trechos que seleciona na própria letra da música, levando em média 5 minutos para tanto. Terminado o trabalho com a música, Sérgio Nogueira comenta as curiosidades que cercam a origem de uma determinada palavra da língua portuguesa no quadro chamado **Curiosidades**, tendo essa fase uma duração média de 1 minuto. Ao final do bloco, o apresentador, lançando mão de uma primeira enquete, levada por um jornalista assistente às pessoas (quatro ou cinco) na rua, apresenta um quadro-teste que contém uma pergunta a respeito do significado de uma determinada palavra pouco utilizada pelos falantes em geral e três alternativas de resposta, perfazendo esse momento um tempo de duração média de 55 segundos.

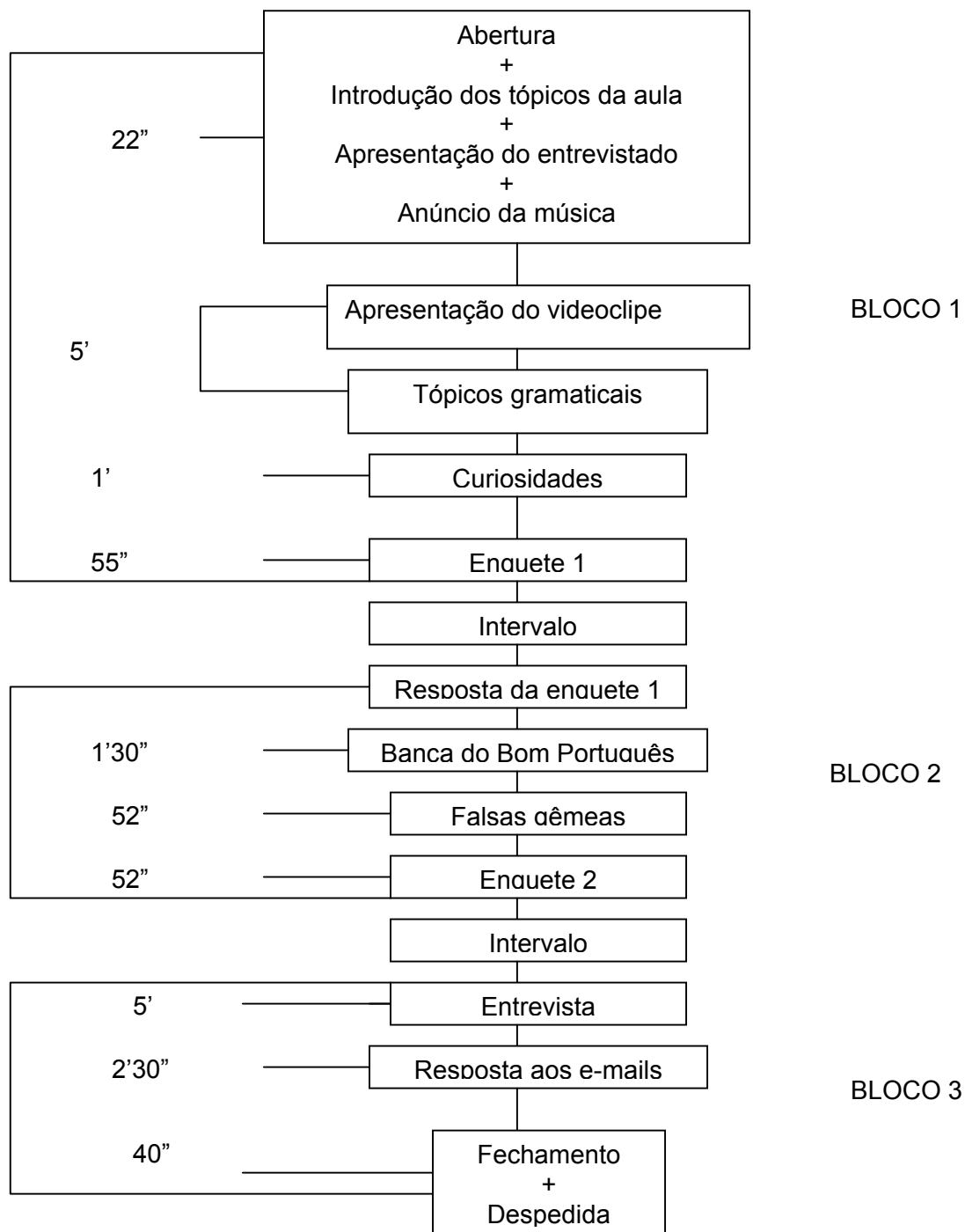
No segundo bloco, o professor Sérgio Nogueira reinicia a aula dando a resposta à primeira enquete e fazendo mais comentários sobre tópicos gerais da

gramática normativa. Em seguida, apresenta o quadro **Banca do Bom Português** (aqui são montados textos cênicos dos quais participam sempre dois personagens: o cliente, jovem, simpático e inseguro, diferente em cada episódio, e o dono da banca de revistas, Seu Nicolau, homem de meia idade, carismático, prestativo, que encarna a sabedoria e a inteligência), que, enfocando um ou dois tópicos da gramática normativa, mostra o cliente cometendo “erros” gramaticais e sendo corrigido por isso pelo dono da banca, Seu Nicolau, alvo de considerações elogiosas feitas pelo apresentador, que aproveita cada “correção” para ensinar aos telespectadores os conteúdos do diálogo. Esse quadro tem uma média de 1 minuto e 30 segundos. Depois desse momento teatral, o professor segue a aula discorrendo sobre a diferença de significado entre duas palavras parônimas no quadro denominado **Falsas Gêmeas**, cuja duração média é de 52 segundos. Encerrando o bloco, surge uma segunda enquete (só não aparece no programa II), que, também levada às pessoas (cinco) na rua pelo jornalista assistente, lança duas estruturas gramaticais das quais só uma responde à pergunta feita oralmente por esse profissional. Sérgio Nogueira, logo depois, comenta a resposta dada pelo programa e apresenta o entrevistado para o bloco seguinte, tendo esse quadro uma duração média de 52 segundos.

No terceiro bloco, é feita uma entrevista (duração média de 5 minutos) com profissionais da linguagem (escritores, cantores, compositores, professores, editores etc.), os quais aproveitam o momento para divulgar suas obras. Depois, o professor responde a duas ou a quatro perguntas feitas pelos telespectadores através de *e-mail* (duração média de 2 minutos e 30 segundos), as quais sempre tratam de regras próprias da gramática normativa. Como fechamento (duração de 40 segundos), o apresentador mostra o número telefônico e a página da emissora

– por meio dos quais o público conhece a programação e tira dúvidas –, despedindo-se logo após. Vejamos o esquema do programa abaixo:

Esquema 1: Estrutura do *Programa de Palavra*



Conforme podemos observar, o *Programa de Palavra*, através de seus diversos quadros, dedica aproximadamente 13 minutos do seu tempo total ao ensino de regras gramaticais. Isso equivale a 65% do tempo total do programa, o que demonstra claramente a ênfase dada ao ensino dos tópicos da gramática normativa. A entrevista representa 25% desse tempo e o restante do tempo é dividido entre a abertura e o fechamento do programa.

Nossa Língua Portuguesa

O *Nossa Língua Portuguesa* é apresentado pelo professor Pasquale Cipro Neto na *Rede Cultura de Televisão – Fundação Padre Anchieta*, aos sábados, sempre às 20 horas, tendo uma duração média de 25 minutos e uma divisão em três blocos. No primeiro, o professor apresenta o entrevistado, sempre de forma extremamente elogiosa, e a música popular brasileira a ser utilizada (uma música nos programas I e II, duas nos programas III e V e três no programa IV), perfazendo esse momento um total médio de 42 segundos.

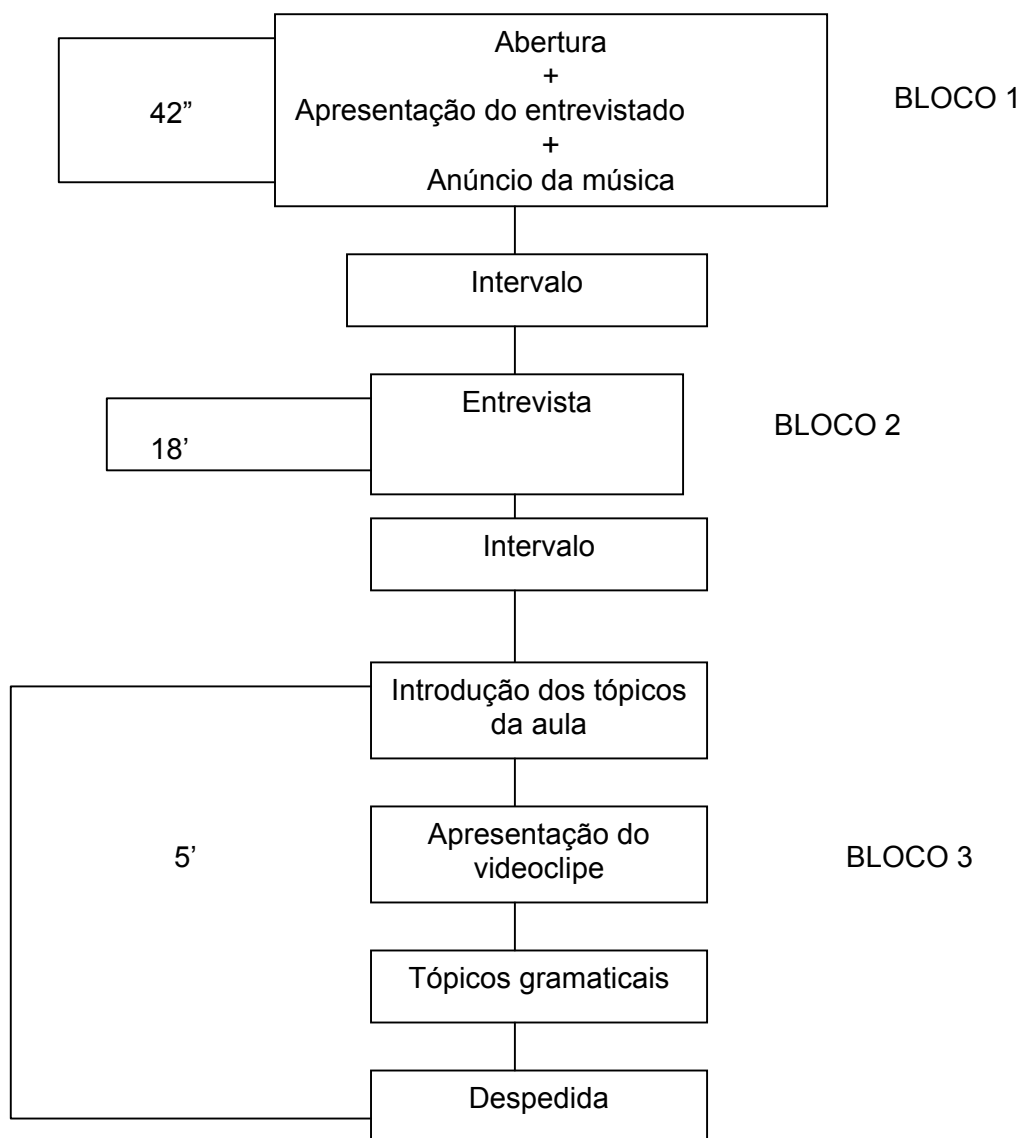
No segundo bloco, o apresentador realiza uma entrevista (cuja duração média é de 18 minutos) com profissionais que trabalham com a linguagem: escritores, cantores, compositores, poetas, publicitários, professores etc. O assunto dessa entrevista gira em torno da vida profissional do entrevistado, ou seja, trabalhos que serviram de projeção social e novas produções. Nesse momento, Pasquale Cipro Neto mostra para os telespectadores uma recente obra do entrevistado e comenta com este seu conteúdo.

No terceiro bloco, que dura em média 5 minutos, o professor Pasquale volta suas atenções para o ensino de diversos tópicos da gramática normativa. Depois de mencionar aos telespectadores o conteúdo gramatical a ser tratado, o

apresentador pede-lhes que observem como esse conteúdo aparece na letra da música, desencadeando, assim, toda uma explicação sobre o mesmo por meio de esquemas que aparecem no vídeo como ilustrações. Além de usar uma composição musical para a aula, Pasquale ainda se vale do *e-mail* (programa I) e do *fax* (programa III) enviados pelos telespectadores, que procuram tirar suas dúvidas sobre regras próprias da gramática normativa. Também aí são utilizados esquemas no vídeo para reforçar a explicação. Como fechamento, o apresentador se dirige aos telespectadores-alunos de forma breve: “é isso”. A estrutura do programa pode ser vista no esquema 2.

Ao contrário do que observamos no *Programa de Palavra*, o *Nossa Língua Portuguesa*, como vemos no esquema 2, dedica apenas 20% do seu tempo total ao ensino de tópicos da gramática normativa, enquanto a entrevista ocupa aproximadamente 73% desse tempo. Apesar dessa diferença, no entanto, podemos perceber, entre os dois programas, semelhanças na abordagem dos conteúdos da aula, as quais farão parte da análise do capítulo 3.

Esquema 2: Estrutura do Programa *Nossa Língua Portuguesa*²



Afinando a Língua

O *Afinando a Língua* é apresentado pelo escritor e guitarrista do grupo de rock *Titãs*, Tony Bellotto, na TV *Futura*, aos sábados (às 19h 10min) e aos domingos (às 22h 30min), tendo uma duração média de 24 minutos e 30 segundos e uma divisão em quatro blocos.

² O e-mail (programa I) e o fax (programa III) também aparecem ao lado da música.

No primeiro, o apresentador introduz o tema da aula, as músicas a serem utilizadas (duas por programa), o profissional a ser entrevistado e o artista a ser lançado no quadro *Sarau* (nas edições IV e V, passou a ser chamado de *Canja*), perfazendo uma duração média de 2 minutos e 30 segundos. Quanto à apresentação do assunto da aula, geralmente Tony Bellotto não cita o tópico diretamente, mas dá pistas aos telespectadores utilizando-se de pequenos textos embaralhados, de trechos de filmes, de palavras cuja tonicidade se prende aos contextos, além de textos constituídos por neologismos. Em seguida, faz uma introdução (com duração média de 2 minutos e 20 segundos) do conteúdo da aula dando-lhe uma definição que é lida em dicionários, alguns exemplos que aparecem no vídeo e um comentário do consultor pedagógico do programa, Cláudio Cezar Henriques (a participação deste é feita nos programas I, II e III). Dando continuidade, Tony Bellotto utiliza um primeiro videoclipe de uma música popular brasileira de sucesso e começa a fazer uma relação entre o assunto ministrado e a interpretação da composição, tudo isso se dando em 2 minutos e 40 segundos. Finalizando o bloco, o músico, no quadro chamado **Desafio** (sua duração média é de 1 minuto e 20 segundos), lança uma pergunta aos telespectadores a respeito do assunto ensinado, cuja resposta será dada no bloco seguinte.

No segundo bloco, Tony Bellotto dá a resposta ao desafio e parte para o segundo videoclipe da aula, prosseguindo com o tema da mesma forma com que trabalhou a primeira composição musical, estabelecendo uma média de 2 minutos e 45 segundos para o trabalho com a canção.

No terceiro bloco, o guitarrista (apenas no programa IV) e a escritora Bia Correa do Lago (em todos os programas), assistente do apresentador, realizam

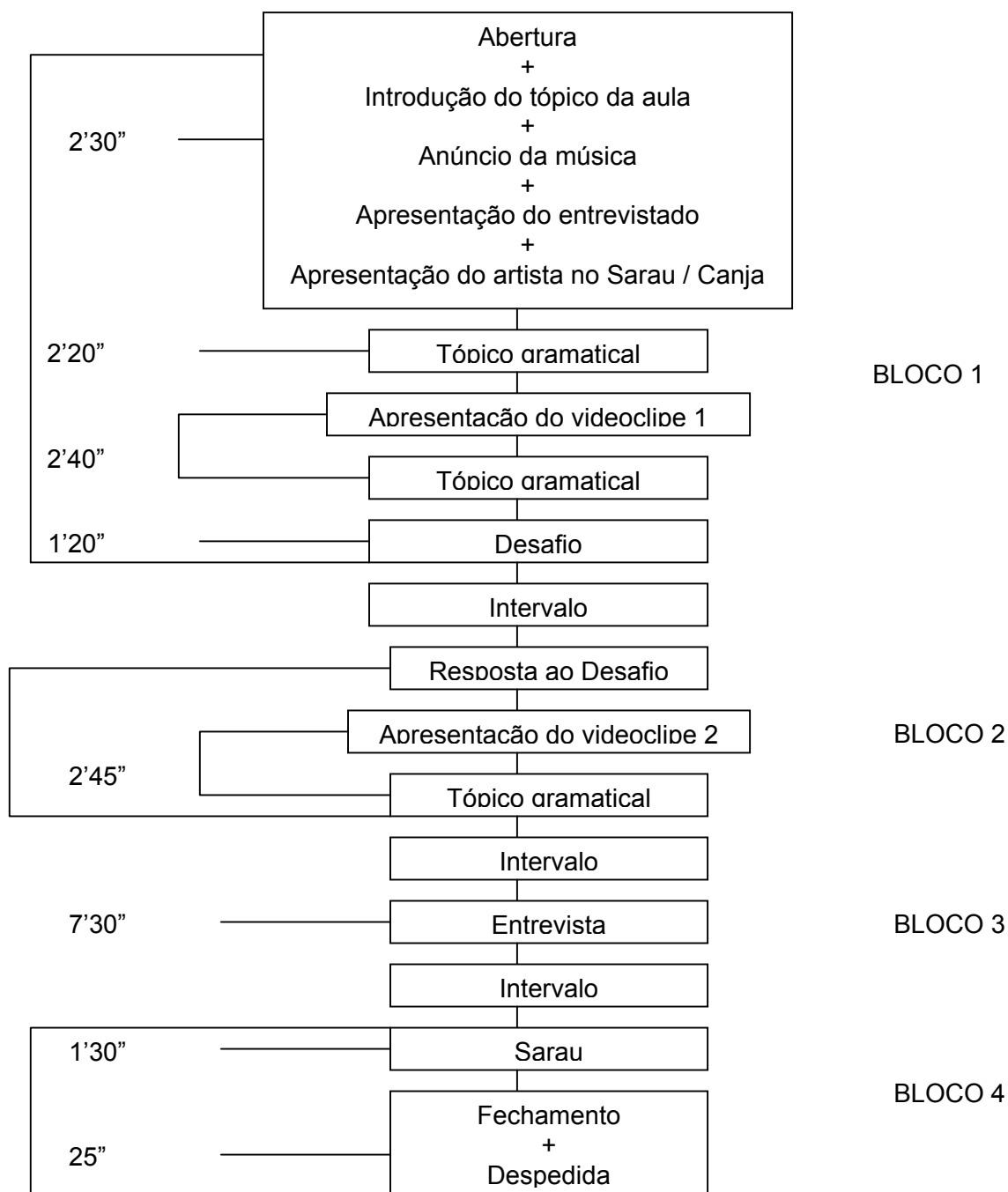
uma entrevista (com duração média de 7 minutos e 30 segundos) com profissionais que trabalham com a linguagem: geralmente escritores, compositores e cantores. O tema central do colóquio é a participação do entrevistado na produção cultural brasileira.

No quarto bloco, o programa oferece uma oportunidade para escritores, cantores e compositores iniciantes mostrarem seu trabalho, no quadro **Sarau / Canja** (com duração média de 1 minuto e 30 segundos). Como fechamento, Tony Bellotto faz um comentário geral sobre o assunto abordado na aula, enfatizando a importância do mesmo para o público nas suas atividades com a língua portuguesa e se despede, perfazendo esse momento um total de 25 segundos.

Após a aula, é dada uma sugestão (14 segundos de duração) rápida de como o telespectador pode desenvolver mais o assunto em pauta, indicando-se, inclusive, uma bibliografia que servirá de base. O esquema 3: Estrutura do *Afinando a Língua* permite a visualização da organização descrita.

É possível concluir que, do seu tempo total, o programa *Afinando a Língua*, através de seus vários quadros, dedica aproximadamente 11 minutos e 45 segundos ao ensino de um tema da língua, o que equivale a 46% do programa. O diferencial, nesse caso, é que esse tempo é totalmente dedicado ao ensino de apenas um tópico da gramática normativa, o que permite abordagens distintas sobre o conteúdo da aula (discutiremos melhor no capítulo 3). A entrevista e o sarau somam 9 minutos, abrangendo 34% do tempo total do programa. O tempo restante divide-se entre a abertura e o fechamento do programa.

Esquema 3: Estrutura do Programa *Afinando a Língua*



2. Vai começar o programa: uma análise das *aberturas*

O primeiro contato dos apresentadores-professores com o público-aluno se dá, obviamente, no momento da abertura dos programas. Verificar como se traduz, lingüisticamente, esse contato é o objetivo deste item. No *Programa de*

Palavra, a ausência de desafios e, conseqüentemente, de um trabalho pautado numa concepção de língua que leve em conta os diversos usos de que os telespectadores-alunos lançam mão em suas relações diárias começa a se fazer presente na frase introdutória “para você amigo da stv está começando mais um *programa de palavra*”, que aparece insistentemente nos cinco programas. Nesse sentido, podemos inferir que o objetivo de Sérgio Nogueira não é estabelecer um diálogo com seu público, permitindo-lhe o desenvolvimento da competência comunicativa, mas instaurar a mesmice, a falta de perspectiva: “como em todas as semanas este nosso encontro traz um novo pacote de informações e curiosidades para você” (programa II). Vejamos os fragmentos abaixo:

(01)

Contexto: Programa de Palavra I. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

- 01 A para você amigo da stv está começando mais um *programa de palavra*
02 HOje vamos saber por que batizaram um corpo estranho no céu com o nome
03 de “cometa” na entrevista teremos a honra de receber um verdadeiro
04 conhecedor da palavra o professor Pasquale Cipro Neto você também vai
05 saber a diferença entre “preterir” e “preferir” e vamos começar com o
06 clipe de verônica sabino cantando “às vezes nunca” (...)

(02)

Contexto: Programa de Palavra II. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

- 01 A para você amigo da stv está começando mais um *programa de palavra*
02 como em todas as semanas este nosso encontro traz um novo pacote de
03 informações e curiosidades para você por exemplo vamos investigar a origem
04 da palavra carnaval e trouxemos walter ceneviva advogado e colunista da
05 *folha de são paulo* para contar como se traduz a linguagem jurídica para
06 nós... público em geral tudo isso começa com a energia de daniela mercury
07 cantando *santa helena* (...)

(03)

Contexto: Programa de Palavra III. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

- 01 A para você amigo da stv está começando mais um *programa de palavra* a idéia
02 de combinar duas idéias diferentes para formar uma palavra é antiga filosofia
03 por exemplo é uma combinação das palavras amor e saber portanto filósofo é
04 quem ama o saber e velcro? se você não sabe vai descobrir daqui a pouco e
05 aINda receber conhecimento em domicílio e saber se devemos ir ao cinema
06 ou no teatro no fim de seMAna o nosso entrevistado de hoje é donaldson m.
07 garschagen diretor editorial da enciclopédia *BARsa* começa alegremente com
08 sandy e júnior cantando *em cada sonho* (...)

(04)

Contexto: Programa de Palavra IV. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

- 01 A para você amigo da stv está começando mais um *programa de palavra* o
02 cinema é uma das diversões mais populares do mundo de onde terá vindo a
03 palavra cinema? para satisfazer sua curiosidade e ainda tirar dúvidas sobre
04 vocabulário formas verbais e fazer bonito no trabalho fique conosco na
05 próxima meia hora o programa de hoje ainda traz um encontro com um
06 produtor de cds de poesia e prosa paulinho Lima e vânia abreu cantando
07 *voz guia (...)*

(05)

Contexto: Programa de Palavra V. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

- 01 A para você amigo da stv está começando mais um *programa de palavra*
02 “perguntar não ofende” já dizia o humorista e questionar ofende? ou as duas
03 palavras querem dizer a mesma coisa? e o xampu de onde vem? é uma
04 herança dos índios ou da Índia? resposta para essas perguntas mais uma
05 experiência com o verbo ganhar é o que você vai ver daqui a pouco o
06 convidado para a entrevista é o historiador Délio Freire dos Santos que vai nos
07 contar como era o humor na época do império e o programa de hoje começa
08 com o *que eu também não entendo* NÃO não... eu não me perdi o *que eu*
09 *também não entendo* é a música que vamos ouvir agora com Jota Quest...
10 ((mostra o clipe sem a letra no vídeo))

Notemos que Sérgio Nogueira, ao dizer que o telespectador vai “receber conhecimento em domicílio” (programa III), se assemelha a um comerciante cuja mercadoria (no caso, a língua) já se encontra pronta para o consumo. Essa ideia de algo acabado se revela claramente quando o apresentador afirma que o público aprenderá “se devemos ir ao cinema ou no teatro no fim de semana” (programa III), postura pedagógica que só aceita trabalhar a língua numa perspectiva dicotômica de “certo” e “errado”, inculcando, nos telespectadores-alunos, o pensamento equivocado de que existe um determinado uso lingüístico que permitirá a quem quer que seja “fazer bonito no trabalho” (programa IV).

No programa *Nossa Língua Portuguesa*, o fato de Pasquale Cipro Neto não mencionar o conteúdo da aula é um indício de que o trabalho efetivo com o fato gramatical é o que menos importa para o apresentador, atitude própria de quem concebe a língua como algo pronto, acabado, homogêneo. Nesse sentido, não seria exagero nosso afirmarmos que o programa passa a ser mais importante que

o próprio telespectador, que serve apenas como instrumento de audiência da produção televisiva. Vejamos os trechos abaixo:

(06)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa I. Apresentador: Pasquale Cipro Neto.

- 01 A no programa de hoje eu converso com nina HOrta cronista gastronômica que
02 tem um talento impressionante pra escrever sobre aquilo que nos move todo
03 santo dia né? aquilo que nos mantém em pé comida né? ela escreve
04 muitíssimo bem e vamos tratar disso ainda no programa de hoje a música de
05 raul seixas com os titãs ((mostra uma parte do clipe sem a letra da música))
06 fique ligado eu volto...já já (...)

(07)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa II. Apresentador: Pasquale Cipro Neto.

- 01 A começa aqui mais um *nossa língua portuguesa* hoje eu converso com uma
02 testemunha pri-vi-le-gi-a-da dos últimos quarenta anos da música brasileira
03 da música popular brasileira e:u converso com o jornalista com o produtor
04 musical com o revelador de talentos com o letrista nelson motta você vai
05 recordar alguns dos sucessos que ele nelson escreveu não saia daí que eu
06 volto... já já (...)

(08)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa III. Apresentador: Pasquale Cipro Neto.

- 01 A boa-noite no programa de hoje a segunda parte da entrevista que eu fiz com
02 caetano veloso a conversa continua... a conversa muito boa nós vamos falar
03 também de literatura digo também porque falamos de muita coisa de língua de
04 literatura... e:: eu acho que você não deve perder essa conversa com o mestre
05 caetano veloso ainda no programa de hoje você vai ter o skank ((mostra um
06 trecho da música sem a letra no vídeo)) e os titãs ((mostra um trecho da
07 música sem a letra no vídeo)) não sa-ia da-í eu volto já já (...)

(09)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa IV. Apresentador: Pasquale Cipro Neto.

- 01 A olá! no *nossa língua portuguesa* de hoje uma conversa com o cantor
02 compositor arranjador maestro publicitário sabe deus mais o quê... cozinheiro
03 zé rodrix a conversa com ele tá ótima não perca ainda no programa de hoje o
04 axé da banda EVA ((mostra um trecho da música sem a letra)) você vai ter
05 também o balanço de ed MOtta ((mostra um trecho da música sem a letra))
06 não saia daí... eu volto... já já (...)

(10)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa V. Apresentador: Pasquale Cipro Neto.

- 01 A olá! no *nossa língua portuguesa* de hoje eu converso com a professora Maria
02 thereza fraga rocco professora da faculdade de educação da universidade de
03 são paulo especialista em linGUagem televiSlva e em redação redação de
04 aluno... redação... ela tem um trabalho brilhante a respeito ainda no programa
05 de hoje o *rock* de lobão ((mostra uma parte da música sem a letra no vídeo)) e
06 também... gal costa ((mostra uma parte da música sem a letra no vídeo)) eu
07 volto daqui a pouquinho (...)

Observemos que a preocupação do apresentador em destacar o valor da entrevista e do entrevistado (“acho que você não deve perder essa conversa com o mestre caetano veloso” – programa III – e “uma conversa com o cantor compositor arranjador maestro publicitário sabe deus mais o quê... cozinheiro zé rodriguez a conversa com ele tá ótima não perca” – programa IV) pode levar o telespectador-aluno a também restringir a importância da língua nas diversas situações de interação comunicativa.

No *Afinando a Língua*, a idéia de levar o público a identificar o assunto a partir de “pistas” (“o nosso tema de hoje tem a ver com quem REIna” – programa II) revela que a intenção do programa é instaurar um diálogo permanente com os telespectadores-alunos. À exceção do que faz no programa V, em que o tema a ser ministrado é logo apresentado (“oi pessoal como vocês sabem nossa língua tem sujeito composto sujeito determinado sujeito Indeterminado... tem até sujeito o-cul-to mas eu prefiro dar uma de sujeito SIMples”), Tony Bellotto, ao procurar introduzir o assunto de forma bastante interessante, nos dá a impressão de que o objetivo do programa não é impor às pessoas regras gramaticais indiscutíveis, mas construir com elas um determinado aspecto da língua, postura que só consegue perceber o fato gramatical como fruto das relações comunicativas entre os indivíduos nos diversos contextos de interação. Notemos os seguintes fragmentos:

(11)

Contexto: Afinando a Língua I. Apresentador: Tony Bellotto (A).

- 01 ((abre-se o programa com um pequeno texto))
- 02 o tony chegar, avisem a ele a gravação vai até tarde hoje temos de adiantar
- 03 as cenas dos próximos programas
- 04 A ué:! estranho... parece um telegrama mal-escrito um pedaço não casa com o
- 05 outro é como se tivesse faltando alguma coisa no texto né? peraí o que é
- 06 isso?... ah!... agora eu entendi estava
- 07 mesmo faltando uma coisa muito importante deixa eu ver este aqui este
- 08 outro... aqui e este aqui... ((coloca as conjunções no texto de abertura))
- 09 pron::to agora dá pra entender o recado sabem o que estava faltando? as

10 conjunções são elas que ligam uma oração à outra e o nosso programa de
11 hoje é sobre isto conjunções e querem ver quem é que vai brilhar hoje no
12 *afinando a língua?* pra começar o *cidade negra* interpretando *a estrada* uma
13 canção que fala dessas coisas que a gente só aprende vivendo ((mostra um
14 trecho com a letra)) e hoje tem sandy e júnior no *afinando* a dupla jovem muito
15 romântica cantando *as quatro estações* ((mostra um trecho com a letra)) e
16 hoje mais uma grande entrevista de BIA correa do lago ((mostra um trecho da
17 entrevista)) e finalmente no sarau vamos apresentar o tri: o *ne-ga-ti-va* um
18 grupo de rap formado por três garotas ((mostra um trecho da música sem a
19 letra)) (...)

(12)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador: Tony Bellotto (A).

01 A olá... bom ter vocês aqui em mais um *afinando a língua*. só que quem vai dizer
02 qual é o tema do programa de hoje não sou eu é um personagem da história
03 de portugal e do Brasil... carlota joaquina ((mostra um trecho do filme *carlota*
04 *joaquina, princesa do brasil*))
05 A *carLOta joaQUIna, princesa do brasil* é o filme de carla camuratti e o
06 personagem é interpretado pela atriz marieta severo ela era mulher de d. joão
07 PRÍNcipe regente depois REI de portugal é o nosso tema de hoje tem a ver
08 com quem REIna vamos falar sobre palavras que regem outras ou seja sobre
09 a regência verbal e a nominal... e depois de começarmos com reis e
10 ainhãs para botarmos mais paixão e fantasia ainda em nosso tema vamos ver
11 Ed motta jurando amor para a sua colombina é esse o nome da música
12 *colombina* de rita lee ((mostra um trecho da música)) mas o programa de hoje
13 tem muito mais... assim como paLAvras regem outras paLAvras é o amor que
14 rege *água da minha sede* interpretada por ZEca pagodinho ((mostra um trecho
15 da música)) a entrevista de hoje é com o MESTre em regências e no ofício de
16 escrever bia correa do lago vai conversar com millôr fernandes ((mostra um
17 trecho da entrevista)) e no *sarau* vamos conhecer francisca karinny bezerra
18 uma jovem cearense de quinze... anos com um belo poema ela foi a segunda
19 colocada no concurso de poesi:a que o *afinando a língua* realizou com o
20 caderno *magazine* do jornal *o globo* ((mostra um trecho do poema declamado
21 pela autora)) (...)

(13)

Contexto: Afinando a Língua III. Apresentador: Tony Bellotto (A).

01 A s – a – b – i – a ((mostra no vídeo, lendo em seguida)) que palavra foi essa
02 que eu disse? depende sabem do quê? do nosso tema de hoje NÃO não vou
03 entregar assim de bandeja pra vocês... por enquanto só vou dizer que é um
04 elemento da gramática que permite saber se a gente tá dizendo saBla
05 ((mostra no vídeo)) do verbo saber ou falando de uma pessoa muito CULta
06 muito vivida uma pessoa SÁbia ((mostra no vídeo)) ou daquele pássaro tão
07 presente em letras de música e poemas o sabiÁ ((mostra no vídeo)) e aí? Já
08 sacaram qual é o tema? hoje a gente tem várias atrações especialíssimas pra
09 começar um clipe da banda o Rapa com a música *o que sobrou do céu* que
10 ajuda a gente a ver o nosso cotidiano urbano com um pouco mais de poesia
11 ((mostra um trecho da música com a letra)) vamos ver também o grupo SNZ
12 cantando *o retrato imaginário* falando de um tipo de amor que só se acha
13 den:tro da gente ((mostra um trecho da música com a letra)) temos ainda a
14 entrevista de BIA correa do lago com gabriel pensador para quem a palavra
15 vale mu:ito.... manda ver gabriel! ((mostra um trecho da entrevista)) e no
16 sarau de hoje vamos conhecer a banda parangolé... sabe da força do samba
17 no pé mas tem o pop na veia ((mostra um trecho da música sem a letra)) (...)

(14)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Chico Soares (CS).

- 01 tá sintoligado na quadradinha?... hoje o conversê vai ser mais criativiro que
02 mentistória de pescaniador... vamos reinventonhar o palavraTÓrio nacionalês
03 e você vai descobrispelhar que também pode ser um excelentríssimo
04 criacendor do linguaral brasileiro... já deu pra notar que eu tô falando um
05 monte de palavras inventadas que não existem no dicionário né? mas só pra
06 ter certeza que essas palavras não existem MESmo nós vamos dar uma
07 olhadinha nesse novo *dicionário houaiss* que acaba de sair do forno vamos
08 ver se existe mentistória... ((procura no referido dicionário)) não não existe tem
09 mentira mentirolar mentiroso... viram só? no dicionário NÃO existe a palavra
10 mentistório nem criativiro nem PEScaniador mas se todo mundo pegasse a
11 mania de falar criativiro em vez de criativo a nova palavra poderia entrar no
12 vocabulário das pessoas e um dia seria também registrada no dicionário é por
13 isso que o dicionário por mais novo que seja já nasce velho porque as
14 palavras não param de ser inventadas e reinventadas o TEMpo todo ((Chico
15 Soares, colaborador do *dicionário houaiss*, comenta))
16 CS dicionário ele... ele... ele não... não... não pára nunca de ser feito né, ele não
17 deve... ele não pode parar nunca de ser feito porque cada dia as palavras vão
18 ganhando novos significados vão surgindo outros termos né... enfim... o
19 dicionário tem que acompanhar a/... a/... a/... dinâmica da língua né?
20 A o programa de hoje é sobre essa liberdade que nós temos pra inventar e
21 reinventar a língua uma coisa que acontece todo dia a toda hora nos livros nas
22 músicas na BOca da gente e em todo lugar e temos uma porção de atrações
23 no nosso programa gente que entende desse negócio de inventar a língua e
24 que faz disso uma arte querem ver?... nosso primeiro clipe vai ser *circuladô de*
25 *fulô* música de caetano veloso em cima de um poema de haroldo de campos a
26 letra dessa música é uma gran:de homenagem ao falar criativo dos
27 repentistas nordestinos ((mostra um trecho com a letra no vídeo)) e depois
28 vamos cair no samba com NÉLson sargento que vai mostrar o seu talento de
29 inventa-línguas gozador na música *idioma esquisito* ((mostra um trecho com a
30 letra no vídeo)) nosso convidado de hoje vai ser o poeta e escritor
31 ((incompreensível)) rodrigues ((mostra um trecho da entrevista)) e você vai
32 conhecer a maria rezende uma grande dizedora de versos que vai dar uma
33 canja aqui pra gente ((mostra-a declamando um trecho de um poema)) (...)

(15)

Contexto: Afinando a Língua V. Apresentador: Tony Bellotto (A).

- 01 oi pessoal como vocês sabem nossa língua tem sujeito composto sujeito
02 determinado sujeito INdeterminado... tem até sujeito o-cu-lto mas eu prefiro
03 dar uma de sujeito SIMples ((tony aparece neste momento)) e entrar em cena
04 pra participar das ações que vão rolar aqui no programa de hoje... nós vamos
05 falar sobre todos os tipos de sujeito que existe na nossa gramática e na nossa
06 literatura... e vocês ainda vão curtir também o clipe *amor i love you* com
07 marisa monte e participação de arnaldo antunes ((mostra um trecho com a
08 letra no vídeo)) e o sucesso *anna júlia*, com los hermanos um poema de amor
09 e namoro num clipe inspirado no visual das festas dos anos sessenta ((mostra
10 um trecho com a letra no vídeo)) vamos também bater um PApo com o
11 jornalista e escritor sérgio Rodrigues... o sérgio escreve artigos sensacionais
12 sobre língua portuguesa na revista *domingo do jornal do brasil* ((mostra um
13 treco da entrevista)) e olha quem vai estar aqui dando uma canja pra gente
14 ((mostra um trecho do clipe de uma banda de *rock*)) (...)

Notemos que a visão de “construção” se verifica claramente na própria relação que se estabelece entre as atrações do programa e o assunto em pauta. Tony Bellotto, ao afirmar que “a entrevista de hoje é com o MEStre em regências e no ofício de escrever” (programa II) e que “vamos cair no samba com Nélsom sargento que vai mostrar o seu talento de inventa-línguas” (programa IV), transmite aos telespectadores-alunos a idéia de que a aula que lhes é apresentada pretende ser um conjunto de elementos coesos que, juntos, mantêm uma unidade necessária com o assunto ministrado, sem a qual a aula seria apenas um momento de se tirarem dúvidas, como se fosse um “consultório” gramatical.

Confrontando-se os três programas, podemos dizer que o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* tratam os telespectadores-alunos como elementos coadjuvantes na relação apresentador-público / professor-aluno, ao passo que o *Afinando a Língua* valoriza a participação das pessoas na construção do assunto ministrado. O trabalho de Sérgio Nogueira com um “pacote de informações e curiosidades” (programa II) e a ênfase de Pasquale na entrevista e no entrevistado (“e:u converso com o jornalista com o produtor musical com o revelador de talentos com o letrista Nélsom Motta (...) não saia daí” – programa II), aliada à não-menção ao tema da aula, forçam o público – que espera o trabalho com a língua – a se colocar em segundo plano, ao contrário de Tony Bellotto, que, ao não “entregar assim de bandeja” (programa III) o tema em pauta, resgata a importância do outro no processo ensino-aprendizagem, estabelecendo, assim, um diálogo permanente.

3. Vai terminar o programa...

É importante, antes de tudo, fazermos uma diferença entre *fechamento* e *despedida*. No primeiro caso, conforme Luciano (2000:117-118), temos um “marcador de fronteira”, cujo objetivo é “seduzir’ o telespectador, convidando-o a assistir à edição do dia seguinte” , ao passo que, no segundo, identificamos um “cumprimento socialmente reconhecido como adequado e de prestígio para a finalização de qualquer interação verbal”.

No *Programa de Palavra*, a preocupação do apresentador é pura e simplesmente *seduzir* não o telespectador-aluno, mas o consumidor, elemento fundamental para a audiência do programa. A idéia de deixar o público à vontade para apontar “dúvidas críticas e sugestões” – fato que se observa nas cinco edições do referido programa – serve de “armadilha” – muito comum no comércio – para que Sérgio Nogueira apresente o número telefônico e a página da emissora na internet: “não deixe que uma dúvida uma crítica ou sugestão ao *programa de palavra* fique sem resposta... o telefone 0800-161399 está aí mesmo assim como a página da stv na internet... www.redestv.com.br...” (programa III). Observemos os seguintes excertos:

(16)

Contexto: Programa de Palavra I. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

157A (...) o telefone de discagem gratuita 0800-161399 está à sua disposição para
158 receber dúvidas críticas e sugestões para o nosso programa... se você navega
159 na internet tem a opção de acessar a www.redestv.com.br a página da stv e
160 conhecer toda a nossa programação além de é claro usar o endereço eletrônico
161 do *programa de palavra* para mandar sua mensagem... não importa o meio...
162 sua mensagem será sempre bem-vinda e levada em conta para o nosso...
163 aprimoramento... verifique na próxima semana assistindo a mais um *programa*
164 *de palavra*...
165 **obrigado um grande abraço e até lá** ((despedida))

(17)

Contexto: Programa de Palavra II. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

158A (...) a troca de idéias críticas sugestões e perguntas só enriquece os
159 participantes... por isso se você tem alguma coisa a nos dizer não se faça de

160 rogado disque 0800-161399 ou entre na página da stv... www.redestv.com.br
161 que tem toda a programação e o endereço eletrônico do *programa de palavra*
162 que está terminando por hoje mas volta a semana que vem...
163 **obrigado um grande abraço e até lá** ((despedida))

(18)

Contexto: Programa de Palavra III. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

159A (...) não deixe que uma dúvida uma crítica ou sugestão ao *programa de*
160 *palavra* que sem resposta... o telefone 0800-161399 está aí mesmo assim
161 como a página da stv na internet... www.redestv.com.br... basta ligar ou se
162 conectar para falar conosco pela internet além do endereço deste programa
163 você pode consultar toda a programação da stv... mas seja pelo contato direto
164 seja pela televisão teremos o maior prazer em encontrar você na semana que
165 vem nesse mesmo horário para mais um *programa de palavra*...
166 **obrigado um grande abraço e até lá** ((despedida))

(19)

Contexto: Programa de Palavra IV. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

155A (...) dúvidas sugestões ou críticas vindas de você amigo da stv são um
156 estímulo ao nosso trabalho... para isso ligue para 0800-161399 ou entre na
157 página da stv... www.redestv.com.br lá você pode consultar a programação e
158 se comunicar conosco... estaremos aqui semana que vem prontos para mais
159 um *programa de palavra*...
160 **obrigado um grande abraço e até lá** ((despedida))

(20)

Contexto: Programa de Palavra V. Apresentador: Sérgio Nogueira (A).

154A (...) envie suas dúvidas sugestões e críticas... por telefone o número é
155 0800-161399... se você preferir acessar a página da stv na internet para
156 consultar a nossa programação e usar o nosso endereço eletrônico a nossa
157 página é www.redestv.com.br... por um ou outro meio sua mensagem será
158 recebida com todo o carinho assim como a sua audiência na semana que vem
159 para mais um *programa de Palavra*...
160 **obrigado um grande abraço e até lá** ((despedida))

Dando continuidade à sua estratégia de *sedução*, notemos que o professor Sérgio Nogueira utiliza o elogio à contribuição do público: “sua mensagem será sempre bem-vinda e levada em conta para o nosso... aprimoramento” (programa I). Novamente, o apresentador mantém uma relação apenas comercial com o telespectador, tentando fazê-lo consumir seu produto de venda, que é o próprio “*programa de palavra* que está terminando por hoje mas volta a semana que vem” (programa II), revelando, dessa forma, que a audiência – responsável pelo faturamento da emissora – é mais importante do que a aula ministrada.

No *Nossa Língua Portuguesa*, não encontramos o *fechamento*, porém apenas a *despedida*, que, embora não seja o foco de nossa análise, é feita de forma breve em todas as séries da referida produção televisiva (“é isso”), servindo como estratégia de *marketing* de Pasquale Cipro Neto, o qual, com isso, realiza uma propaganda de si mesmo. Essa ausência de *fechamento* é um indício de que o apresentador não dá nenhuma importância à própria aula, muito menos aos telespectadores-alunos, que só se dão conta de que o programa terminou quando observam a ficha técnica no vídeo acompanhada da música-tema do programa ao fundo. Vejamos os excertos abaixo:

(21)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa I. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A).

- 86A (...) é comum que se coloque o pronome antes do verbo e aí então teríamos a
87 forma fi-lo porque o quis
88 **é isso** ((despedida))

(22)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa II. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A).

- 16A (...) não existe z nas formas do verbo querer ((mostra um esquema, lendo-o em
17 seguida))

Esquema - QUIS
QUISER
QUISEMOS
QUISESSE
QUISERAM

- 18 quis quisер quisemos quisesse quisерam TODas essas formas se grafam com a
19 letra s esqueça a letra z ao conjugar o verbo querer
20 **é isso** ((despedida))

(23)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa III. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A).

- 70A (...) a separação silábica de meio é exatamente como está no dicionário
71 ((mostra um esquema no vídeo))

Esquema – Separação Silábica:
meio = mei-o

- 72 existe um ditongo na primeira sílaba mei o... o e funciona como vogal e o i
73 como semivogal mei-o é fácil perceber a separação silábica sílaba é emissão
74 de voz uma palavra tem tantas sílabas quantas forem as emiSSÕES de voz
75 efetua::das é fácil perceber isso quando você fala dei sei rei é uma sílaba só dei
76 do verbo dar sei do verbo saber rei... uma sílaba só então no caso mei que é a

- 77 primeira sílaba o mei-o duas sílabas o dicionário está certo
78 **é isso** ((despedida))

(24)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa IV. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A).

- 38A (...) quem é que diz NÉon deus do céu? essa pronúncia não pega não pegou e
39 pelo jeito não vai pegar no dicionário *michaelis* mais recente estão registradas
40 as duas pronúncias estão registradas as duas grafias ((mostra-as num
41 pequeno esquema, lendo-as))

Esquema - NÉON
NEON

- 42 néon néon com acento no e néon e sem acento neon e parece definitiva pelo
43 menos entre NÓS aqui no brasil a pronúncia neon como é um dicionário só por
44 enquanto fica sempre aquela dúvida vale ou não vale? é preciso que outros
45 também incorporem a pronúncia... abonem a pronúncia pra que a coisa ganhe
46 corpo definitivamente fica essa coisa no ar então néon neon tendência pra
47 neon pronúncias que efetivamente não pegam... são bem comuns
48 **é isso** ((despedida))

(25)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa V. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A).

- 53A (...) eu digo ((mostra um esquema, lendo-o em seguida))

Esquema - PRESENTE DO SUBJUNTIVO

EU QUERO QUE
ELA FIQUE

O QUE VOCÊ QUER
QUE EU FAÇA

O QUE VOCÊ QUER
QUE EU DIGA

- 54 presente do subjuntivo eu quero que ela fique o que você quer que eu faça o
55 que você quer que eu diga eu quero que ela fi-que e NÃO eu quero que ela fi-
56 ca o que você quer que eu fa-ça e não o que você quer que eu fa-ço o que
57 você quer que eu di-ga e não o que você quer que eu di-go deve-se usar aí o
58 presente do subjuntivo o modo subjuntivo... ((mostra um esquema, lendo-o em
59 seguida))

Esquema - MODO SUBJUNTIVO

POSSIBILIDADE,
DÚVIDA,
HIPÓTESE,
SUPOSIÇÃO,
ESPECULAÇÃO,
DESEJO

60 modo subjuntivo possibilidade dúvida hipótese suposição especulação
61 deSEjo...é o modo da possibilidade da dúvida da hipótese da suposição da
62 especulação do desejo eu quero que ela fique
63 **é isso** ((despedida))

Notemos que, nas cinco séries, Pasquale Cipro Neto se despede imediatamente após a explicação do assunto em pauta (“e aí então teríamos a forma fi-lo porque o quis é isso” – programa I). Esse procedimento deixa o público sem saber se há mais algum detalhe sobre o conteúdo, se um outro tópico gramatical será discutido ou se a aula chegou ao fim. Como podemos ver, o apresentador, ao não promover o *fechamento* do programa, seja resumindo-o, seja mostrando a importância do tema apresentado, consegue apenas revelar que sua intenção real é livrar-se da aula e dos telespectadores-alunos.

No *Afinando a Língua*, a preocupação em estabelecer um processo contínuo de interação nos mostra o respeito que o apresentador tem pela aula e pelos telespectadores-alunos, o que fica claro em “o que acharam do nosso programa de hoje sobre conjunções?” (programa I) e em “perceberam como a nossa língua é infinita?” (programa IV). Observemos que, com isso, Tony Bellotto, ao mesmo tempo, garante a unidade temática do programa, atitude extremamente didática que possibilita ao público um acompanhamento maior do conteúdo ministrado. Vejamos os trechos abaixo:

(26)

Contexto: Afinando a Língua I. Apresentador: Tony Bellotto (A).

116 A (...) e então o que acharam do nosso programa de hoje sobre conjunções?...
117 vou deixar mais um pensamento pra vocês que tem tudo a ver com o nosso
118 tema... já pensaram se a gente tivesse de construir uma parede só com os
119 tijo::los sem cimento nem massa? ia desabar na primeira ventania não ia?
120 então pensem nas conjunções como essa massa esse cimento que ligam as
121 orações... paredes sólidas texto bem-escrito
122 **até a próxima** ((despedida))

(27)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador: Tony Bellotto (A).

- 154 A (...) as regências como tudo na língua evoluem e mudam cabe à gramática
155 registrar essa evolução e ordená-la até que surjam novas relações entre
156 determinadas palavras... e assim a língua vai se modificando se enriquecendo
157 como numa orquestra o maestro disciplina a riqueza de todos os instrumentos
158 a regência organiza e dá sentido às frases e orações dos textos se você não
159 quer atravessar o samba do seu texto se ligue na regência
160 **até a próxima** ((despedida))

(28)

Contexto: Afinando a Língua III. Apresentador: Tony Bellotto (A).

- 172 A (...) acho bom pra encerrar o nosso programa dizer que qualquer ponto de
173 vista em gramática tem sempre opiniões divergentes pensem no assunto os
174 acentos não são só uma complicação pra tirar ponto na redação a acentuação
175 serve pra gente se comunicar melhor sem ela a gente fica às vezes sem saber
176 qual é a sílaba tônica pensa que está dizendo uma coisa e está dizendo outra
177 ou não está dizendo é coisa nenhuma
178 **até a próxima** ((despedida))

(29)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A).

- 157 A (...) perceberam como a nossa língua é infinita? por maior que seja o
158 dicionário ela nunca vai caber toda ali dentro sabem por quê? porque a nossa
159 língua está Viva na boca e no pensamento de cada um e juntos nós vamos
160 reinventando o nosso jeito de faLAR de SER e de viVER
161 **é isso aí pessoal valeu até o nosso próximo afinando a língua** ((despedida))

(30)

Contexto: Afinando a Língua V. Apresentador: Tony Bellotto (A).

- 130 A não dá pra negar né? tem muito sujeito bacana no mundo mas pra gente
131 continuar descobrindo bons sujeitos temos que ficar ligados antes de conjugar
132 a ação e soltar o verbo precisamos saber Identificar o sujeito você gosta de
133 samba? que tipo de sujeito você é é bom da cabeça ou é doente do pé? já tá
134 louco pra cair na farrá né? tudo bem vai nessa nosso programa tem que
135 se SUjeitar a um tempo limitado e nós vamos ficando por aqui... mas semana
136 que vem tem mais
137 **até o próximo afinando a língua** ((despedida))

Percebamos que o apresentador procura, nas cinco edições, fazer um resumo do conteúdo em pauta, enfocando um aspecto fundamental da aula (“a regência organiza e dá sentido às frases e orações dos textos” – programa II) e alertando o público para a importância do assunto ministrado (“antes de conjugar a ação e soltar o verbo precisamos saber Identificar o sujeito” – programa V). Essa postura pedagógica reforça o pensamento de que a intenção de Tony Bellotto é fazer de suas aulas um momento de discussão e de construção da

língua, a qual depende da participação de todos para sua continuidade, uma vez que “juntos nós vamos reinventando o nosso jeito de faLAR de SER e de viVER” (programa IV).

Fazendo-se um confronto entre os três programas, podemos dizer que só o *Afinando a Língua* se importa com a aula e, conseqüentemente, com os telespectadores-alunos. No *Programa de Palavra*, – que não faz menção alguma aos conteúdos –, o aparente relevo que Sérgio Nogueira dá ao público (“dúvidas sugestões ou críticas vindas de você amigo da stv são um estímulo ao nosso trabalho” – programa IV) visa a tão-somente captar a audiência, uma vez que, logo em seguida, são apresentados o número telefônico e a página da emissora na internet. Como já dissemos, mesmo não detectando, no programa *Nossa Língua Portuguesa*, o fechamento, é necessário afirmarmos que a ausência deste é um sinal de que Pasquale Cipro Neto não tem compromisso nem com a aula, nem com o telespectador, já que não se dá ao trabalho de recapitular o assunto em foco, dirimindo possíveis dúvidas quanto à compreensão deste. No *Afinando a Língua*, ao contrário, Tony Bellotto, ao procurar interagir com o público (“que tipo de sujeito você é é bom da cabeça ou é doente do pé?” – programa V) e concluir o conteúdo ministrado (“a acentuação serve pra gente se comunicar melhor” – programa III), resgata a importância do outro no processo ensino-aprendizagem.

Enfim, ao observarmos os programas televisivos *Programa de Palavra*, *Nossa Língua Portuguesa* e *Afinando a Língua*, percebemos que os mesmos recorrem a diversos quadros que servem como estratégias para motivar o ensino dos temas lingüísticos, que são: a *exibição de videoclipe*, em que a música popular brasileira surge como veículo dos temas das aulas; a *utilização de esquemas*, com os quais se procura reforçar a compreensão dos assuntos por

meio de notas explicativas; a *utilização de enquete*, com a qual se avalia o público em relação ao significado de certas palavras e ao conhecimento dos aspectos gramaticais abordados; a *encenação teatral*, cuja meta é facilitar a introdução e a explicação dos conteúdos; a *leitura de e-mail e de fax*, por meio da qual se estabelece um “consultório” gramatical para as dúvidas dos telespectadores-alunos; a *leitura de verbete de dicionário*, dando credibilidade aos apresentadores-professores em função de uma referência bibliográfica de renome; a *leitura de bilhete*, levando os telespectadores-alunos a relacionar conteúdo e texto; finalmente a *realização de entrevista oral*, também servindo como estratégia de credibilidade às palavras dos apresentadores-professores.

Quanto à **abertura** e ao **fechamento**, podemos concluir que o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* não levam em conta a participação fundamental do outro no processo ensino-aprendizagem, ao contrário do *Afinando a Língua*, que, promovendo a interação, revela a importância dos telespectadores-alunos na construção da língua. Na *abertura*, ao assumir uma postura de censor da língua, Sérgio Nogueira torna o público um elemento passivo da aula, o qual passa a ser importante apenas no *fechamento*, mesmo assim em função de sua condição de consumidor responsável pela audiência desejada pelo apresentador. Pasquale Cipro Neto, ao não apontar o conteúdo da aula na *abertura*, mostra que o programa é mais significativo do que quem está do outro lado da tela, concepção que se revela no fato de o apresentador ter descartado o *fechamento*. Tony Bellotto, entretanto, ao levar o público a identificar o tema em pauta, mostrando também a unidade temática que os quadros mantêm entre si, resgata, tanto na *abertura* quanto no *fechamento*, o valor do outro na construção do

conhecimento e da língua, a qual é fruto das relações que estabelecemos nas diversas situações de interação comunicativa.

Promovidas, neste capítulo, as descrições das estruturas organizacionais do *Programa de Palavra*, do *Nossa Língua Portuguesa* e do *Afinando a Língua*, bem como a análise da *abertura* e do *fechamento* destes, mostraremos e comentaremos, no capítulo seguinte, os objetivos estabelecidos por essas produções educativas ao se utilizarem de estratégias motivadoras dos conteúdos das aulas, como também faremos um confronto entre as formas como cada programa trabalhou esses recursos didáticos.

Capítulo III

Estratégias Metodológicas³ das Produções Televisivas Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua

Neste capítulo, mostraremos e comentaremos os objetivos estabelecidos pelas produções educativas **Programa de Palavra, Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua** ao se utilizarem de estratégias motivadoras dos conteúdos das aulas, bem como faremos um confronto entre as formas como cada programa trabalha esses recursos didáticos.

1. Descrição e análise das estratégias

Das oito estratégias encontradas, apenas duas delas se fizeram presentes em todos os programas: a *exibição de videoclipe* e a *utilização de esquemas*. Ainda é importante que se observe que o *Programa de Palavra* recorre, em todas as suas aulas, à *utilização de enquete* (também presente em todas as aulas do

³ As estratégias metodológicas realizam-se em nove gêneros textuais distintos (videoclipe, esquema, enquete, peça teatral, e-mail, fax, verbete de dicionário, bilhete e entrevista oral), os quais não serão exaustivamente descritos, uma vez que o ponto fulcral do nosso interesse recai no uso didático que os apresentadores-professores fazem desses gêneros.

Afinando a Língua), à *encenação de peça teatral* e à *leitura de e-mail* (o *fax* é usado apenas no *Nossa Língua Portuguesa*), ficando a *leitura de verbete de dicionário*, a *leitura de bilhete* e a *realização de entrevista oral* restritas ao *Afinando a Língua*, que igualmente se vale da quarta estratégia. A tabela abaixo apresenta as incidências dessas estratégias nas respectivas produções educativas:

TABELA 1: Estratégias Motivadoras Para Ensino dos Tópicos Gramaticais

Estratégias motivadoras	Programa de Palavra	de Nossa Língua Portuguesa	Afinando a Língua	Total
Exibição de videoclipe	5	5	5	15
Utilização de esquemas	5	5	5	15
Utilização de enquete	5	-	5	10
Encenação de peça teatral	5	-	1	6
Leitura de e-mail e de fax	5	2	-	7
Leitura de verbete de dicionário	-	-	2	2
Leitura de bilhete	-	-	1	1
Realização de entrevista oral ⁴	-	-	1	1

A seguir, veremos, detalhadamente, como os programas em análise trabalham as atividades didáticas acima para o ensino dos conteúdos gramaticais estabelecidos para cada aula.

Exibição de videoclipe

Conforme Rabaça e Barbosa (2001:755), o *videoclipe*, fruto da mistura de recursos técnicos e expressivos da produção fonográfica, da televisão e do

⁴ Embora os três programas realizem a entrevista em todas as suas edições, registramos apenas uma do *Afinando a Língua*, pois era a única que estava sendo usada como estratégia de motivação para o ensino do tema da aula.

cinema, é uma apresentação musical que, utilizando técnicas de roteirização e de montagem mais próximas do cinema do que da televisão, trabalha com imagens que “costumam referir-se à própria apresentação do número musical, com coreografias e encenação de pequenos enredos ou de situações dramáticas baseadas no tema da canção”.

A *exibição de videoclipe*, nos três programas em análise, consiste essencialmente de músicas da MPB que fazem grande sucesso. Os cantores que apareceram são Verônica Sabino, Daniela Mercury, Vânia Abreu, Marisa Monte, Djavan, Gal Costa, Lobão, Ed Motta, Zeca Pagodinho, Caetano Veloso, Néilson Sargento, a dupla Sandy e Júnior e os conjuntos Jota Quest, Titãs, Skank, Banda Eva, Cidade Negra, O Rapa, SNZ e Los Hermanos.

Segundo constatamos, seja mostrando intimidade com o cantor: “nossa sempre alegre Daniela Mercury” (Sérgio Nogueira), seja enxergando no artista um integrante da produção do programa: “eu vou chamar os Titãs” (Pasquale Cipro Neto), seja fazendo comentários elogiosos sobre certo cantor: “vamos embalar nosso tema com a GINGa a maLÍcia e o Ritmo de zeca pagodinho” (Tony Bellotto), duas são as razões pelas quais as músicas são utilizadas:

a) “aproveitar a letra da música para recordar alguns aspectos da nossa gramática” (Programa de Palavra I), como comprova o fragmento abaixo:

(31)

Contexto: Programa de Palavra II. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assunto: ortografia (emprego de “s” e de “x”).

05 A (...) tudo isso começa com a energia de daniela mercury cantando *santa*
06 *helena* (mostra um trecho da música) *santa helena* é o nome desse grande
07 sucesso da nossa sempre alegre daniela mercury e o programa de palavra
08 vai aproveitar a letra da música para rever aspectos importantes da nossa
09 língua portuguesa... (...)

Para o apresentador, os telespectadores-alunos já estão familiarizados com assunto, tendo o programa a única função de revisá-lo. Essa postura deixa a impressão de que não há mais nenhum desafio possível capaz de instigar as pessoas a procurar outras formas lingüísticas, como se a língua já estivesse acabada, fechada, definida, desprezando-se, conseqüentemente, as diversas situações de interação comunicativa, tornando a aula um momento não de discussão de idéias, mas de repetição destas.

b) esclarecer dúvidas sobre o emprego de determinadas formas próprias da norma-padrão (*Nossa Língua Portuguesa e Afinando a Língua*), como podemos observar nos seguintes trechos:

(32)

Contexto: *Nossa Língua Portuguesa I*. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assunto: figuras de linguagem (o “anacoluto”).

07 A (...) eu vou chamar os titãs eles vão cantar uma canção de raul seixas nessa
08 canção nessa letra haverá um trecho com o tal do anacoluto tente descobrir
09 qual é depois eu comento com você (...)

(33)

Contexto: *Afinando a Língua II*. Apresentador: Tony Bellotto (A). Zeca Pagodinho (ZP). Assunto: regência verbal.

57 A (...) vamos embalar nosso tema com a GINGa a maLÍcia e o Ritmo de zeca
58 pagodinho em *água da minha sede* e aQUI ele vai falar de uma sede
59 diferente dessa que não se mata bebendo coisa nenhuma
60 ZP eu preciso do seu amor paixão forte me domina (...)
61 A vamos ver com atenção esse verbo pre-ci-sar quando zeca pagodinho canta
62 eu preciso do seu amor ((o verso reaparece no vídeo com o grifo)) a
63 preposição DO indica que há uma necessidade algo que vai lhe fazer falta se
64 não tiver... (...)

A música popular brasileira novamente é usada apenas como fonte de comentários de aspectos restritos à gramática normativa. Embora isso seja verdade, entendemos que o *Afinando a Língua* procura, pelo menos, fazer uma relação entre a constituição dos textos apresentados e os assuntos ministrados (“a preposição DO indica que há uma necessidade algo que vai lhe fazer falta se

não tiver”), ao passo que o *Nossa Língua Portuguesa* literalmente se apossa da composição musical para falar de “um trecho com o tal do anacoluto”, atitude que não leva em conta a ligação existente entre o aspecto lingüístico e seu uso no texto.

Ao compararmos os três programas, percebemos que os apresentadores utilizam as *composições musicais* principalmente como pretextos para o trabalho com os conteúdos próprios da gramática normativa: “a nossa música popular foi a voz-guia para os novos ensinamentos e também para rever antigos conceitos gramaticais da nossa bela língua portuguesa” (Programa de palavra IV); “eu vou chamar os titãs eles vão cantar uma canção de raul seixas nessa canção nessa letra haverá um trecho com o tal do anacoluto” (Nossa Língua Portuguesa I); e “e essa é uma boa hora pra gente ver as conjunções em verso e música seguindo a estrada com o cidade negra” (Afinando a Língua I). No entanto o *Afinando a Língua*, como dissemos anteriormente, apresenta uma preocupação em refletir sobre a funcionalidade do assunto em pauta na constituição do texto (“veja como essa conjunção E liga palavras iguais para marcar a construção de um exagero é como se ela dissesse numa linguagem bem popular percorri um montão de milhas” – programa I), diferentemente dos outros programas, que vêem as composições apenas como instrumentos de entretenimento para motivar os telespectadores-alunos a estudar regras gramaticais.

Outro fato que nos chama a atenção, ainda em relação à *exibição de videoclipe*, é a questão da unidade temática de cada aula. No *Programa de Palavra* e no *Nossa Língua Portuguesa*, os assuntos abordados após cada música não mantêm nenhuma relação entre si, levando o telespectador-aluno a ficar num eterno suspense sobre qual o próximo tema: “é isso aí às vezes nunca

mas aqui no *programa de palavra* a música popular brasileira sempre ajuda a entender melhor o nosso idioma vamos adiante (...) o cometa é diferente dos outros astros porque gira em torno do sol em órbitas elípticas muito alongadas (...) os gregos escolheram para dar nome ao astro comê significa cabeleira cometa” (Programa de Palavra) e “então não confunda mais espinHA é uma coisa espinHO é outra coisa (...) é isso (...) existem pronúncias que não pegam de jeito nenhum” (Nossa Língua Portuguesa IV). Tal prática didática revela que os apresentadores não se colocam na posição de educadores, mas na de animadores de um espetáculo, cuja intenção é mostrar ao público que “o nosso programa de hoje tem mais atrações para você” (Programa de Palavra I), atitude que demonstra uma total falta de compromisso com o ensino da língua portuguesa. Tomem-se como exemplos os seguintes fragmentos, que dão continuidade ao Programa de Palavra I e ao Nossa Língua Portuguesa IV, respectivamente:

(34)

Contexto: Programa de Palavra I. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assuntos: Homônimos e criação vocabular.

41 A (...) o nosso último destaque diz respeito à forma verbal soltas do verbo
42 soltar devemos escrever com l e pronunciar com timbre aberto soltas é bom
43 lembrar que existe a forma soltas timbre fechado embora também seja
44 escrita sem acento o detalhe é que soltas é uma forma adjetiva (...) é isso aí
45 às vezes nunca mas aqui no *programa de palavra* a música popular brasileira
46 sempre ajuda a entender melhor o nosso idioma vamos adiante que tem mais
47 atrações para você fique conosco ((Sérgio Nogueira vai para a seção
48 **Curiosidade**)) (...) os gregos escolheram para dar o nome ao astro comê
49 significa a cabeleira comê cabeleira cometa (...)

(35)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa IV. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assuntos: Significação vocabular e prosódia.

24 A (...) então não confunda mais espinHA é uma coisa espinHO é outra coisa (...)
25 não... corra o risco de errar inutilmente é isso (...) existem pronúncias que
26 pegam de jeito nenhum se eu disser pra você que aquilo que o médico usa pra
29 fazer determinados exames aquilo... uma sonda que se coloca no corpo da
30 pessoa... aquilo se chama catETER você talvez não acredite (...)

Qual é a relação entre a “forma verbal soltas do verbo soltar” e a origem da palavra “cometa”? Como os significados de “espinho” e de “espinha” vão interferir na pronúncia da palavra “cateter”? Nem Sérgio Nogueira nem Pasquale Cipro Neto saberiam responder, porque a ausência de unidade temática significa também ausência de uma prática educativa séria, que possa conduzir o telespectador-aluno a ter um comportamento mais crítico em relação à língua que usa.

Utilização de esquemas

O *esquema* é um tipo de anotação que procura ordenar “hierarquicamente as partes principais do conteúdo de uma comunicação” (Medeiros, 1997:16), a fim de que as informações selecionadas possam ser posteriormente aproveitadas.

Os apresentadores dos três programas lançam mão de notas reforçativas constituídas de exemplos apenas (Programa de Palavra e Nossa Língua Portuguesa) ou de regras e exemplos (Afinando a Língua).

Conforme nossa constatação, os três programas utilizam os esquemas com uma única finalidade: explicar os temas das aulas. Vejamos alguns exemplos:

(36)

Contexto: Programa de Palavra V. Apresentador Sérgio Nogueira (A). Assunto: Verbo (particípio regular e irregular de **ganhar** e **prender**)

100 A (...) chegamos aos verbos abundantes como ganhar e prender por exemplo
101 eles têm um particípio regular ganhado e prendido e um Irregular ganho e
102 preso para saber como usar um e outro acompanhe o esquema ((mostra-o,
103 lendo-o em seguida))

Esquema 1 - Particípio regular Ter e haver

O jogador **tinha (havia)** ganhado tempo.
O delegado **tinha (havia)** prendido o suspeito.

**Esquema 2 - Participio irregular
Ser e estar**

O dinheiro **foi ganho** com muito suor.
O principal suspeito **estava (foi) preso**.

(37)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa III. Apresentador Pasquale Cipro Neto (A).
Assunto: Acentuação gráfica.

55A (...) a forma verbal pára se escreve com acento agudo no a no primeiro a
56 acento diferencial da preposição para então ((mostra um esquema no vídeo,
57 lendo-o em seguida))

Esquema - pára-lama
pára-raio
pára-quedas

(38)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador Tony Bellotto (A). Assunto: Regência verbal.

138 A (...) às vezes a preposição não aparece porque está disfarçada numa forma
139 mais sutil de regência... ((mostra dois exemplos no esquema, lendo-os
140 em seguida))

Esquema - acabou recitando-**me** versos
recitou versos **para** mim

- foram-**lhe** dados três dias
deram **a** ele três dias

Estabelecendo-se um confronto entre os três programas, notamos que a *utilização de esquemas* repete a mesma prática observada nas escolas brasileiras: a toda explicação corresponde uma exemplificação. O problema desse dispositivo didático, ao nosso ver, está no fato de que os telespectadores/alunos, em vez de refletirem sobre os fatos lingüísticos, desenvolvendo, assim, sua competência textual-discursiva, são levados a repetir conhecimentos previamente construídos. É claro que é importante definir, porém isso deve partir de uma observação dos fatos, que devem ser discutidos entre os apresentadores/professores e os telespectadores/alunos. Entretanto como discutir os fenômenos lingüísticos, se o que está em foco são apenas as regras da

gramática normativa? Como empregar atividades que focalizem essencialmente os efeitos de sentido que os elementos lingüísticos podem produzir na interlocução, se os exemplos oferecidos pelos apresentadores estão no nível da palavra e da frase, completamente isolados de seus respectivos contextos? Se a preocupação não estivesse centrada apenas na gramática normativa, mas, sobretudo, no uso que fazemos da língua, certamente os telespectadores/alunos estariam questionando o particípio dos verbos “ganhar e prender” (Programa de Palavra), o acento gráfico nas formas “pára-lama”, “pára-raio” e “pára-quedas” (Nossa Língua Portuguesa) e a existência das formas “acabou recitando-**me** versos” e “foram-**lhe** dados três dias” (Afinando a Língua).

Outro ponto importante a ser discutido, ainda a respeito da *utilização de esquema*, é a seqüência dos assuntos em cada um dos programas analisados. No *Programa de Palavra* e no *Nossa Língua Portuguesa*, os temas tratados nos esquemas aparecem sem nenhuma ligação com os outros observados na aula. Novamente é a construção temática da aula sendo prejudicada em função de uma falta de definição de um único tema. Nessa confusão de temas, estão os telespectadores-alunos, que são obrigados a assimilar, no final das contas, uma infinidade de tópicos gramaticais, reforçando-se, com isso, a idéia de que a língua portuguesa é difícil e complexa. Entretanto não é o que se nota no *Afinando a Língua*, que mantém, em toda a aula, um único tema, que é desenvolvido gradativamente nos seus diversos quadros estratégicos. Observem-se os fragmentos abaixo:

(39)

Programa de Palavra III. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assuntos: Emprego da vírgula e grafia da palavra flecha .
--

- 28 (...) não devemos pôr vírgula pra separar o sujeito do seu predicado (...) não
29 devemos portanto usar vírgula em exemplos como os que você pó:de observar
30 no nosso esquema ((mostra-o, lendo-o em seguida)) (...)

Esquema - Quem vai não volta jamais.

Quem avisa amigo é.

Quem estuda passa.

Quem lê sabe.

Quem bebe Grapete repete.

- 36 A (...) o nosso último destaque é a palavra flecha qual é a grafia correta é flecha
37 ou frecha? (...)

(40)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa I. Apresentador Pasquale Cipro Neto (A).
Assunto: Figuras de linguagem e Plural dos substantivos terminados em “-ão”.

- 19 A (...) fica perdida na estrutura sintática fica sem função sintática específica
20 dentro da estrutura frasal é isso que é o tal do a-na-co-lu-to um nome feio
21 pra um fenômeno muito comum principalmente na língua... falada é muito
22 comum que se faça isso na língua falada (...) se a palavra termina em ão e é
23 pa-ro-xítõna ((mostra um esquema no vídeo, lendo-o em seguida))

Esquema - PAROXÍTONAS
TERMINADAS EM “ÃO”
VÃO PARA O PLURAL
COM O ACRÉSCIMO
DE “S”

BÊNÇÃO	_____	BENÇÃOS
ÓRFÃO	_____	ÓRFÃOS
ÓRGÃO	_____	ÓRGÃOS
SÓTÃO	_____	SÓTÃOS

(41)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador Tony Bellotto (A). Assunto: Regência verbal e Nominal.

- 07 A (...) o nosso tema de hoje tem a ver com quem REIna vamos falar sobre
08 palavras que regem outras ou seja sobre a regência verbal e a nominal... (...)
138 (...) às vezes a preposição não aparece porque está disfarçada numa forma
139 mais sutil de regência... ((mostra dois exemplos no esquema, lendo-os em
140 seguida))

Esquema - acabou recitando-**me** versos
recitou versos **para** mim

- foram-**lhe** dados três dias
deram **a** ele três dias

Os telespectadores-alunos, face à não-retomada do assunto, poderão entender que os exemplos mostrados são suficientes para darem conta dos fatos lingüísticos, não havendo nenhuma outra situação diferente. Assim sendo, terão a impressão de que um conjunto de assuntos, abordados de forma aleatória, lhes

garantirá também um conjunto de novas habilidades de expressão. Ressalte-se, no entanto, a forma como o *Afinando a Língua* trabalha cada programa: um único tema desenvolvido ao longo da aula permite ao apresentador abordar um número maior de informações que, aos poucos, vão estabelecendo uma seqüência natural que, certamente, ajudará o público a compreender melhor o tema em pauta.

Utilização de enquete

A *enquete*, forma aportuguesada do francês *enquête*, é um conjunto de depoimentos de um certo número de pessoas a respeito de um determinado tema da atualidade, empreendida normalmente “por jornal, emissora de rádio etc., com a finalidade de se registrarem as diferenças de opinião do público ou do grupo entrevistado e de se avaliar, grosso modo, uma média de opiniões” (Rabaça & Barbosa, 2001:270).

Procurando criar um canal de comunicação entre os apresentadores-professores e os telespectadores-alunos, com a participação ou não das pessoas na rua, o *Programa de Palavra* e o *Afinando a Língua* mostram objetivos bastante diferentes ao utilizarem as *enquetes*:

a) saber se as pessoas conhecem o significado de determinadas palavras (“teste o seu vocabulário escolhendo a alternativa que define a palavra *impávido*”) e se dominam os conteúdos da gramática normativa, como os fragmentos abaixo nos mostram:

(42)

Contexto: Programa de Palavra I. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Entrevistados na rua: E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9. Assuntos: Significado da palavra **impávido** (enquete 1) e **impessoalidade do verbo “fazer”** (enquete 2).

Enquete 1:

59 A (...) teste o seu vocabulário escolhendo a alternativa que define a palavra
60 Impávido (...) a indiferente à dor b que não tem pavor destemido ou a c
61 qualidade do que é impecável ((mostra um quadro-pergunta dirigido aos

- 62 telespectadores e às pessoas nas ruas)) a indiferente à dor b que não tem
 63 pavor destemido ou a c qualidade do que é impecável
 64 E1 que não tem pavor destemido
 65 E2 indiferente à dor
 66 E3 que não tem pavor destemido
 67 E4 se refere a que não tem pavor destemido ((começa um novo bloco))
 68 A antes da decisão final sobre o teste vamos recordar um trecho do hino nacional
 69 aquele que diz gigante pela própria natureza és belo és forte impávido colosso
 70 considerando que o gigante de que se fala é o brasil seria o brasil indiferente à
 71 dor sem pavor destemido ou ainda impecável? pensando assim com certeza
 72 você escolheu a alternativa b e acertou impávido é o que não tem pavor
 73 destemido (...)

Enquete 2:

- 114A (...) faz tempo que não chove quanto tempo? “fazem três dias” ou “faz três
 115 dias”? verifique como anda não o TEMPO mas a segurança das pessoas
 116 quando falam ((mostra as pessoas, nas ruas, escolhendo uma das frases))
 117 E5 fazem três dias que não chove
 118 E6 faz três dias que não chove
 119 E7 faz três dias que não chove
 120 E8 fazem três dias que não chove
 121 E9 faz três dias que não chove
 122 ((sérgio nogueira comenta))
 123A o verbo fazer pode designar o tempo ou fenômenos da natureza desde que
 124 seja conjugado na forma IMpessoal isto é sem sujeito é o caso da nossa
 125 pesquisa faz três dias que não chove porque três dias que não chove é
 126 complemento e não o sujeito da frase nós não sabemos quem faz só o que
 127 faz tempo é o mesmo caso de faz meses que ela viajou ou faz mais de
 128 quinhentos anos que o brasil foi descoberto (...)

A idéia de oferecer às pessoas apenas uma alternativa correta para o significado de uma determinada palavra, totalmente isolada de seu contexto, causa a impressão de que os significados são cristalizados, estáticos, isto é, não há nenhuma relação entre os significados das palavras e os diversos usos que fazemos delas em nossas interações diárias. Parece que Sérgio Nogueira desconhece – ou não quer aceitar – que produzir significado implica situar encontros com o mundo em seus contextos apropriados.

Por que temos de verificar “a segurança das pessoas quando falam”? Será que não conhecem a própria língua que utilizam? Claro que conhecem. O que acontece é que Sérgio Nogueira entende que a língua portuguesa se limita ao que

está prescrito pelos gramáticos normativistas, daí sua atitude em apontar somente uma alternativa para o emprego do verbo “fazer” na indicação de tempo decorrido.

b) avaliar o grau de conhecimento (“e agora eu proponho um desafio”) que os telespectadores-alunos têm do assunto ministrado na aula (Afinando a Língua), como atesta o seguinte fragmento:

(43)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assunto: neologismo.

87 A (...) e agora eu proponho um desafio quero ver quem vai decifrar a expressão
88 que guimarães rosa inventou nesse trecho do livro *os irmãos dagoberto* a
89 situação é a seguinte estão todos acompanhando o enterro e guimarães
90 descreve o clima de silêncio e cochichos e diz que aquelas pessoas estão
91 com fome de perguntidade ? que tipo de fo:me é essa? como é que se mata
92 essa fome? põe a cachola pra funcionar que daqui a pouco a gente tá de
93 volta ((começa a segunda parte)) pensaram no nosso Desafio? o que seria
94 essa fome de perguntidade? vamos ver um trecho do filme de Pedro bial que
95 adaptou essa cena ((mostra o trecho ilustrativo, sem nenhuma fala de
96 personagem)) no contexto fica mais fácil entender no enterro todo mundo
97 silencioso constrangido e aquela vontade danada de perguntar como é que
98 foi? e agora como vai ser? em vez disso o silêncio cochichos... e todo mundo
99 segurando a curiosidade segurando aquela vontade dese:sperada de
100 perguntar isso é que era aquela forme de perguntidade (...)

A idéia de perguntar qual o significado da expressão “fome de perguntidade”, levando o público a relacionar o neologismo em questão ao seu respectivo contexto, é um indício de que o apresentador entende a importância das situações de uso da língua. Tal estratégia, longe de ter uma preocupação normativa, contribui para que os telespectadores-alunos reflitam cada vez mais sobre as possibilidades dos usos lingüísticos atrelados às várias situações de interação comunicativa.

Confrontando-se os dois programas, no que diz respeito à *utilização de enquete*, percebemos duas práticas totalmente diferentes. No *Programa de Palavra*, o uso da enquete configura-se como uma “pegadinha” – uma vez que é solicitado o significado de palavras que não fazem parte do nosso dia-a-dia

(plúmbeo, oncologia, vagalhão) – e como um instrumento de “repressão” lingüística – haja vista a insistência em se escolher a forma “correta” de uma determinada estrutura gramatical. Será que, com tal atitude, Sérgio Nogueira espera realmente que os telespectadores-alunos demonstrem sua competência textual-discursiva? Ao nosso ver, a *enquete* dá continuidade a uma prática que não leva em conta os contextos de uso da língua em que se inserem os telespectadores-alunos.

No *Afinando a Língua*, acreditamos que a relação estabelecida pelo programa entre os fenômenos lingüísticos e os seus respectivos contextos é extremamente pertinente, diferentemente da prática didática do *Programa de Palavra*. Não há mais espaço para ficar apontando o que está “certo” e o que está “errado” – numa atitude, ao mesmo tempo, simplista e cômoda – assim como não é produtivo querer saber o significado de uma palavra descontextualizada. Tony Bellotto, ao não se ater a formas cristalizadas e a palavras isoladas, mostra um programa à frente do apresentado pelo professor Sérgio Nogueira, instigando o público a desenvolver sua capacidade de percepção dos fatos da língua. Essa concepção de uso também está presente numa outra *enquete*, como podemos ver no seguinte trecho:

(44)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador: Tony Bellotto (A). Entrevistados na rua: E5, E6, E7, E8. Assunto: regência verbal.

- 81 A (...) eu vou deixar aqui um desafio... quando vocês vão pegar um sapato no
82 conserto vocês pagam o sapateiro ou pagam AO sapateiro pelo serviço?
83 até já ((começa a segunda parte))
84 A e aí já sabem? vocês pagam AO sapateiro pelo conserto do sapato ou
85 preferem pagar O sapateiro pelo serviço? vamos ouvir o que os PRÓprios
86 sapateiros acham?
87 E5 quando os meus clientes vêm aqui na loja eles pagam AO sapateiro
88 E6 eles pagam O sapateiro
89 E7 ele paga o/o sapateiro
90 E8 paga o dono da sapataria EU só faço o conserto

- 91 A pra valer em prova em redação no colégio a gente paga ao sapateiro tá? (...)
 92 ... mas quer saber de uma coisa muito aqui entre a gente? é feito aquela
 93 história de sentar NA mesa ou sentar À mesa sentar na mesa é sentar
 94 em cima dela sentar à mesa é sentar numa cadeira junto à mesa mas na
 95 prática a gente acaba se entendendo certo? (...) pelo uso da gente no
 96 dia-a-dia uma nova forma de regência muito usada acaba sendo aceita (...)

Conforme podemos observar, a língua portuguesa para o *Afinando a Língua* está bastante viva (“pelo uso da gente no dia-a-dia uma nova forma de regência muito usada acaba sendo aceita”), uma vez que está relacionada aos diversos usos que os falantes fazem dela. A idéia de colocar a interação acima das regras da gramática normativa (“na prática a gente acaba se entendendo certo?”) deixa o apresentador e o público prontos para o diálogo, preparados para uma aula profundamente motivadora e instigante, sem culpa pelos “erros” de linguagem.

Em se tratando da conexão temática entre a *enquete* e os outros quadros dos programas, observamos, mais uma vez, que a seqüência dos conteúdos é desrespeitada em um e respeitada em outro programa. O *Programa de Palavra* não trabalha com um único assunto, fazendo da aula um verdadeiro “show” de atrações, cada uma dando seu espetáculo à parte, ao contrário do *Afinando a Língua*, cuja aula integral é pautada em um único conteúdo, subdividido em tópicos que se completam. Vejamos como isso se dá nos respectivos fragmentos desses programas:

(45)

Contexto: Programa de Palavra II. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assuntos: significado da palavra **plúmbeo** e grafia das palavras **acesso**, **acessório** / **assessor**, **assessoria**.

- 66 A (...) plúmbeo vem de plumbius que significa chumbo em latim portanto acertou
 67 o teste quem escolheu a alternativa c relativo a chumbo da cor do chumbo
 68 cinzento muito poeta e romancista antigo gostava de falar do céu plúmbeo...
 69 antes da tempestade na linguagem profissional de hoje vamos falar das
 70 palavras acesso acessório assessor assessoria (...)

(46)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Chico Soares (CS).
Assunto: Neologismo.

94 A (...) pensaram no nosso DEsafio? o que seria essa fome de perguntidade? (..)
95 todo mundo segurando a curiosidade segurando aquela vontade dese:sperada
96 de perguntar isso é que era aquela fome de perguntidade mas como é esse
97 negócio de inventar palavras? É só sair criando o que a gente quiser? e quem
98 é que deClde que palavra entra para o dicionário? vamos conversar com o
99 pessoal que fez o *dicionário houaiss* ((mostra um trecho da entrevista com
100 chico soares, colaborador do referido dicionário, respondendo à pergunta))
101 CS isso depende do/ do:: de quanto tempo é/ é... essa palavra... é:: fica em uso
102 né... (...)

Note-se que, no *Programa de Palavra*, o significado da palavra “plúmbeo” se mistura com a grafia das palavras “acesso”, “acessório”, “assessor” e “assessoria”, formando-se um “jogo de dominó” cujas peças não levarão os participantes – no caso, os telespectadores-alunos – a lugar nenhum. Por outro lado, no *Afinando a Língua*, a pergunta feita pelo apresentador Tony Bellotto (“quem é que deClde que palavra entra para o dicionário?”) funciona como uma “ponte” que dá prosseguimento ao que está sendo tratado na *enquete*: o neologismo. Portanto podemos afirmar que o *Afinando a Língua* ainda continua apresentando uma proposta inovadora, uma vez que, mantendo a unidade temática, permite que o público vá assimilando, passo a passo, o conteúdo ministrado.

Encenação de peça teatral

A *peça teatral* é um “texto e/ou representação teatral” (*Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, 1999:1522) constituída “da movimentação de atores vestidos como as personagens que encarnam, sobre um tablado no qual se finge, por meio do cenário, o espaço em que deflagra o conflito, perante espectadores dispostos a assistir à personificação de uma história inventada (...)” (Moisés, 1987:260-261).

Consistindo em uma montagem cênica em que os personagens são envolvidos pelos temas das aulas, a *encenação de peça teatral* é utilizada pelo *Programa de Palavra* e pelo *Afinando a Língua* com os seguintes objetivos:

a) apontar, comentar e corrigir os “erros” gramaticais (“Evandro duvidou entrega a domicílio se tornou um erro tão comum que raramente prestamos atenção nele (...) o correto é usar a preposição em”) dos clientes da banca de Seu Nicolau, conseqüentemente os “erros” que os telespectadores não devem cometer (Programa de Palavra), como comprova o fragmento abaixo:

(47)

Contexto: Programa de Palavra III. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Seu Nicolau (SN). Cliente da banca (C). Assunto: **em domicílio x a domicílio**.

- 84 C (...) o senhor faz entrega a domicílio?
85 SN infelizmente não Evandro
86 C poxa! seu nicolau... o senhor... tá/...tá implicando comigo?
87 SN que é isso...
88 C outro dia mesmo o senhor ofereceu o serviço pra minha mãe...
89 SN veja bem evandro eu não estou me recusando a fazer a entrega das compras
90 em sua casa eu SÓ não posso fazer A DOMICÍLIO se você quiser que a
91 entrega seja feita EM DOMICILIO aí sim aí eu posso fazer
92 C o senhor hein seu nicolau...
93 A você também chegou a duvidar da competência do seu nicolau? pois o
94 Evandro duvidou entrega a domicílio se tornou um erro tão comum que
95 raramente prestamos atenção nele acontece que a preposição a só deve ser
96 usada para verbos de movimento (...) o correto é usar a preposição em (...)

A idéia de procurar mudar o comportamento lingüístico do cliente (“se você quiser que a entrega seja feita EM DOMICÍLIO aí sim aí eu posso fazer”) impede que os telespectadores-alunos construam suas próprias formas de expressão, deixando de desenvolver, assim, sua capacidade comunicativa. Novamente o apresentador, por intermédio do Seu Nicolau, não oferece alternativa para que o público conheça mais sobre sua língua. A forma “em domicílio” poderia ter sido apresentada ao freguês sem a negação da estrutura “a domicílio”, postura

didática que, assumindo um caráter de inclusão, permitiria uma ampla discussão sobre os fenômenos lingüísticos que fazem, realmente, parte do nosso dia-a-dia.

b) introduzir e, ao mesmo tempo, explicar o assunto da aula (“oi o que é que foi? é o seguinte se eu digo Minom e Cristina trabalham na nossa pro-du-ção Minom e Cristina são os sujeitos da frase e quando temos dois núcleos dois nomes dois substantivos temos um sujeito composto viram só? vocês duas juntas são bem mais complicadas do que eu esse sujeito simples aqui”). É o que comprovam os fragmentos abaixo do *Afinando a Língua*:

(48)

Contexto: Afinando a Língua V. Apresentador Tony Bellotto (A). Minom (M) e Cristina (C). Assunto: Tipos de sujeito.

- 17 A (...) Minom Cristina vocês podem vir até aqui por favor?
18 C oi o que é que foi?
19 A (...) se eu digo Minom e Cristina trabalham na nossa pro-du-ção minom e
20 Cristina são os sujeitos da frase e quando temos dois núcleos dois nomes dois
21 substantivos temos um sujeito composto viram só? vocês duas juntas são bem
22 mais complicadas do que eu esse sujeito simples aqui
23 M ah!... Tony Bellotto você sujeito simples? sei...
24 C o pessoal não imagina o trabalho que nós sujeitos ocultos temos nos
25 bastidores viu? (...)

O diálogo permite que o apresentador e suas duas auxiliares introduzam e comentem, aos poucos, o assunto em pauta. A escolha de duas pessoas para manterem uma conversa com Tony Bellotto concretiza a definição de sujeito composto dada pelo músico: “quando temos dois núcleos dois nomes dois substantivos temos um sujeito composto viram só?”. Dessa forma, explicação e uso se fundem diante dos telespectadores-alunos, que poderão constatar a validade da definição na prática. E tudo isso é feito sem a preocupação em se estabelecer o “certo” e o “errado”. É claro que a definição de sujeito não se funde apenas com a de indivíduo.

Ao fazermos uma comparação entre os dois programas, notamos que os apresentadores utilizam a *encenação teatral* com posturas completamente diferentes. No *Programa de Palavra*, o diálogo entre um cliente que vive cometendo “erros” gramaticais (“o miguel cometeu um erro muito comum achou que o verbo chegar fosse um verbo abundante” – programa V) e um dono de uma banca de revistas que vive corrigindo esses “erros” (“então tente os exercícios de alongamento das COSTAS assim você corrige a postura e o português não é?” – programa II) mostra que a principal preocupação da encenação teatral é servir de elo entre a “gramatiquice” e os telespectadores-alunos, revelando, com isso, mais uma vez, um descaso total com os diversos usos lingüísticos presentes nas várias situações de interação comunicativa. Já no *Afinando a Língua*, o diálogo entre o apresentador Tony Bellotto e suas duas auxiliares de produção não visa a apontar os “erros” gramaticais de ninguém, indicando o que pode e o que não pode ser dito ou escrito, mas a dar continuidade à explicação do tópico gramatical em pauta (“quando temos dois nomes dois substantivos temos um sujeito composto viram só? vocês duas juntas são bem mais complicadas do que eu esse sujeito simples”), estabelecendo, assim, um comportamento didático que vê o conteúdo como algo funcional, algo que pode ser visto na prática, no uso da língua.

Como nas estratégias anteriores, o *Programa de Palavra* não mantém uma relação entre o assunto abordado na *peça teatral* e os variados quadros da aula, o que nos força a entender que realmente se trata de uma “aula-show”, de uma aula que não dá importância à correlação entre os conteúdos, diferentemente do *Afinando a Língua*, que trabalha com um único tema. Vejamos os respectivos exemplos abaixo:

(49)

Contexto: Programa de Palavra V. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Seu Nicolau (SN). Cliente da banca (C). Assuntos: Particípio regular e irregular dos verbos **ganhar** e **prender**; parônimos (**revezar** e **revisar**).

- 95 SN (...) eu lamento o seu tempo perdido miguel
96 C não seja por isso seu nicolau eu aprendi que não se deve falar tinha chego
97 isso pra mim foi tempo ganhado peraí... tempo ganhado... isso não tá me
98 soando bem não
99 SN seu ouvido acertou miguel nesse caso você pode dizer tempo ganho não é?
100 ((Sérgio Nogueira comenta))
101 A agora sim chegamos aos verbos abundantes como ganhar e prender por
102 ganho e preso
103 ((sérgio nogueira parte para a seção **falsas gêmeas**))
104 A os professores se revezaram para revisar as provas revezar e revisar são as
105 nossas falsas gêmeas de HOJE a primeira revezar quer dizer substituir
106 alternadamente trocar de posição quando eu divido minha carga de trabalho
107 com o colega nós nos revezamos revezar é trocar a VEZ revisar é visar de
108 novo ou ver outra vez (...)

(50)

Contexto: Afinando a Língua V. Apresentador: Tony Bellotto (A). Minom (M). Assunto: Tipos de sujeito.

- 73 M (...) tony tão querendo falar com você
74 A quem é?
75 M não sei não disseram
76 A alô... alô... acho que caiu a ligação resultado fiquei sem saber quem ligou a
77 minom nossa produtora só me disse estão querendo falar com você mas não
78 es-pe-ci-fi-cou quem era esse sujeito do tipo misterioso é chamado de sujeito
79 INdeterminado (...) mas será que existem orações sem sujeito? você é que vai
80 responder porque esse é o nosso desafio de hoje fique ligado que a gente já
81 volta (...)

Perceba-se que Sérgio Nogueira deixa de lado os particípios regular e irregular dos verbos “ganhar” e “prender” e começa a comentar a diferença de significado dos verbos “revezar” e “revisar” (“revezar e revisar são as nossas falsas gêmeas de HOJE”), certamente deixando os telespectadores-alunos atônitos, sem compreenderem exatamente o que está acontecendo. Já no *Afinando a Língua*, Tony Bellotto, depois de discorrer sobre o sujeito indeterminado, dá continuidade aos tipos de sujeito lançando uma pergunta ao público, no quadro **Desafio**, sobre as orações sem sujeito. Esse tipo de

procedimento ajuda o apresentador a trabalhar melhor o assunto, uma vez que os quadros do programa revelam a interação entre um mesmo tópico discursivo.

Leitura de e-mail e de fax

O *e-mail* (ou *correio eletrônico*) e o *fax* (forma abreviada de *fac-símile*), segundo Rabaça e Barbosa (2001), podem ser definidos, respectivamente, como uma forma de correspondência entre as pessoas que se dá por meio de computadores ligados em rede e uma reprodução de um texto verbal ou não-verbal por meios fotoquímicos, fotomecânicos, eletrostáticos, eletrônicos etc., também destinados à comunicação entre os indivíduos.

Momento reservado para a interação entre os apresentadores-professores e os telespectadores-alunos, com o qual o público tem a chance de fazer perguntas que se limitam ao terreno da gramática normativa, a *leitura de e-mail e de fax* é, de acordo com nossas observações, feita por Sérgio Nogueira e por Pasquale Cipro Neto com uma única finalidade: esclarecer as dúvidas dos telespectadores-alunos sobre tópicos da gramática normativa: “afinal nós estamos aqui justamente para esclarecer suas dúvidas” (Programa de Palavra – que só lança mão do e-mail); “nossa telespectadora Maria Aparecida de Sousa mandou um e-mail (...) ela faz uma pergunta a respeito da famosa frase fi-lo por-que qui-lo” e “nós temos aqui um FAX (...) quem nos escreve é Carmelinda (...) e ela diz ‘qual é a separação silábica da palavra meio?’” (Nossa Língua Portuguesa). É o que nos mostram os fragmentos abaixo:

(51)

Contexto: Programa de Palavra II. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assunto: diferença entre inverter e reverter .

134 A (...) para tirar suas dúvidas você pode consultar livros de gramática ou
135 manuais de redação mas pode também escrever para o <i>programa de palavra</i>
136 afinal nós estamos aqui justamente para esclarecer suas dúvidas como a de

- 137 fernanda lima do rio de janeiro que quer saber a diferença inverter e reverter
 138 na frase “o vasco fez três gols no primeiro tempo e ficou difícil para o atlético
 139 neiro inverter ou reverter (?) o resultado” minha querida fernanda ficou difícil
 140 inverter o resultado e não reverter como estamos acostumados a ouvir (...)

(52)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa I. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assunto: colocação pronominal.

- 60 (...) nossa telespectadora maria aparecida de sousa mandou um e-mail (...)
 61 ela faz uma pergunta a respeito da famosa frase fi-lo por-que qui-lo ((mostra a
 62 frase dessa forma)) atribuída a jânio quadros (...) se fizermos a análise com
 63 base nas regras clássicas de colocação pronominal chegaremos à conclusão
 64 de que como o próprio jânio dizia a frase não é boa e por que não é boa?
 65 porque a conjunção porque fi-lo porque... a conjunção porque conjunção
 66 causal exerce atração em relação ao pronome oblíquo seria fi-lo porque o
 67 quis (...)

(53)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa III. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assunto: separação silábica.

- 48 A (...) nós temos aqui um FAX que chega de campinas interior de são paulo é...
 49 quem nos escreve é a carmelinda ela se assina assim apenas carmelinda né?
 50 e ela diz o seguinte “qual é a separação silábica da palavra meio?” diz ela “no
 51 minidicionário da *melhoramentos* a separação veio assim... mei-o” ê... “e isso
 52 acontece em outras palavras” diz ela “do mesmo dicionário a professora de
 53 minha sobrinha disse que o correto é me-i-o e que o dicionário está errado”
 54 ela pergunta “o dicionário todo poderia estar errado?” o dicionário erra viu
 55 carmelinda todo o mundo erra eu erro todo o mundo erra mas neste caso o
 56 dicionário não errou não de jeito nenhum né? a separação silábica de meio
 57 é exatamente como está no dicionário meio (...)

Sérgio Nogueira, ao apontar apenas o verbo “inverter” como única resposta à pergunta da telespectadora-aluna, esclarece a dúvida em relação ao que pode e ao que não pode ser usado, porém não explica por que “estamos acostumados a ouvir” tantas pessoas empregarem a forma verbal “reverter”, atitude que levaria o público questionar a própria regra. O mesmo apego ao “certo” e ao “errado” também é notado no *Nossa Língua Portuguesa*, em que Pasquale Cipro Neto, ao condenar a posição do pronome oblíquo “o” na frase “Fi-lo porque qui-lo” (“a frase não é boa”), encerra qualquer discussão em torno do fenômeno lingüístico, conduzindo, por esse motivo, a telespectadora-aluna a abandonar seus próprios usos e a limitar sua capacidade comunicativa.

Fazendo-se uma comparação entre o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa*, chegamos à conclusão de que os dois empregam a *leitura de e-mail e de fax* com a única finalidade de servirem de “consultórios gramaticais”: “afinal nós estamos aqui justamente para esclarecer suas dúvidas” (Programa de Palavra II); “a conjunção porque conjunção causal exerce atração em relação ao pronome oblíquo seria fi-lo porque o quis” (Nossa Língua Portuguesa I) e “nós temos aqui um FAX (...) quem nos escreve é a carmelinda (...) e ela diz o seguinte ‘qual é a separação silábica da palavra meio?’” (Nossa Língua Portuguesa III). Essa atitude de “médico-paciente” apenas reforça nas pessoas a idéia de que se expressar bem depende única e exclusivamente de se decorarem regras gramaticais. Um momento que poderia ser oportuno para troca de experiências com a língua entre os apresentadores-professores e os telespectadores-alunos transforma-se numa sessão “terapêutico-lingüística” com a qual os indivíduos buscam resolver seus “problemas” de linguagem com os “professores-analistas” Sérgio Nogueira e Pasquale Cipro Neto.

As estratégias descritas a seguir foram encontradas apenas no programa **Afinando a Língua**, que, trabalhando com um único tema por aula, estabelece motivos diferentes para o emprego de cada uma das atividades didáticas.

Leitura de verbete de dicionário

Baseada na acepção lexicográfica, Dionísio (2002:126) define o termo *verbeta* como um “conjunto de acepções e exemplos de uma entrada em dicionários, glossário e enciclopédia”, do qual se destacam os seguintes campos constituintes:

“**verbeta** = + entrada + categoria gramatical ± gêneros ± sinônimo ± variantes ± fonte ± área ± definição ± fonte ± contexto”

Feita pelo apresentador Tony Bellotto logo no início da aula, tendo como fonte o dicionário *Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, a *leitura de verbete de dicionário* tem como objetivos: oferecer uma definição fundamentada do assunto em pauta (“está no *Aurélio*”) e mostrar a importância de se utilizar um dicionário (“dicionário é coisa pra gente esperta que quer aprender”), conforme percebemos nos seguintes fragmentos:

(54)

Contexto: Afinando a Língua I. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assunto: conjunção.

17 A (...) sabem o que é con-jun-ção? olha aí uma dica... quando precisar saber o
18 significado de um termo qualquer mesmo de gramática é SEMpre bom
19 começar pelo dicionário deixa eu dizer uma coisa pra vocês muita gente sem
20 saber o que está falando chama o dicionário de pai-dos-burros dicionário é
21 coisa pra gente esperta que quer aprender no dicionário não tem burrice
22 nenhuma mas tem um mundo lá dentro um mundão... só de palavras e pra
23 mostrar o que eu estou falando nosso *aurélio* aqui traz diversos significados
24 para a palavra conjunção olha só ((lê o significado de conjunção)) união
25 encontro... mas é o significado da conjunção em gramática que nos interessa
26 mais... conjunção é uma “palavra invariável que liga duas orações ou dois
27 termos semelhantes da mesma oração” (...)

(55)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assunto: regência verbal e nominal.

20 A (...) agora vamos falar sobre o tema do programa de hoje é um assunto que
21 muita gente acha complicado e difícil... mas vamos vê que não é nada disso
22 então vamos pesquisar um pouco sobre ele primeiro?... está no *aurélio*...
23 ((mostra o verbete *reger* e, em seguida, lê o significado deste)) o primeiro
24 significado do verbo *reger* é governar administrar dirigir mas ele significa
25 também ter como dependente subordinar ... (..)

O uso do dicionário pelo apresentador como uma fonte de pesquisa (“quando precisar saber o significado de um termo qualquer mesmo de gramática é SEMpre bom começar pelo dicionário”) deixa, nos telespectadores-alunos, a idéia de que a consulta a obras desse tipo é importante para o desenvolvimento intelectual das pessoas. No entanto, já que os verbetes “conjunção” e “reger” encabeçam uma aula específica sobre linguagem, o dicionário, ao nosso ver,

deveria ter sido o específico da área, para que as respectivas definições oferecessem um respaldo mais profundo dos temas.

Leitura de bilhete

Entre as definições para o verbete *bilhete* apresentadas pelo *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, duas se aplicam ao nosso caso:

“1. Carta breve e simples. 2. Pequena mensagem escrita” (p. 300).

Tendo um pequeno texto desprovido de conjunções como o primeiro momento da aula, o apresentador Tony Bellotto procede à *leitura de bilhete* com a intenção de introduzir o tema da aula – conjunção –, mostrando, ainda, a importância desta para a compreensão de um texto (“agora dá pra entender o recado”), como notamos no seguinte fragmento:

(56)

Contexto: Afinando a Língua I. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assunto: conjunção.

- 01 ((abre-se o programa com um pequeno texto))
02 A o tony chegar, avisem a ele a gravação vai até tarde hoje temos de adiantar
03 as cenas dos próximos programas ué!! estranho... parece um telegrama
04 mal-escrito um pedaço não casa com o outro é como se tivesse faltando
05 alguma coisa no texto né? peraí o que é isso?... ah!... agora eu entendi estava
06 mesmo faltando uma coisa muito importante deixa eu ver este aqui este
07 outro... aqui e este aqui... ((coloca as conjunções no texto de abertura))
08 pron::to agora dá pra entender o recado sabem o que estava faltando? as
09 conjunções são elas que ligam uma oração à outra e o nosso programa de
10 hoje é sobre isto conjunções (...)

A ausência de conjunções no texto (“sabem o que estava faltando? as conjunções”) não só aponta para o tema da aula, como também faz que os telespectadores-alunos imediatamente percebam que há uma relação de funcionalidade entre o tema gramatical em discussão e o bilhete (“é como se tivesse faltando alguma coisa no texto né?”). A estratégia de Tony Bellotto desperta a atenção do público, fazendo deste um participante-aluno

extremamente ativo, que não procura decorar o assunto em pauta, mas compreendê-lo.

Realização de entrevista oral

Rabaça e Barbosa (2001:272) definem a *entrevista* como um “trabalho de **apuração** jornalística que pressupõe contato pessoal entre o **repórter** e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informações para a elaboração de **notícias**” (*grifos dos autores*).

Partindo de uma conversação feita com apenas um profissional da área da linguagem, procurando ater-se ao tema da aula, Tony Bellotto promove a *realização de entrevista oral* com a finalidade de discutir, a partir do tema da aula – neologismo –, por exemplo, a importância da coletividade na criação e na expansão da língua (“a língua não é de uma pessoa só”), o que nos comprova o trecho abaixo:

(57)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Entrevistado: Chico Soares (CS). Assunto: neologismo.

- 100A (...) é só sair criando o que a gente quiser? e quem é que deCide que palavra
101 entra para dicionário? vamos conversar com o pessoal que fez o *dicionário*
102 *houaiss* ((mostra um trecho da entrevista com chico soares, colaborador do
103 referido dicionário, respondendo à pergunta))
104CS isso depende do/ do:: de quanto tempo é/ é... essa palavra... é:: fica em
105 uso né... é... é:: se ela é incorporada mesmo ao vocabulário da língua...
106 depende de/ de/ de... da abrangência dela... assim... quantos grupos
107 diferentes de/ de:: de pessoas usam essa expressão e eu acho que um dos
108 critérios que se usam pra/ pra/ pra:: pra incluir ou não uma palavra no
109 dicionário É o registro escrito assim... quando uma/ uma... uma gíria entra...
110 é:: numa obra de jorge amado por exemplo o... o/ ela... ela passa a ganhar
111 um respeito maior né porque existe um registro escrito
112 A não basta uma pessoa inventar uma palavra para que ela entre para o
113 dicionário a língua não é de uma pessoa só (...)

A entrevista com um lexicógrafo (“vamos conversar com o pessoal que fez o *dicionário houaiss*”) é ideal para que os telespectadores-alunos reflitam sobre a

relação entre a criação vocabular e a participação das comunidades lingüísticas na formação de um idioma (“a língua não é de uma pessoa só”), levando o público a discutir, inclusive, a importância política da língua escrita (“um dos critérios que se usam pra/ pra/ pra:: pra incluir ou não uma palavra no dicionário É o registro escrito”). Esse tipo de atividade didática permite que o apresentador, ao mesmo tempo em que dá um respaldo maior à sua aula, não se coloque na posição de alguém que tenha a palavra final.

Enfim, pudemos observar que, nas análises das estratégias didáticas empregadas pelos programas, o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* têm posturas bastante semelhantes, distanciando-se muito da apresentada pelo *Afinando a Língua*. Embora o ensino da gramática normativa seja o único objetivo das aulas dos três programas, é certo afirmarmos que, enquanto os dois primeiros se preocupam em tornar suas aulas momentos de “consultas gramaticais”, adotando os respectivos apresentadores um comportamento de “animadores de auditório”, o terceiro programa, usando apenas um tema em cada aula, lança mão das estratégias com a finalidade exclusiva de relacionar os conteúdos de cada uma delas aos seus respectivos contextos de uso, aliando a explicação à prática.

Depois de voltarmos nossas atenções, neste capítulo, para as estratégias motivadoras dos assuntos, passaremos a investigar, no capítulo seguinte, as concepções **de língua**, de **gramática** e de **norma lingüística** subjacentes às explicações e às definições dadas pelos programas em questão, observando, ainda, os objetivos que cada produção televisiva estabelece para o trabalho com a língua portuguesa e os possíveis preconceitos lingüísticos advindos das referidas concepções adotadas em cada um dos programas.

Capítulo IV

Análise das Concepções de Língua, de Gramática e de Norma Linguística nos Programas-Aulas

Neste capítulo, investigaremos e confrontaremos as concepções de **língua**, de **gramática** e de **norma linguística** subjacentes às explicações e às definições dadas pelas produções educativas *Programa de Palavra*, *Nossa Língua Portuguesa* e *Afinando a Língua*, observando, ainda, os objetivos que cada uma delas estabelece para o trabalho com a língua portuguesa e os possíveis preconceitos linguísticos advindos das referidas concepções adotadas em cada um dos programas.

1. A língua materna nos programas: concepções e objetivos

No *Programa de Palavra*, o quadro **Banca do Bom Português**, cujo título já nos aponta para um português “correto” e um “errado”, é extremamente emblemático. A atuação do dono da banca, Seu Nicolau, que passa o quadro todo corrigindo os “erros” gramaticais dos clientes, representa a própria concepção de

língua do programa: um código autônomo, estruturado como um sistema abstrato e homogêneo, preexistente e exterior aos indivíduos. Vejamos o trecho abaixo:

(58)

Contexto: Programa de Palavra II. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Seu Nicolau (SN). Cliente da banca (C). Assunto: Significação vocabular (significado das palavras **costa** e **costas**).

82 A (...) na *banca do bom português* por exemplo seu nicolau é um assessor para
83 assuntos de linguagem lá os fregueses têm acesso a uma série de
84 informações

85 C acho que vou levar essa revista seu nicolau.

86 SN uhrum, uhrum

87 C tem uns bons exercícios de alongamento

88 SN ah:::! eu não sabia que você era atleta marco

89 C e não sou mesmo

90 SN não?

91 C a prova está aqui

92 SN ora...

93 C está difícil endireitar a costa

94 SN então tente os exercícios de alongamento das COSTAS assim você corrige a
95 postura e o português não é? ((rindo))

96 ((sérgio nogueira comenta em seguida))

97A endireitar a costa realmente é complicado porque costa pode ser a região de
98 um país que fica à beira-mar do litoral a costa do brasil é cheia de belas

99 baías... se endireitarmos a costa do Brasil perderemos todas as baías... o

100 nome da parte posterior do corpo humano dorso lombo é costas... (...)

Sérgio Nogueira, ao colocar o personagem Seu Nicolau como fonte do conhecimento lingüístico com a qual os clientes buscam “aprender” o português (“seu nicolau é um assessor para assuntos de linguagem lá os fregueses têm acesso a uma série de informações”), instaura a idéia de que o sistema lingüístico é um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta, tomando-se, assim, a língua como norma indestrutível, definitiva, oposta ao falante, ao qual resta apenas aceitá-la como tal. Essa concepção de língua é responsável, por exemplo, pelo preconceito demonstrado pelo dono da banca em relação à frase dita pelo cliente (“então tente os exercícios de alongamento das COSTAS assim você corrige a postura e o português não é?”), que é prontamente ridicularizada pelo apresentador-professor (“endireitar a costa realmente é complicado”).

Quanto aos objetivos do ensino de língua, pensamos que *aproveitar a composição musical para revisar tópicos da gramática normativa* (“o programa de palavra vai aproveitar a letra da música para rever aspectos importantes da nossa língua portuguesa” (exemplo 31)) e *apontar, comentar e corrigir os “erros” gramaticais dos clientes da banca de Seu Nicolau* (“entrega a domicílio se tornou um erro tão comum (...) o correto é usar a preposição em” (exemplo 47)), metas que se verificam em todas as aulas do *Programa de Palavra*, atendem – e com sérias restrições – apenas a um dos objetivos do trabalho com a língua portuguesa: *levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão; ensinar a variedade escrita*. Comentar aquilo que os telespectadores-alunos já conhecem, numa atitude visivelmente purista, além de ser uma postura improdutiva, pois não se levam em conta as diversas situações de interação comunicativa nas quais se percebe que a língua é uma atividade de natureza sócio-cognitiva, histórica e situacionalmente desenvolvida para a interação entre os indivíduos, é uma prática extremamente discriminatória, que conduz o público a classificar os fenômenos lingüísticos em “perfeitos” e “imperfeitos”, “bonitos” e “feios”, “eficientes” e “deficientes”. Sérgio Nogueira, com esse comportamento, apenas apresenta ao público a *língua padrão*, sem nenhum compromisso em discuti-la.

No programa *Nossa Língua Portuguesa*, a concepção de língua também não é diferente da apresentada pelo programa anteriormente analisado. Ainda se percebe uma visão monológica e imanente da língua presente na postura do apresentador-professor, que, abdicando das relações diárias que os falantes mantêm com seu idioma nas diversas situações de interação comunicativa, prefere ficar corrigindo os “erros” gramaticais das pessoas (“é preciso ensinar corrigir dizer informar”). É o que vemos em (59):

(59)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa I. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assunto: Substantivo (plural das palavras oxítonas terminadas em **-ão**).

47 A (...) existem plurais diferentes como o de ((mostra um esquema no vídeo,
48 lendo-o em seguida)) alemão alemães cidadão cidadãos irmão irmãos
49 alemão que é alemães né como o de cidadão que é cidadãos como o de
50 irmão que é irmãos e por aí vai o uso determina isso o uso conSAgra uma
51 determinada forma, e aí é preciso conhecê-la na dúvida... a alternativa é ir... a
52 um dicionário ou a uma gramática e não ficar muito preocupado com quem
53 erra se alguém em vez de cidadãos disse cidadãos é preciso entender que a
54 pessoa até agiu com boa intenção agiu levando em conta um padrão que está
55 de certa forma embutido né? como eu disse... a tendência é que o plural seja
56 feito em ões no caso das oxítonas e aí é preciso ensinar corrigir dizer informar
57 sem ter a preocupação e por aí vai nada que seja muito/... muito histórico
58 nada... ah! errou! errou!... devagar errou a gente informa ensina e diz ó
59 cidadão não é o plural de cidadão não é cidadãos a tendên::cia das oxítonas é
60 essa mas cidadão não se encaixa nesse caso e aí é melhor saber caso a caso
61 consultar dicionário consultar gramática e ensinar sempre que possível é isso

Veja-se que a explicação dada por Pasquale Cipro Neto está voltada para a idéia do “certo” e do “errado (“o plural de cidadão não é cidadãos”). É interessante dizer que o uso que fazemos da língua, para o apresentador-professor (“o uso determina isso o uso conSAgra uma determinada forma”), está associado somente ao que está registrado em fontes eleitas pela sociedade como respeitadas referências (“na dúvida... a alternativa é ir... a um dicionário ou a uma gramática”), desprezando o fato de que a língua é uma atividade social construída nas diversas situações de interação comunicativa, nas quais os interlocutores agem uns sobre os outros, produzindo, assim, efeitos de sentido. Perceba-se que a concepção de língua do programa é tão problemática que chega a produzir o preconceito de que as pessoas que usam a forma “cidadões” são dignas de pena, de perdão e de compreensão por estarem falando “incorretamente” a língua portuguesa (“se alguém em vez de cidadãos disse cidadãos é preciso entender que a pessoa até agiu com boa intenção”).

Assim como acontece no *Programa de Palavra*, verificamos que, no *Nossa Língua Portuguesa*, o ensino do nosso idioma tem como objetivo precípua

esclarecer as dúvidas dos telespectadores-alunos sobre tópicos da gramática normativa (“a conjunção porque conjunção causal exerce atração em relação ao pronome oblíquo seria fi-lo porque o quis” (exemplo 52)), atendendo-se – novamente com sérias restrições – a apenas um dos objetivos do ensino de língua: *levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão; ensinar a variedade escrita*. Se a intenção é levar ao público as “regras clássicas de colocação pronominal” para dar ao conhecimento de todos os preceitos da *língua padrão*, não é salutar a atitude de censor (“a frase não é boa”), pois, além de não trabalhar, devidamente, a *língua padrão*, nem muito menos *desenvolver a competência comunicativa* dos telespectadores-alunos, acaba-se instaurando a idéia de que somos uma sociedade dividida em dois tipos de falante: o que se expressa bem, pois conhece a gramática normativa, e o que se expressa de forma deficiente, pois lhe “faltam” as regras do falar e do escrever “corretamente”. É a língua vista apenas como forma, um conjunto de estruturas que independem dos diversos contextos em que, diariamente, nos encontramos para nos comunicarmos.

No *Afinando a Língua*, embora os assuntos adotados sejam apenas referentes aos fatos lingüísticos puramente estruturais, revelando-se, assim, num primeiro momento, uma concepção de língua que se preocupa somente com os aspectos internos, o comportamento do apresentador Tony Bellotto, ao explicar determinado assunto da aula, revela que o programa tem uma idéia de língua muito diferente da observada nos programas anteriores. Veja-se o trecho:

(60)

Contexto: *Afinando a Língua II*. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assuntos: Regência nominal e verbal.

124 A (...) eu gostaria de ler dois textos pra vocês o primeiro é de machado de assis
125 ((mostra um trecho de *dom casmurro*, lendo-o em seguida)) uma noite dessas
126 vindo da cidade para o engenho novo encontrei no trem da central um rapaz
127 aqui do bairro que eu conheço de vista e de chapéu cumprimentou-me

128 sentou-se ao pé de mim falou da lua e dos ministros e acabou recitando-me
 129 versos dom casmurro machado de assis... e esse aqui do escritor leo cunha...
 130 ((mostra um trecho de *na marca do pênalti*, lendo-o em seguida)) quando eu
 131 roubei a Bíblia foi só pra fazer raiva na minha avó ela não parava de ler
 132 aquele livrão nem tinha tempo de me dar atenção na marca do pênalti leo
 133 cunha... vejam como o uso da regência nominal e verbal é importante no
 134 estilo de cada escritor cada um joga com a linguagem de um modo diferente e
 135 as regências são uma parte muito importante disso ajudam a dar a cara dos
 136 textos com as regências podemos construir um estilo como se fosse um ba-te-
 137 pa-po entre o escritor e o leitor (...)

Note-se que, embora não sejam explicadas minuciosamente, tanto a “regência nominal” quanto a “regência verbal” são apresentadas aos telespectadores-alunos relacionadas à própria constituição dos textos lidos (“ajudam a dar a cara dos textos”). Dessa forma, o músico deixa bem claro que a finalidade da aula não é servir de “consultório gramatical”, porém é levar o público a entender que a língua é uma prática histórico-social que se desenvolve de acordo com as práticas sociais, obedecendo a convenções de uso (“vejam como o uso da regência nominal e verbal é importante no estilo de cada escritor”). Nesse sentido, a língua não está pronta, podendo ser modificada pelos falantes (“cada um joga com a linguagem de um modo diferente”), em função das relações de interação comunicativa que travam uns com os outros (“com as regências podemos construir um estilo como se fosse um ba-te-pa-po entre o escritor e o leitor”). E essa concepção de língua como algo *coletivo* e *variável* pode ainda ser vista em dois trechos bastante significativos:

(61)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assunto: Neologismo.

110 A (...) não basta uma pessoa inventar uma palavra para que ela entre para o
 111 dicionário a língua não é de uma pessoa só se cada pessoa inventasse uma
 112 língua própria imagine a confusão que seria pra gente se comunicar a língua É
 113 coletiva é uma invenção de grupo então quando a gente inventa uma palavra
 114 as outras pessoas têm que entenDER gosTAR e começar a usar também (...)

(62)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Assunto: Neologismo.

157 A (...) perceberam como a nossa língua é infinita? por maior que seja o
 158 dicionário ela nunca vai caber toda ali dentro sabem por quê? porque a nossa
 159 língua está VIVA na boca e no pensamento de cada um e juntos nós vamos
 160 reinventando o nosso jeito de faLAR de SER e de viVER (...)

Observa-se, claramente, que a língua é uma criação em conjunto (“a língua É coletiva é uma invenção de grupo”), sendo, por esse motivo, um fato social, que só faz sentido no uso, nas relações comunicativas entre os indivíduos (“quando a gente inventa uma palavra as outras pessoas têm que entenDER gostAR e começar a usar também”). Dessa forma, podemos afirmar que, para o *Afinando a Língua*, a língua está em constante mudança, viva (“a nossa língua está Viva na boca e no pensamento de cada um”), num processo extremamente dinâmico.

Em se tratando dos objetivos para o ensino de língua, o *Afinando a Língua*, ao querer *esclarecer dúvidas sobre o emprego de determinadas formas próprias da norma-padrão* (“vamos ver com atenção esse verbo pre-ci-sar” (exemplo 33)), *oferecer uma definição fundamentada do assunto em pauta e mostrar a importância de se utilizar o dicionário* (“conjunção é uma palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (exemplo 54) e “reger é governar administrar dirigir mas ele significa também ter como dependente subordinar” (exemplo 55)), *introduzir o tema da aula – conjunção –, mostrando a importância desta para a compreensão de um texto* (“parece um telegrama mal-escrito um pedaço não casa com o outro (...) sabem o que estava faltando? as conjunções” (exemplo 56)) e *discutir, a partir do tema da aula – neologismo –, a importância da coletividade na criação e na expansão da língua* (“não basta uma pessoa inventar uma palavra” (exemplo 57)), contempla, de certa forma, os objetivos que propusemos para o trabalho com a língua portuguesa. A idéia de um trabalho em conjunto, envolvendo aspectos normativos – sem apontar o “certo” nem o “errado” –, metalinguagem, relação entre tópicos lingüísticos e texto, bem como ampla discussão sobre a participação das pessoas na criação e no desenvolvimento da língua, contribui para uma prática mais produtiva.

Entretanto Tony Bellotto faz uma significativa discussão apenas sobre a *norma-padrão* (a aula sobre *neologismo* destacou a relação entre uso e comunidade, porém não houve um trabalho com as variedades lingüísticas), deixando de trabalhar com as diversas variedades encontradas nos seus respectivos contextos, o que nos estranha profundamente, pois o *Afinando a Língua* sempre vê a língua como um fato social, cognitivo, funcional, heterogêneo e dinâmico.

Estabelecendo-se um confronto entre as concepções de língua apresentadas pelos três programas, vemos, nitidamente, que o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* adotam a mesma, diferentemente da que aparece no *Afinando a Língua*. Nos dois primeiros, observamos que Sérgio Nogueira e Pasquale Cipro Neto entendem a língua como **código**, um sistema composto por regras imutáveis que não podem ser modificadas pelos falantes, concepção facilmente flagrada quando estabelecem, numa atitude simplista de “certo” e “errado”, o *domínio da língua padrão* como principal objetivo para o ensino da língua portuguesa.

No terceiro programa, ao contrário, a língua não é vista como *código, homogênea e invariável*. Procurando fazer sempre uma relação entre os assuntos da aula e os seus respectivos textos, adotando para o ensino de língua o *domínio da língua padrão, o conhecimento da forma e da função da língua* via metalinguagem, com vistas a *desenvolver a competência comunicativa* dos telespectadores-alunos, o *Afinando a Língua* revela uma perspectiva de língua inserida no **paradigma funcional**, já que a considera como algo **funcional, dinâmico, variável e coletivo**, cujos falantes podem modificá-la de acordo com as necessidades exigidas pelas situações de interação comunicativa.

2. Gramática e norma lingüística nos programas-aulas: concepções e objetivos

Na tabela 2, podemos ver os assuntos e as respectivas áreas da gramática normativa abordados no *Programa de Palavra*, no *Nossa Língua Portuguesa* e no *Afinando a Língua*, quadro que já começa a nos apontar as concepções de gramática e de norma lingüística presentes nesses programas:

TABELA 2 – Relação dos Assuntos Utilizados nos Programas

Áreas da gramática	Assuntos da Aula	Programa de Palavra	Nossa Língua Portuguesa	Afinando a Língua	Total
FONOLOGIA	Ortoépia	1	-	-	1
	Ortografia	5	2	1	8
	Prosódia	-	1	-	1
MORFOLOGIA	Verbo	2	1	-	4
	Substantivo	2	1	-	3
	Pronome	1	-	-	1
	Conjunção	-	1	1	2
	Criação Vocabular	5	-	1	6
SINTAXE	Crase	2	-	-	2
	Termos da Oração	1	-	1	2
	Concordância Nominal	1	-	-	1
	Emprego da Vírgula	1	-	-	1
	Regência Verbal	3	-	1	3
	Concordância Verbal	1	-	-	1
	Colocação Pronominal	-	1	-	1
	Regência Nominal	-	-	1	1
SEMÂNTICA	Homônimos	3	-	-	3
	Significação Vocabular	5	1	-	6
	Parônimos	4	-	-	4
ESTILÍSTICA	Divergência Lógica	1	-	-	1
	Figuras de Linguagem	2	1	-	3
	Estrangeirismo	1	-	-	1
	Variedades Lingüísticas	3	-	-	3

Embora não consideremos, assim como Perini (1995), a *fonologia* um fato gramatical, podemos observar, pela tabela acima, que os três programas trabalham as áreas *fonologia*, *morfologia*, *sintaxe* e *semântica*, reservando-se um momento para a *estilística*. O que nos chama a atenção, nesses dados, é que os conteúdos que aparecem em maior quantidade são a **criação vocabular**, a **significação vocabular** e a **ortografia**, incidindo, respectivamente, seis, seis e oito vezes nos três programas, com uma vantagem nítida para a *ortografia*.

O *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* fazem uma abordagem sobre o **verbo** desconsiderando totalmente os contextos em que se encontra tal fenômeno lingüístico, uma vez que a preocupação central é apenas prescrever um determinado uso: “quando usamos o verbo haver no presente do indicativo indicamos uma situação que permanece estável” (*Programa de Palavra*) e “deve-se usar aí o presente do subjuntivo o modo subjuntivo” (*Nossa Língua Portuguesa*). É a *gramática* e a *norma lingüística* sendo tomadas, respectivamente, como um **conjunto de regras que devemos seguir** – baseadas no purismo e na vernaculidade; no prestígio econômico, político e social da classe dominante; na autoridade de gramáticos e escritores clássicos; na lógica e na tradição – e um **ideal normativo** a ser respeitado e seguido pelos indivíduos nos usos oficiais, na imprensa escrita e audiovisual, nas escolas e na administração pública. Vejamos os trechos abaixo:

(63)

Contexto: Programa de Palavra I. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assunto: **Verbo** (diferença entre o presente e o pretérito imperfeito do indicativo do verbo “haver”).

82 A (...) quando usamos o verbo haver no presente do indicativo indicamos uma
83 situação que permanece estável há dias que não chove há horas que estou
84 na fila quando usamos o verbo haver no imperfeito como em havia meses
85 que não chovia ou havia ho:ras que eu estava na fila quando o guichê abriu
86 estamos indicando que a situação mudou (...)

(64)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa V. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Lobão (L). Assunto: **Verbo** (presente do modo subjuntivo).

41 L ((canta)) sua vida burguesa é um romance um roteiro de intrigas pra Fellini
42 filmar cercada de drogas de amigos inúteis ninguém pensaria que ela quer
43 namorar reconheço que ela me deixa inseguro sou louco por ela e não sei o
44 que falar o que eu quero é que ela quebre a minha rotina que fique comigo e
45 deseje me amar
46 A o que eu quero é que ela quebre... o que eu quero é que ela quebre o que eu
47 quero é que ela que-bre e depois a letra diz que fi-que e de-se-je ((mostra um
48 esquema, lendo-o em seguida))

Esquema - EU QUERO QUE
ELA QUEBRE

EU QUERO QUE
ELA FIQUE

EU QUERO QUE
ELA DESEJE

49 eu quero que ela quebre eu quero que ela fique eu quero que ela deseje... eu
50 quero que ela quebre quero que ela fique quero que ela deseje note eu quero
51 o fato de eu querer não significa absolutamente nada eu posso querer que ela
52 deseje mas ela pode não desejar... ou seja o fato de desejar... de ela desejar é
53 hipotético é um fato ainda não certo ainda não garantido ainda um fato
54 provável e é pra isso que existe o subjuntivo entre tantas outras coisas claro
55 não só pra isso... por isso eu digo ((mostra um esquema, lendo-o em seguida))

Esquema - PRESENTE DO SUBJUNTIVO

EU QUERO QUE
ELA FIQUE

QUE VOCÊ QUER
QUE EU FAÇA

O QUE VOCÊ QUER
QUE EU DIGA

56 resente do subjuntivo eu quero que ela fique o que você quer que eu faça o
57 que você quer que eu diga eu quero que ela fi-que e NÃO eu quero que ela fi-
58 ca o que você quer que eu faça e não o que você quer que eu fa-ço o que
59 você quer que eu diga e não o que você quer que eu di-go deve-se usar aí o
60 presente do subjuntivo... (mostra um esquema, lendo-o em seguida))

Esquema - MODO SUBJUNTIVO

POSSIBILIDADE,
DÚVIDA,
HIPÓTESE,
SUPOSIÇÃO,
ESPECULAÇÃO,
DESEJO

- 61 modo subjuntivo possibilidade dúvida hipótese suposição especulação
62 deSEjo... é o modo da possibilidade da dúvida da hipótese da suposição da
63 especulação do desejo eu quero que ela fique é isso (...)

Observemos que Sérgio Nogueira não comentou a combinação entre o presente e o imperfeito do indicativo do verbo “haver”, como nas frases “Há dias que não chovia” e “Há horas que eu estava na fila quando o guichê abriu”, que representam um outro *uso* muito comum na cidade do Recife. Embora reconheça que o fato gramatical esteja relacionado ao *uso* que fazemos da língua (“quando usamos o verbo haver no presente do indicativo”), o apresentador-professor, descartando um outro *uso* para o mesmo contexto, assume uma postura própria de alguém cuja meta é normatizar, prescrever uma regra da gramática normativa, impondo aos telespectadores-alunos uma norma idealizada (“havia meses que não chovia” e “havia ho:ras que eu estava na fila quando o guichê abriu”), bastante incomum para o seu público.

Pasquale Cipro Neto, ao desprezar a participação do indivíduo na construção da língua (“o fato de eu querer não significa absolutamente nada”), deixando o fato gramatical numa situação independente dos contextos de *uso* (“é pra isso que existe o subjuntivo entre tantas outras coisas”), entende a *gramática* como algo *normativo* (“deve-se usar aí o presente do subjuntivo o modo subjuntivo”) e a *norma* como *prescrição*, o *ideal* de língua a que todos os falantes aspiram, revelando uma atitude excludente e preconceituosa (“eu quero que ela fique e NÃO eu quero que ela fi-ca”), que prefere utilizar a composição musical não como um dos usos que fazemos da língua, porém como prova de que a regra deve ser seguida e o ideal deve ser respeitado.

Em relação ao assunto **conjunção**, percebemos que os programas *Nossa Língua Portuguesa* e *Afinando a Língua* também o abordam numa perspectiva

prescritiva, tendo-se em vista, respectivamente, a idéia de que “se caso você for lá não dá” e a crença no “uso correto da conjunção”. Mais uma vez, as concepções de *gramática* e de *norma lingüística* estão associadas, respectivamente, às regras e ao ideal de língua que todos devemos seguir e respeitar, pois, por serem invioláveis, independem das diversas situações de interação comunicativa. Observemos os seguintes trechos:

(65)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa V. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Gal Costa (GC). Assunto: **Conjunção** (Se caso X Se acaso).

13 GC se acaso me quiseses sou dessas mulheres que só dizem sim por uma coisa
 14 à-toa uma noitada boa um cinema um botequim e se tiveres renda aceito uma
 15 prenda qualquer coisa assim como uma pedra falsa um sonho de valsa ou um
 16 corte de cetim
 17 A mestre chico buarque escreveu *folhetim* ((mostra o primeiro verso, lendo-o em
 18 seguida)) se acaso me quiseses... se acaso me quiseses... se acaso... acaso
 19 tem muitos significados e aí nesse texto o significado é de por acaso né por
 20 ventura ((mostra um esquema, lendo-o em seguida))

**Esquema - SE POR VENTURA
 ME QUISES**

SE ACASO
 ME QUISES

SE POR ACASO
 ME QUISES

21 se por ventura me quiseses se acaso me quiseses se por acaso me
 22 quiseses... acaso é uma palavra só acaso ((mostra um trecho da música,
 23 lendo-o em seguida)) se acaso me quiseses sou dessas mulheres que só
 24 dizem sim... se acaso me quiseses sou dessas mulheres que só dizem sim diz
 25 a letra não confunda com caso caso equivalente a se caso equivalente a se e
 26 aí das duas uma ou eu uso se ou eu uso caso se caso você for lá não dá ou se
 27 você for lá caso você vá lá se você for lá ou caso você vá lá caso você vá
 28 ((mostra um outro esquema, lendo-o em seguida))

Esquema - SE VOCÊ FIZER

CASO VOCÊ FAÇA

SE VOCÊ QUISE

CASO VOCÊ QUEIRA

29 (...) então não misture não misture as coisas acaso tudo bem ((mostra um
 30 esquema, lendo-o em seguida))

Esquema - SE ACASO VOCÊ FOR
SE POR ACASO VOCÊ FOR
SE POR VENTURA
VOCÊ FOR

- 31 se acaso você for se por acaso você for se por ventura você for... (...) se
32 caso... é uma história um pouco complicada é isso (...)

(66)

Contexto: Afinando a Língua I. Apresentador: Tony Bellotto (A). Cláudio César Henriques (CH). Assunto: **Conjunção**.

- 21A (...) pra mostrar o que eu
22 estou falando nosso *aurélio* aqui traz diversos significados para a palavra
23 conjunção olha só ((lê o significado de conjunção)) união encontro... mas é o
24 significado da conjunção em gramática que nos interessa mais... conjunção é
25 uma “palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes da
26 mesma oração” (...)
- 36 A (...) a conjunção serve apenas para ligar as orações... elas dão uma direção
37 um sentido um entendimento a essa ligação
38 CH peguemos as frases hoje iremos à praia hoje está chovendo dizer por exemplo
39 hoje iremos à praia portanto está chovendo seria incoerente dizer como hoje
40 está chovendo iremos à praia seria incoerente mas seria coerente dizer por
41 exemplo embora hoje esteja chovendo iremos à praia o que comprova que o
42 uso correto da conjunção permite que o texto tenha... coesão e coerência (...)

Como dissemos em parágrafos anteriores, a *gramática* é a própria língua em uso, em pleno funcionamento, concepção que inclui não só a competência lingüística, mas tudo aquilo que é utilizado e/ou interfere na construção e uso dos textos nos diferentes contextos de comunicação; e a *norma lingüística* diz respeito aos comportamentos lingüísticos estabelecidos pelos integrantes dos diversos grupos sociais em suas relações diárias de comunicação. Pasquale Cipro Neto, entretanto, mesmo sabendo que o contexto é fundamental para a compreensão do fato gramatical (“acaso tem muitos significados e aí nesse texto o significado é de por acaso né por ventura”), não leva em conta o uso da forma “se caso” (“se caso... é uma história um pouco complicada”), bastante comum nas conversações espontâneas de várias comunidades lingüísticas brasileiras. Notemos que o

apresentador-professor poderia ter comentado, por exemplo, o fato de que as pessoas, em função de um possível enfraquecimento da idéia de “condição” da palavra “caso”, teriam sentido necessidade do reforço semântico da conjunção “se”, criando, assim, a locução “se caso”. O que percebemos, ao contrário, é um comentário que prefere apontar o que pode e o que não pode ser usado pelos telespectadores-alunos, atitude seletiva que, reduzindo a *gramática* e a *norma lingüística* a um único uso, representa uma postura preconceituosa de conceber os fenômenos lingüísticos.

Embora não assuma um comportamento preconceituoso, o *Afinando a Língua*, ao adotar somente duas formas de focalizar a gramática, uma *gramática teórica* (“conjunção é ‘uma palavra invariável que liga duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração’”) e uma *gramática normativa* (“o uso correto da conjunção permite que o texto tenha... coesão e coerência”), comentadas por nós em momentos anteriores, também não leva em conta a importância do *uso* na formação do fato gramatical, pois não se comenta a possibilidade de as frases “hoje iremos à praia portanto está chovendo” e “como hoje está chovendo iremos à praia” apresentarem coerência: as duas frases podem muito bem estar atreladas ao contexto de pessoas que gostam de ir à praia em dias de chuva. Nesse caso, o referido programa vê a *gramática* e a *norma* como algo independente das situações de interação comunicativa, a primeira como um conjunto de regras a serem seguidas, e a segunda como ideal de língua.

Quanto ao assunto **criação vocabular**, o *Programa de Palavra* e o *Afinando a Língua* entendem a *gramática* e a *norma lingüística* sob pontos de vista flagrantemente diferentes. Enquanto o primeiro passa a impressão de que a

gramática e a norma se reduzem a uma simples abordagem formal (“a palavra cinema (...) é uma palavra de origem grega e que quer dizer movimento”), o segundo mostra que a gramática e a norma são frutos de uma participação decisiva dos indivíduos em suas relações diárias (“ao pronunciar uma palavra com jeito diferente você também pode estar REinventando a língua”). Observemos os seguintes fragmentos:

(67)

Contexto: Programa de Palavra IV. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assunto: **Criação Vocabular** (formação da palavra “cinema”).

49 A (...) o cinema se mantém como a diversão que agrada a todos porque durante
50 seus cem anos de existência nunca parou de evoluir ((mostra um trecho do
51 filme *Cinema Paradiso*) a palavra cinema também passou por várias
52 mudanças antes de tomar a forma que conhecemos hoje é uma palavra de
53 origem grega e que quer dizer movimento quando os franceses começaram
54 as suas primeiras experiências com fotografias em movimento usaram a
55 palavra “cinemat” os irmãos lumière ((mostra um trecho do filme *Os irmãos*
56 *Lumière a Invenção do Cinema*)) pioneiros na cinematografia batizaram sua
57 criação de “cinématographe” é interessante lembrar que a inspiração para a
58 máquina de projeção veio da máquina de costura se você reparar a máquina
59 de costura tem o mesmo sistema de dentes que se encaixam nas perfurações
60 do filme fazendo a película correr e dan:do a ilusão de que as imagens se
61 movem cinematograficamente (...)

(68)

Contexto: Afinando a Língua IV. Apresentador: Tony Bellotto (A). Nélsom Sargento (NS). Assunto: **Criação Vocabular** (neologismos).

45 A (...) as gírias renovam o nosso vocabulário e não param de surgir mas a
46 reinvenção da língua não é feita só de novas gírias e de novas palavras ao
47 pronunciar uma palavra com jeito diferente você também pode estar
48 REinventando a língua (...)

135 NS posolométrico pratofilônica protopolágico canecalônica é isso aí é isso aí
136 ninguém entendeu nada eu também não entendi é isso aí é isso aí
137 ninguém entendeu nada eu então vou repetir
138 A nélsom sargento como todo compositor é um pouco poeta e os poetas pilotam
139 as palavras como ninguém... poetas pilotam palavras?... achou estranho? em
140 geral as pessoas pilotam carros aviões... mas que negócio é esse de pilotar
141 palavras? é um outro tipo de reinvenção da língua sempre que a gente pega
142 uma palavra conhecida e dá um novo uso pra ela estamos criando um
143 neologismo semântico (...)

A gramática internalizada, conforme vimos em momentos anteriores, diz respeito ao conjunto de conhecimentos lingüísticos que possibilitam ao falante de

uma língua não só produzir uma variedade infinita de frases e perceber estruturas agramaticais, como ainda entender os princípios de construção e de interpretação de textos de acordo com os diferentes contextos de uso, em outras palavras, é a que possibilita a competência comunicativa. Sérgio Nogueira, no entanto, prefere explicar a origem da palavra “cinema”, na esperança de que, com isso, os telespectadores-alunos aprendam não o uso, mas a forma de uma das variedades da língua, abordada totalmente de maneira descontextualizada, ficando o conceito de norma restrito a um padrão prescritivo, ideal, que nos obriga a aceitar uma forma de escrita.

Tony Bellotto, ao contrário de Sérgio Nogueira, ao definir o *neologismo semântico* como um processo vocabular por meio do qual damos um novo uso a uma palavra conhecida (“sempre que a gente pega uma palavra conhecida e dá um novo uso pra ela estamos criando um neologismo semântico”), nos mostra que o *Afinando a Língua* redimensiona a importância do *uso* na constituição do fato gramatical. Tal postura pedagógica revela uma concepção de *gramática* que privilegia o caráter funcional, a capacidade de adequação dos enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução, e uma idéia de *norma lingüística* como resultado do uso que fazemos da língua, não de uma imposição que não nos deixa escolha alguma de uso. Tais concepções de gramática e de norma puderam ser apreciadas em parágrafos antecedentes, nos quais tivemos a oportunidade de discuti-las com mais detalhes.

Com relação à **regência verbal**, a atitude de *consultório gramatical* assumida pelo *Programa de Palavra* (“Jair Ro:sa tem duas dúvidas”) e a preocupação com o caráter funcional da língua empreendida pelo *Afinando a Língua* (“usar mal as regências é feito casa sem dono é feito cada um numa

banda ou numa orquestra tocando uma música diferente”) demonstram que a *gramática* e a *norma lingüística* são concebidas de maneiras completamente diferentes. No primeiro programa, cuja intenção é apontar a forma “correta”, “ideal”, a gramática é vista como um conjunto de leis indiscutíveis a que o telespectador-aluno deve seguir; e a norma lingüística, uma prescrição que tem como objetivo impor um “uso” ideal de língua. No segundo programa, cuja meta não é apontar o “certo” e o “errado”, mas discutir o efeito de sentido provocado pela relação de comando de uma forma sobre a outra, a gramática é tomada como a própria língua em funcionamento, em *uso*, e a norma como o resultado deste. Vejamos os fragmentos abaixo:

(69)

Contexto: Programa de Palavra V. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Assunto: **Regência Verbal** (o verbo “ganhar” no sentido de “vencer”).

137 A (...) Jair Ro:sa tem duas dúvidas ((mostra o *e-mail*) a primeira é... se o
 138 verbo ganhar no significado de vencer pede a preposição de sim e não um
 139 time pode ganhar de outro por um determinado placar rigorosamente o
 140 verbo ganhar pede a preposição por ou seja o brasil ganhou da Argentina
 141 POR três a um (...)

(70)

Contexto: Afinando a Língua II. Apresentador: Tony Bellotto (A). Cláudio César Henriques (CH). Assunto: **Regência Verbal e Nominal**

38 A (...) usar mal as regências é feito casa sem dono é feito cada um numa banda
 39 ou numa orquestra tocando uma música diferente (...)

44 A (...) regência verbal é aquela comandada pelo VERbo regência nominal é
 45 comandada por um adjetivo OU substantivo é o seguinte é a regência que vai
 46 nos dizer se o complemento ou seja o que vem depois do VERbo deve ser
 47 antecedido por uma preposição ou não e QUAL deve ser essa preposição na
 48 verdade acertar a regência é SEMpre penSAR no sentido que você quer dar à
 49 frase quem é craque em escrever faz da regência o que quer sempre com
 50 bons resultados (...)

51 CH (...) a regência é uma das partes mais interessantes no estudo da sintaxe
 52 porque... tem grande contribuição para... a construção da frase para a clareza
 53 da frase por exemplo o verbo competir pode ter uma regência com o sentido
 54 de disputar né? quem compete compete com alguém ou contra alguém ou
 55 pode ter o sentido de caber alguma coisa não me compete alguma coisa não
 56 me cabe então a conclusão a que se chega é que... saber utilizar
 57 corretamente... os significados dos verbos... significa também ter domínio
 58 sobre o emprego das preposições (...)

- 120 CH (...) a regência nominal... indica... qual é a preposição que se usa depois
121 de algum substantivo ou adjetivo e isso também tem muito a ver com a opção
122 do falante né? com a questão de estilo... a pessoa pode dizer por exemplo
123 estou de acordo COM ou sou favorável A observem que a palavra favorável
124 pediu a preposição a e:: a palavra acordo pediu a preposição com (...)
- 131A (...) o uso da regência nominal e verbal é importante no estilo de cada
132 escritor cada um joga com a linguagem de um modo diferente e as regências
133 são uma parte muito importante disso ajudam a dar a cara dos textos com as
134 regências podemos construir um estilo como se fosse um ba-te-pa-po entre o
135 escritor e o leitor (...)

Em relação à gramática, vimos que são quatro as formas de focalizá-la no ensino: uma *gramática de uso* (o desenvolvimento dos conhecimentos lingüísticos dos indivíduos é a meta), uma *gramática reflexiva* (a reflexão sobre a língua está no centro), uma *gramática teórica* (descrição da língua por uma metalinguagem) e uma *gramática normativa* (sistematização da variedade padrão). Vemos, contudo, que Sérgio Nogueira só se volta para essa última (“rigorosamente o verbo ganhar pede a preposição por”), tirando qualquer chance de discutir, por exemplo, um outro tipo de uso: o verbo “ganhar” regendo a preposição “de”. Nesse caso, teríamos a frase “O Brasil ganhou da Argentina de três a um”, principalmente quando utilizamos a forma “O Brasil ganhou de três a um”. O que está em foco, conforme constatamos, é uma atitude simplista – além de preconceituosa, pois não leva em conta o uso do consulente – que reduz a gramática da língua a um mero manual de especificações sobre como devemos falar ou escrever, concebendo a norma lingüística em função do que está prescrito na gramática normativa.

O *Afinando a Língua*, diferentemente do *Programa de Palavra*, procura trabalhar o fenômeno da regência, não uma determinada regra de *regência verbal* (“a regência (...) tem grande contribuição para... a construção da frase para a clareza da frase”), focalizando uma *gramática de uso* (“saber utilizar

corretamente... os significados dos verbos... significa também ter domínio sobre o emprego das preposições”), uma *gramática reflexiva* (“acertar a regência é SEMpre penSAR no sentido que você quer dar à frase”), uma *gramática teórica* (“regência verbal é aquela comandada pelo VERbo regência nominal é comandada por um adjetivo OU substantivo”) e uma *gramática normativa* (“o verbo competir pode ter uma regência com o sentido de disputar né? quem compete compete com alguém ou contra alguém ou pode ter o sentido de caber alguma coisa não me compete alguma coisa não me cabe”). Essa forma de ensino nos mostra que a *gramática* está sendo concebida como tudo aquilo que é utilizado e/ou interfere na constituição e no uso dos textos nos mais variados contextos de comunicação, e a *norma lingüística* como fruto do *uso* que fazemos dos fatos gramaticais.

O trabalho com a **colocação pronominal**, enfocada apenas pelo programa *Nossa Língua Portuguesa*, como podemos observar na tabela 4, permite-nos afirmar que a concepção de *gramática* aí encontrada nos remete à *gramática normativa* – da qual tratamos em parágrafos anteriores –, uma vez que a única preocupação do apresentador-professor é apontar a forma “correta” de expressão (“fi-lo porque o quis essa é a forma dada como boa nesse registro lingüístico”); e a concepção de *norma lingüística* está atrelada a um nível hipotético da língua em relação ao qual os outros são tomados como errados (“fi-lo o pronome o se transforma em lo a utilização na/... nessa/... nesse código lingüístico a utilização é correta”), segundo vimos em Britto (1997). Destaquemos o seguinte fragmento:

(71)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa I. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assunto: **Colocação Pronominal** (a próclise).

- 73A (...) conjunções que introduzem orações subordinadas em geral atraem o
- 74 pronome oblíquo as conjunções que introduzem orações subordinadas
- 75 costumam funcionar como elementos de atração elas puxam o pronome oblíquo
- 76 portanto aí fi-lo porque o quis ((mostra no vídeo dessa forma)) em relação ao

77 primeiro pronome ((mostra, novamente, a frase “fi-lo porque o quis.”) fi-lo o
78 pronome o se transforma em lo a utilização na/... nessa/ ... nesse código
79 lingüístico a utilização é correta já que a forma verbal fiz termina em z e aí o que
80 ocorre é a supressão do z a eliminação do z e a transformação do pronome o em
81 lo fiz tal/... tal negócio fi-lo né? o objeto direto o se transforma em lo com a
82 supressão da letra z fi-lo porque o quis ((mostra, novamente, a frase no vídeo,
83 lendo-a) essa é a forma dada como boa nesse registro lingüístico no registro em
84 que se leva em conta o que pregam as... regras de colocação pronominal regras
85 que a gente sabe são contraditórias são complicadas nem sempre dizem
86 respeito àquilo que é real na língua no uso e tal mas em alguns casos a coisa é
87 mais ou menos definida nesse das conjunções subordinativas por exemplo a
88 coisa é tranqüila... é/ é/ é comum que se faça a PRÓCLISE é comum que se
89 coloque o pronome antes do verbo e aí então teríamos a forma fi-lo porque o quis
90 é isso

Percebemos que a *gramática normativa* é a forma exclusiva de se focalizar o ensino da gramática, na visão do apresentador-professor: “conjunções que introduzem orações subordinadas em geral atraem o pronome oblíquo”. Embora admita que existe um uso em oposição às regras controversas da gramática normativa (“regras de colocação pronominal regras que a gente sabe são contraditórias são complicadas nem sempre dizem respeito àquilo que é real na língua no uso”), Pasquale Cipro Neto entende que é melhor trabalhar o nosso idioma apontando o que está “certo” e o que está “errado”, tentando-nos fazer acreditar que as pessoas, freqüentemente, usam “Fi-lo porque o quis” (“é comum que se coloque o pronome antes do verbo e aí então teríamos a forma fi-lo porque o quis”), porém não “Fi-lo porque qui-lo”, estrutura que já está cristalizada nos momentos de descontração. Esse ponto de vista normativo de ensino de língua nos revela uma concepção de *norma lingüística* baseada numa idéia preconceituosa de que o ideal de língua descrito na gramática normativa é a expressão única da gramática da língua, postura que não ajuda o telespectador-aluno a desenvolver sua *competência comunicativa*, comentada no capítulo 2 desta dissertação.

O conteúdo **significação vocabular** é trabalhado pelo *Programa de Palavra* e pelo *Nossa Língua Portuguesa* exatamente da mesma maneira. O primeiro programa, mesmo admitindo que um determinado uso “errado” de uma palavra é fruto da relação dos indivíduos com seus respectivos contextos (“o peixe tem espinha que por ser fina e pontiaguda como o espinho cria a confusão que Maíra fez”), prefere reduzir a *gramática* e a *norma lingüística* a um uso específico da língua, a uma forma ideal, uma vez que a forma “espinho”, no sentido de “espinha”, é vista como fruto de uma “confusão” da cliente de Seu Nicolau. O segundo programa, de posse de uma atitude extremamente corretiva (“não confunda mais espinHA é uma coisa espinHO é outra coisa”), também relaciona o conceito de *gramática* ao de prescrição, e o de *norma lingüística* ao de ideal de língua. Vejamos os trechos que seguem:

(72)

Contexto: Programa de Palavra IV. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Seu Nicolau (SN). Cliente da banca (C). Assunto: **Significação Vocabular** (“espinho” X “espinha”).

- 103 SN (...) então vai relaxa::r? comer um peixinho frito?
 104 C isso eu já não sei ano passado me engasguei com espinho de peixe e de
 105 lá pra cá ando meio desconfiada
 106 SN mas não se preocupe tanto é só garantir que o cozinheiro tire a
 107 espin::ha ((olha para a câmera)) do peixe antes de fritar não é maíra?
 108 ((sérgio nogueira comenta))
 109 A espinho e espinha têm significados diferentes porcos-espinhos e rosas têm
 110 espinhos o peixe tem espinha que por ser fina e pontiaguda como o espinho
 111 cria a confusão que maíra fez (...)

(73)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa IV. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Assunto: **Significação Vocabular** (“espinho” X “espinha”).

- 13 A (...) essas palavras são parecidas claro espinha e espinho muda a vogal do
 14 final e muda o significado né muda mu::ito por sinal ((mostra um esquema no
 15 vídeo)) espinha... espinha é do peixe por exemplo né? é... aquilo que... é/...
 16 é... sustenta entre aspas né o peixe... é em torno disso que se coloca... que
 17 a natureza põe a carne do peixe a espinha do peixe e conseqüentemente
 18 cada uma daquelas hastezinhas que picam né que machucam a gente
 19 chama aquilo de espinha né? já as ro:sas as flo:res têm muitas vezes
 20 ((vídeo)) espinhos que pinicam que fazem mal né que machucam também
 21 mas não se pode confundir a espinha com o es-pin-ho são coisas diferentes
 22 é... metaforicamente em poesia se usa muito a palavra espinho também
 23 justamente porque quando se pega a rosa/ a rosa é bonita é perfumada
 24 teoricamente é algo bom positivo mas a gente vai pegar e... se machuca e aí

25 a palavra espinho é usada metaforicamente pra mostrar essas oposições
26 que existem na vida né essa coisa de... o que é belo... é... por trás pode ter
27 algo que machuca e tal então não confunda mais espinHA é uma coisa
28 espinHO é outra coisa e como sempre vale a velha dica na dúvida
29 dicionário consulte o dicionário tire a dúvida e não... corra o risco de errar
30 inutilmente é isso (...)

Fica bastante claro que os significados de “espinho” e de “espinha” já estão determinados, especificados, prontos no *Programa de Palavra*: “porcos-espinhos e rosas têm espinhos o peixe tem espinha”. O diálogo utilizado por Sérgio Nogueira para representar uma conversação espontânea poderia ter servido para se trabalhar a relação entre o significado da palavra e o seu respectivo contexto de uso, mostrando que nada está acabado na língua. No entanto serve apenas para mostrar aos telespectadores-alunos que as pessoas, na verdade, não participam da construção da língua. Ou seja, é a *gramática normativa* e a *norma explícita*, comentadas em momentos antecedentes, servindo de respaldo para o trabalho com a língua portuguesa empreendido pelo apresentador-professor.

No programa *Nossa Língua Portuguesa*, a preocupação em explicar os significados partindo de um ponto de vista estritamente formal (“espinha e espinho muda a vogal do final muda o significado né?”) já mostra o total descaso do apresentador-professor com o *uso*, com a língua em funcionamento. Notemos que, mesmo abordando um tipo de uso para a palavra “espinho” (“em poesia (...) a palavra espinho é usada metaforicamente pra mostrar essas oposições que existem na vida né essa coisa de... o que é belo é... por trás pode ter algo que machuca”), ficando claro que a construção do significado depende da situação comunicativa, Pasquale Cipro Neto opta por apontar os significados de “espinho” e de “espinha” isolados de suas condições de uso (“consulte o dicionário tire a dúvida”), levando o telespectador-aluno a incutir a idéia de que as pessoas que falam “espinho”, pensando em “espinha”, não conhecem seu idioma (“não... corra

o risco de errar inutilmente”). Tal atitude, como vemos, relaciona a *gramática* e a *norma lingüística* a um determinado padrão de língua que se encontra isolado dos diversos contextos de interação comunicativa, separando os indivíduos, a língua e a sociedade, como se fossem elementos independentes uns dos outros.

Com relação ao conteúdo **figuras de linguagem**, notamos que o *Programa de Palavra*, baseado numa clara perspectiva corretiva (“nem todo pleonasma é considerado erro”), e o *Nossa Língua Portuguesa*, que não consegue explicar o fato gramatical além da sintaxe (“a oração começa com os estrangeiros”), procuram trabalhar a língua portuguesa fora de suas condições de uso. Isso quer dizer que, nos dois programas, as concepções de *gramática* e de *norma lingüística* estão relacionadas, respectivamente, a um conjunto de regras a que todos devemos nos submeter, isto é, à *gramática normativa*; e à expressão única da gramática da língua, tomada como o paradigma de correção, isto é, à chamada *norma culta*, *norma padrão* ou *norma oficial*. Tomemos os trechos abaixo:

(74)

Contexto: Programa de Palavra III. Apresentador: Sérgio Nogueira (A). Sandy e Júnior (SJ). Assunto: **Figuras de Linguagem** (figura de estilo – o “pleonasma”).

13 SJ (...) cada vez que eu penso te sinto te vejo em cada sonho que eu sonhar a
14 distância existe persiste o desejo de trazer de volta do mar
15 A você sabe o nome desta figura de estilo que consiste na repetição de uma
16 mesma idéia? chama-se pleonasma é importante lembrar que nem todo
17 pleonasma é considerado erro devemos é lógico evitar os chamados
18 pleoNASmos viciosos do tipo subir pra cima descer pra baixo hemorragia de
19 sangue encarar de frente e outras repetições desnecessárias mas devemos
20 saber que existem pleonasmos expressivos é comum encontrá-los em poesias
21 como lutar uma luta inglória a ênfase também justifica alguns pleonasmos
22 como vi com meus próprios olhos pisei com meus próprios pés assim sendo
23 em cada sonho que eu sonhar é perfeito nada errado é intencional e BEM
24 expressivo (...)

(75)

Contexto: Nossa Língua Portuguesa. Apresentador: Pasquale Cipro Neto (A). Titãs (T). Assunto: **Figuras de Linguagem** (figura de sintaxe – o “anacoluto”)

11 T (...) os estrangeiros eu sei que eles vão gostar tem o atlântico tem vista pro
12 mar a amazônia jardim do quintal e o dólar deles paga o nosso mingau
13 A pois é essa canção se chama *aluga-se* de raul seixas você ouviu aí com os

14 titãs lá pelas tantas a letra diz assim ((mostra um trecho da letra, lendo-o em
15 seguida)) os estrangeiros eu sei que eles vão gostar a oração começa com os
16 estrangeiros é normal que o ouvinte espere que essa expressão os
17 estrangeiros funcione como sujeito da frase os estrangeiros... isso os
18 estrangeiros aquilo... aí o que ocorre é uma interrupção e um novo início com
19 o sujeito eu os estrangeiros EU sei essa expressão que foi posta no início é
20 largada na verdade retomada adiante com o pronome eles né eu sei que eles
21 vão gostar mas ela fica perdida na estrutura sintática fica sem função sintática
22 específica dentro da estrutura frasal é isso que é o tal a-na-co-lu-to (...)

Sérgio Nogueira, ao definir o *pleonasm*o como uma “figura de estilo que consiste na repetição de uma mesma idéia”, parece querer atrelar o fato gramatical à opção do falante, ao uso que este faz da língua; no entanto o intuito de classificar os pleonasmos em “pleoNASmos viciosos” e em “pleonasmos expressivos” revela que o apresentador-professor, na verdade, apenas está preocupado em exercer uma prática pedagógica baseada no “certo” e no “errado”, desprezando-se qualquer discussão acerca da língua. Por exemplo, em “encarar de frente”, não se levou em conta que a locução *de frente* pode muito bem atuar, dependendo do contexto, com o objetivo de mostrar que alguém, ao invés de resolver seus problemas fugindo deles, prefere enfrentá-los. Essa postura de ensino, que somente utiliza a *gramática normativa* e a *teórica*, só consegue conceber a *gramática* como um agrupamento de leis intocáveis, invariáveis (“devemos é lógico evitar os chamados pleoNASmos viciosos”), e a *norma lingüística* como um uso extraído da língua literária de épocas anteriores à dos falantes contemporâneos (“existem pleonasmos expressivos é comum encontrá-los em poesias”), esquecendo-se que a *norma* é resultado do *uso* que os indivíduos fazem da língua, conforme vimos anteriormente.

A idéia de que, com o *anacoluto*, um dos termos da oração fique sem função sintática (“essa expressão (...) fica sem função sintática específica dentro da estrutura frasal”) não é comprovada no exemplo “os estrangeiros eu sei que

eles vão gostar”, já que os termos *os estrangeiros* e *eles* exercem, respectivamente, as funções de *tema* e de *sujeito*. Notemos que esse problema de análise surge porque Pasquale não percebe que o pronome *eles* reforça a participação dos *estrangeiros* em nosso país, ou seja, o apresentador-professor não é capaz de, com o contexto, observar o funcionamento do fato gramatical na composição musical dos Titãs. Tal postura míope de enxergar o fenômeno lingüístico só poderia produzir a idéia de que a gramática e a norma lingüística associam-se apenas aos aspectos formais da língua (“essa expressão que foi posta no início é largada na verdade retomada adiante com o pronome eles né”), ponto de vista que oferecerá muito pouco aos telespectadores-alunos no que se refere ao estudo da língua.

Portanto as concepções de **língua** apresentadas pelo *Programa de Palavra* e pelo *Nossa Língua Portuguesa* convergem na direção de um **código homogêneo e invariável**, concepção que faz Sérgio Nogueira e Pasquale Cipro Neto estabelecerem o *domínio da norma-padrão* como objetivo principal para o ensino de língua, sem considerarem a importância de um raciocínio científico, as variedades lingüísticas, muito menos a necessidade de se desenvolver a *competência comunicativa* dos telespectadores-alunos, ao passo que o *Afinando a Língua*, adotando uma concepção **funcional**, vê a língua como instrumento de **interação social, variável, cognitiva, heterogênea e histórica**. Entretanto essa concepção não foi capaz de livrar tal programa de ter-se concentrado intensamente no ensino da *gramática normativa*, embora Tony Bellotto tenha desenvolvido um trabalho infinitamente superior aos apresentados pelos dois primeiros apresentadores, pois sempre esteve presente a preocupação em se relacionar o tópico gramatical à constituição do texto, aguçando, assim, o

raciocínio científico do público. Seja na escola, seja na televisão, se as atenções estiverem voltadas para o ensino de língua portuguesa e se a proposta for realmente séria, comprometida com nossa educação, deve-se sempre buscar o **desenvolvimento da competência comunicativa** do aluno / telespectador.

Quanto às concepções de **gramática** e de **norma lingüística**, vemos que o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa*, assumindo uma postura prescritiva e, ao mesmo tempo, preconceituosa de ensino, concebem a *gramática* não como a própria língua em funcionamento, em *uso*, mas como um conjunto de regras invioláveis que se impõem aos indivíduos sem nenhuma discussão, alinhando-se à *gramática normativa*; e a *norma lingüística* como resultado não do uso que fazemos da língua, mas de um ideal de língua a que todas as pessoas visam, alinhando-se às normas *prescritiva, subjetiva, explícita e padrão*, as quais, no fundo, representam um padrão ideal de realização da língua. Em contrapartida, o *Afinando a Língua*, embora tenha apresentado uma atitude normativa quanto à *conjunção* – e, mesmo assim, procurando aprofundá-la –, trabalha a língua portuguesa com base numa *gramática de uso, gramática reflexiva, gramática teórica* e numa *gramática normativa*, sempre fazendo relação entre o fato gramatical e sua funcionalidade no texto, adotando, dessa forma, a concepção de **gramática** como a própria língua em funcionamento, em uso, e a de **norma lingüística** como resultado desse *uso*, alinhando-se, respectivamente, à *gramática internalizada* e às *normas implícitas*.

CONCLUSÃO

Esta investigação científica permitiu-nos observar que as concepções de **língua**, de **gramática** e de **norma lingüística**, assim como os *objetivos do ensino de língua* devem procurar explicar os fenômenos lingüísticos a partir do *uso* que fazemos da língua nos variados contextos de interação comunicativa. Nesse sentido, não há mais espaço para aceitarmos a homogeneidade e a imutabilidade das línguas naturais, a valorização de uma variedade lingüística em detrimento de outras, muito menos os preconceitos lingüísticos advindos de posturas teórico-metodológicas que não conseguem enxergar a importância do outro na relação ensino-aprendizagem.

A **língua** deve ser vista não só como um sistema, mas, sobretudo, como uma atividade social e cognitiva, com sujeitos constituídos à medida que interagem com outros a partir de um contexto histórico-cultural. Aceitarmos tal posicionamento teórico implica inserirmo-nos na atual indagação lingüística, que, baseada numa compreensão mais rica da linguagem – um conjunto de *usos* –, exige a observação das condições de produção no momento em que se analisa seu produto.

A **gramática** é a própria língua em *uso*, em pleno funcionamento, que diz respeito à *competência lingüística* e à *textual*, as quais constituem a *competência comunicativa*. Assim sendo, em vez de falarmos de “erros” e de “acertos” gramaticais, promovendo somente preconceitos lingüísticos, devemos falar de estruturas *adequadas* e *inadequadas*.

A **norma lingüística** deve ser compreendida a partir dos *usos* que um determinado segmento social faz da língua, não de uma abstração, de uma

idealização, de caráter fortemente normativo. Podemos ver, ao longo desta dissertação, que não existe apenas uma norma, porém um conjunto de normas estabelecidas pelas diversas atividades de comunicação empreendidas pelos indivíduos, ou seja, *norma* é um comportamento lingüístico fruto das necessidades comunicativas e cognitivas das pessoas de uma dada língua natural, em razão das práticas sociais e dos hábitos culturais de uma comunidade qualquer.

Em meio às concepções de *língua*, de *gramática* e de *norma lingüística*, surgem, como conseqüência destas, os *objetivos do ensino de língua*. Ensinar a norma-padrão, levar o aluno a entrar em contato com a estrutura e o funcionamento da língua, despertando-lhe, com isso, o raciocínio científico, devem fazer parte da pauta de qualquer professor de língua, entretanto **promover a competência comunicativa** deve ser a meta precípua do trabalho com uma língua natural.

O *Programa de Palavra*, o *Nossa Língua Portuguesa* e o *Afinando a Língua*, segundo nossas observações, utilizam quadros variados que, na verdade, representam estratégias de motivação (que se realizam em nove gêneros textuais distintos) para o ensino dos tópicos da aula, cada uma tendo uma finalidade específica. A **exibição de videoclipe** usa a música popular brasileira como veículo dos conteúdos em pauta; a **utilização de esquemas** fortifica o entendimento dos assuntos a partir de notas explicativas; a **utilização de enquete** avalia o conhecimento do público quanto à significação vocabular e aos tópicos gramaticais apresentados; a **encenação teatral** promove a apresentação e o esclarecimento dos temas abordados; a **leitura de e-mail e de fax** tem por fim tirar as dúvidas do público-aluno, numa atitude de “consultório” gramatical; a

leitura de verbete de dicionário dá uma maior autoridade às explicações e às definições dos apresentadores; a **leitura de bilhete** conduz os telespectadores-alunos a estabelecer relações entre conteúdo e texto; por último, a **realização de entrevista oral**, que também serve de respaldo às explicações e às definições dos apresentadores-professores.

A **abertura** e o **fechamento** do *Programa de Palavra* e do *Nossa Língua Portuguesa* revelam que a participação do outro não é fundamental no processo ensino-aprendizagem, ao contrário do que constatamos no *Afinando a Língua*, o qual nos mostra que os telespectadores-alunos atuam decisivamente na construção da língua. Sérgio Nogueira, atuando como censor da língua na *abertura*, mantém o público como participante passivo, condição que, no *fechamento*, passa a ser a de consumidor, fundamental para a audiência do programa. Pasquale Cipro Neto, não apresentando, na *abertura*, o tópico a ser desenvolvido na aula, deixa claro que o programa é mais importante que o próprio público-aluno, idéia que se verifica também no fato de o apresentador ter prescindido do *fechamento*. Tony Bellotto, porém, ao estabelecer “pistas” para o tema da aula e uma unidade temática entre os quadros do programa, mostra que o *Afinando a Língua* redimensiona, na *abertura* e no *fechamento*, a importância do outro na constituição do conhecimento e da língua, a qual é resultado das relações travadas pelos indivíduos nos vários contextos de interação comunicativa.

De acordo com as análises, pudemos observar também que, em relação ao trabalho com as estratégias motivadoras para o ensino dos assuntos da aula, o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa* têm atuações muito parecidas, flagrantemente diferentes da apresentada pelo *Afinando a Língua*.

Apesar de a gramática normativa ser o centro das atenções das referidas produções televisivas, é certo dizermos que o *Programa de Palavra* e o *Nossa Língua Portuguesa*, cujos apresentadores se comportam como “animadores de auditório”, fazem questão apenas de que suas aulas sejam pura e simplesmente períodos de “consultas gramaticais”, ao passo que o *Afinando a Língua*, lançando mão de somente um assunto por aula, utiliza as estratégias com o objetivo exclusivo de estabelecer uma relação entre os conteúdos de cada uma delas e os respectivos contextos de uso da língua, associando a explicação à prática.

No *Programa de Palavra* e no *Nossa Língua Portuguesa*, a **língua** é vista simplesmente como um *código*, uma *forma*, um *conjunto de orações*, cuja principal função é expressar nossos pensamentos, inserindo-se, assim, no *paradigma formal*; a **gramática**, como um *conjunto de regras* a que devemos submeter-nos, baseadas, apenas, num padrão ideal de língua, purismo e na vernaculidade, na classe social de prestígio econômico, político e cultural, na lógica e na tradição clássica; e, finalmente, a **norma lingüística**, concebida como *norma prescritiva*, *norma explícita*, *norma culta*, *norma-padrão* ou *norma oficial*, que não resulta do *uso* que fazemos da língua, mas de uma idealização de uma suposta variedade do português. Essas concepções, além de terem sido responsáveis por uma prática improdutiva e pelo surgimento de preconceitos lingüísticos, levaram Sérgio Nogueira e Pasquale Cipro Neto a estabelecer o *domínio da norma-padrão* como a meta principal para o ensino de língua, deixando-se de lado o raciocínio científico, as variedades lingüísticas e o desenvolvimento da competência comunicativa dos telespectadores-alunos.

O Programa *Afinando a Língua*, no entanto, vê a **língua** como algo *funcional*; como uma *atividade social e cognitiva*, *variável*, *heterogênea* e

histórica. Porém tal visão não impediu que a *gramática normativa* fosse o centro das atenções, embora, é bom que se diga, tal programa tenha demonstrado uma prática pedagógica superior à dos outros dois programas, uma vez que sempre se fez presente a preocupação com a relação entre o tópico gramatical e a constituição do texto, levando, assim, o público a pensar cientificamente. Trabalhando a língua portuguesa com base numa *gramática de uso*, *gramática reflexiva*, *gramática teórica* e numa *gramática normativa*, tendo sempre a preocupação em relacionar o fato gramatical e a sua funcionalidade no texto, o *Afinando a Língua* concebe a **gramática** como a própria língua em *uso*, em *funcionamento*, e a **norma lingüística** como conseqüência desse *uso*, associando-se, respectivamente, à *gramática internalizada* e às *normas implícitas*.

Como todo processo de investigação científica precisa fazer recortes para conhecer, de forma mais aprofundada, o objeto de estudo, deixamos outros aspectos para trabalhos futuros. Considerando o prestígio destes programas, seria interessante investigar, por exemplo, os *bastidores* dos programas aqui analisados. O que faz com que as emissoras insiram, em suas programações, tais programas? Quem são os profissionais que orientam a montagem dos programas? Qual a relação da equipe responsável por esses programas com os profissionais da linguagem, lingüistas e professores de língua materna? Essas são apenas algumas indagações iniciais. Simultaneamente, poderíamos investigar também as seções destinadas à orientação sobre o uso da língua portuguesa em jornais e revistas de circulação nacional, uma vez que o *início da carreira de professores-apresentadores* se dá na mídia escrita.

Esperamos que o nosso trabalho sirva de mais uma fonte de referência para o ensino de língua, seja na sala de aula, seja na televisão, despertando não

só os telespectadores-alunos, mas toda a sociedade brasileira para a importância de posturas pedagógicas que adotem concepções de *língua*, de *gramática* e de *norma lingüística* que contribuam para o *desenvolvimento da competência comunicativa*.

BIBLIOGRAFIA

- ALÉONG, Stanley. 2001. Normas lingüísticas, normas sociais: uma perspectiva antropológica. In: BAGNO, Marcos (Org.) 2001. *Norma lingüística*. São Paulo: Edições Loyola.
- BAGNO, Marcos. 1999. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Loyola.
- _____. 2000. *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). 1995. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7 ed. São Paulo: Hucitec Ltda.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. 1997. *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: Mercado de Letras.
- BRUNER, Jerome. 1997. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CÂMARA JR, J. Matoso. 1986. *Dicionário de lingüística e gramática*. 13 ed. Petrópolis: Vozes.
- CASTILHO, Ataliba T. de. 1998. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.
- DIONISIO, Angela Paiva. 2002. Verbetes: um gênero além do dicionário. In: DIONISIO, Ângela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora. 2002. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GERALDI, João Wanderley. 1996. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras.
- _____. 1997. *Portos de passagem*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.

- GIRON, Luís Antônio. 2002. Crepúsculo dos gramáticos. *Cult*, São Paulo: Editora 17, ano 5, nº 58, p. 35-43
- LEITE, Marli Quadros. 1998. Língua falada: uso e norma. In: PRETI, Dino (org.) 1998. *Estudos de lingual falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP.
- _____. 1999(a). Norma na língua falada e na língua escrita. In: MOURA, Denilda (Org.). 1999. *Os múltiplos usos da língua falada*. Maceió: EDUFAL.
- _____. 1999(b). *Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro*. São Paulo: Humanitas.
- LUCIANO, Dilma Tavares. (2000) Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE. Recife.
- LYONS, John. 1987. *Língua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1998. Nove teses para uma reflexão sobre a valorização da fala no ensino de língua. *Revista da ANPOLL*, nº 4, p.137-156, jan/jun.
- _____. 2000. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: Editora da UFPE.
- _____. 2000. *O papel da lingüística no ensino de línguas*. Mimeo.
- MEDEIROS, João Bosco. 1997. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 3 ed. São Paulo: Atlas.
- MOISÉS, Massaud. 1987. *A criação literária: prosa*. 4 ed. São Paulo: Cultrix.

- NEVES, Maria Helena de Moura. 1997. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. 2002. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: UNESP.
- PERINI, Mário A. 1995. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática.
- POSSENTI, Sírio. 1998. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo Guimarães. 2001. *Dicionário de comunicação*. 2 ed. rev e atualizada. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- REY, Alain. 2001. Usos, julgamentos e prescrições lingüísticas. In: BAGNO, Marcos (Org.) 2001. *Norma lingüística*. 2001. São Paulo: Edições Loyola.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1977. *Curso de Lingüística Geral*. 8 ed. São Paulo: Cultrix.
- SOARES, Magda Becker. 1996. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 14 ed. São Paulo: Ática
- _____. 1998. Concepções de linguagem e o ensino da língua portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org). *Língua portuguesa: história, perspectiva, ensino*. São paulo: EDUC.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1997. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 3 ed. São Paulo: Cortez.